



# LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

*“VIVI NUMA CASA LONGE DA MINHA CASA”*

UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO DA  
EXPERIÊNCIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

PATRÍCIA MONTEIRO MACHADO

Orientador de Dissertação:  
PROF. DOUTOR VÍTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:  
PROF. DOUTOR VÍTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:  
MESTRE EM PSICOLOGIA  
Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues apresentada no ISPA –  
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre  
na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Vítor Amorim Rodrigues, pelas palavras certas, incentivo e rigor científico que foi demonstrado durante esta fase, principalmente nos momentos em que as dúvidas surgiram e o futuro da presente tese estava duvidoso.

Aos meus pais, por todo o amor, e por todo o apoio, por me terem possibilitado tirar o curso dos meus sonhos, pela compreensão nos momentos de aflição e por caminharem lado a lado comigo.

Aos meus irmãos, Ju, Fábio e Nini, por me ensinarem que quando se é mais velho tem que se crescer mais depressa, por me ensinarem o que é amar de verdade e, essencialmente, por serem os amores da minha vida.

Aos meus avós Lili, Zé, Natália e António, por serem uns segundos pais, pelas travessuras escondidas, pelas ajudas nos momentos de aflição, por me amarem incondicionalmente como se de uma filha se tratasse.

Aos meus tios, Gaby e Jorge por serem um pilar fulcral e por acompanharem o meu crescimento de uma forma tão sincera e com tanto amor.

À Bola, por estar todos os segundos ao meu lado, pela ajuda e compressão ao longo do meu percurso, por todas as contenções de ansiedade e essencialmente por acreditar em mim tão genuinamente, por ser o meu apoio principal, contigo ao lado é tudo mais fácil.

À Mariana, por uma vida partilhada, com tanto amor, por me ensinar que para além de colegas de casa e melhores amigas, somos a família que temos em Lisboa, por preferirmos estar juntas a qualquer outra coisa, por ser o porto seguro.

À Sofia, pela proteção, segurança, amizade sem limites, confiança, por caminhar lado a lado comigo, por crescermos juntas e porque assim tudo é mais fácil, por todo o apoio demonstrado e por me ter mostrado que é possível ter uma casa longe de casa.

À Maura, por me ensinar que por mais longe que esteja vai sempre estar na linha da frente, por me fazeres acreditar que a loucura existe e que por mais fundo que se possa ir é possível voltar para cima e ser-se brilhante, obrigada por todo o apoio e amizade.

À Valentim, por ser termos crescido juntas, por todo o apoio demonstrado, pelas aventuras e pelas mudanças conjuntas, pela amizade sem limites demonstrada, essencialmente pela proteção, por me ter aberto as portas de casa, assim foi mais fácil.

À Vargas, pela segurança, pelo apoio e admiração, pela amizade estupenda que foi criada e que perdurará para sempre, aconteça o que acontecer.

À Chica, pela ajuda e amizade tão pura e genuína, pela confiança e apoio que foram fundamentais, pela força e amor que perdurará.

À Pitinha, pela paciência, responsabilidade, amizade, ingenuidade, inteligência e carinho, por ser uma força da natureza e por ser a melhor pessoa que pisa este planeta, por me ter acompanhado e por fazer parte da minha família em Lisboa.

À Mafa, por todas as aventuras na Robi, pelos passeios até ao Guincho, por toda a amizade demonstrada e apoio incondicional demonstrado ao longo destes anos, por este percurso ter terminado numa casa linda em Campo de Ourique.

À G Pires, pela responsabilidade e ponderação demonstradas, pela amizade incondicional e por todo o apoio e dedicação ao longo destes tão intensos cinco anos.

À Catarina Nobre, pelo apoio teórico e emocional que me permitiram um crescimento estupendo, pela amizade incondicional.

Ao Dédé, por toda a amizade incondicional e por toda a proteção, por ser o melhor amigo que se pode ter.

Ao Zequinha, pelo apoio incondicional demonstrado, pela amizade e confiança que foram confiados ao longo deste percurso.

À Lecas e Tecas, por me ensinarem que o tempo por mais pouco que seja pode ser fantástico, por uma amizade ainda pequenina, mas especial, pelo apoio e amizade.

À Sofia Ferreira, Martinha, Didi, Chica, Francis, Vanessa, Patrícia Teles, Zé Igreja, Martinho, Mafalda Nogueira, Andreia Ferreira, André Ferreira, Melody Santos e Cátia Anselmo, por toda a amizade, apoio, suporte emocional que demonstraram ao longo destes cinco anos.

À Mónica, que fez com que fosse possível de uma forma brilhante que esta tese se realizasse, que me deu as ferramentas necessárias para que eu conseguisse seguir em frente, por toda a amizade e apoio demonstrados.

À Dr.<sup>a</sup> Carla Oliveira, pelo incentivo constante, pela confiança e apoio demonstrado nesta fase.

Às minhas colegas da Instituição da C.A.M.A, por todo o apoio e amizade que demonstraram durante esta fase da realização da Dissertação de Mestrado.

Ao Tony, Sofia, Sr.<sup>o</sup> Rúben, Amílcar e Sr.<sup>o</sup> Reis, pelos bons dias calorosos e amizade durante todos os dias, ao longo de cinco anos, que me fizeram confirmar que fiz a escolha certa.

Ao Mário, Laura, Rita Pires, Inês, Kika, Manel, Olga, Guida, Joana Cabrita, Rita Martins e à pequena Nônô, por me ensinarem que as amizades de longa data perduram e pelo apoio e reforço constante.

Aos participantes, que de forma voluntária demonstraram disponibilidade emocional e física para que esta investigação fosse concretizada.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal a exploração e compreensão da experiência subjetiva dos sujeitos que passaram pela institucionalização, por outras palavras, perceber o fenômeno da *institucionalização* através do olhar dos sujeitos que vivenciaram esta experiência. A metodologia aplicada neste estudo insere-se na utilização do método fenomenológico Amadeo Giorgi, para que desta forma, seja possível estudar os fenômenos vividos pelos diferentes indivíduos e alcançar uma descrição final com os constituintes essenciais e invariáveis desta experiência subjetiva. A amostra é constituída por cinco participantes do sexo feminino que vivenciaram a institucionalização, com idades compreendidas entre os 21 e 29 anos. Os resultados indicam que o significado da experiência da institucionalização está intrinsecamente associado a desproteção que os sujeitos estavam sujeitos na sua anterior casa, bem como a vínculos afetivos, suporte emocional e sofrimento psicológico que os participantes vivenciaram ao longo do período em que viveram na Instituição. Os sentimentos de perda, angústia e sofrimento psicológico que estão predominantes nesta experiência são apaziguados através de um suporte emocional. Por fim, as mudanças na forma de estar e ser no mundo, representam outro constituinte essencial desta experiência.

**Palavras-chave:** Família. Institucionalização. Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi.

## ABSTRACT

The present study has as main objective the exploration and understanding of the subjective experience of individuals who have gone through institutionalization, that is, to understand the phenomenon of institutionalization through the eyes of the individuals who experienced it. The methodology used in this study is the phenomenological method of Amadeo Giorgi, to be possible the study of phenomena experienced by different individuals and achieve a final description with the essential and invariable constituents of this subjective experience. Five female participants consisted who experienced institutionalization consisted in this sample, aged between 21 and 29 years. The results indicate that the meaning of the experience of institutionalization is intrinsically associated with the deprotection that the subjects were under their previously home, such as the emotional ties, emotional support and psychological suffering that participants experienced during the period in which they lived in the institution. Feelings of loss, anguish and psychological suffering that are prevalent in this experience are appeased through an emotional support. Finally, changes in the way of be and being in the world, are another essential constituent of this experience.

**Key Words:** Family. Institutionalization. Phenomenological method of Amadeo Giorgi.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	2
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
CAPÍTULO II.....	12
METODOLOGIA.....	12
Objetivos do Estudo.....	12
Participantes.....	12
Material.....	13
Procedimentos.....	14
Investigação Qualitativa.....	15
Método Fenomenológico.....	15
Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi.....	16
CAPÍTULO III.....	18
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	18
Descrição da Estrutura Geral de Significado.....	18
Constituintes Essenciais e Variações Empíricas.....	19
CAPÍTULO IV.....	32
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	32
Diálogo com a Literatura.....	32
Conclusões.....	36
Limitações do Estudo.....	38
Potencialidades e Propostas de Investigação.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
ANEXOS.....	47
Anexo A – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico da P1.....	48
Anexo B – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico da P2.....	87
Anexo C – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico da P3.....	115

Anexo D – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico da P4.....	141
Anexo E – Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico da P5.....	165

#### TABELAS

TABELA 1. Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas.....	29
---	----

#### FIGURAS

Figura 1. Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência da Institucionalização.....	36
---	----

## INTRODUÇÃO

Enquadrado no contexto de uma investigação qualitativa e, através de uma leitura fenomenológica à luz do método Amadeo Giorgi, o presente estudo tem como principal objetivo a descrição e compreensão da experiência subjetiva dos sujeitos que passaram pelo fenómeno da institucionalização, realizada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

A motivação de âmbito académico relaciona-se com a necessidade de desenvolvimento de conhecimentos e aptidões para uma melhor adaptação e intervenção na área na institucionalização.

A motivação de âmbito pessoal que levou ao desenvolvimento do presente tema surgiu a partir do estágio curricular proposto pelo ISPA, na Casa de Acolhimento Mãe Amiga, que acolhe crianças em risco. Neste sentido, pretendeu-se refletir sobre o fenómeno em si e as várias lacunas que existem em seu redor.

A presente Dissertação de Mestrado começa por enquadrar, no Capítulo I, a temática da institucionalização, revendo alguns conceitos e investigações existentes na literatura atual, bem como outros conhecimentos relativos à temática.

No Capítulo II, será apresentada a metodologia utilizada, o objetivo do estudo, os participantes, o material e os procedimentos utilizados. O método fenomenológico de Amadeo Giorgi é o suporte da pesquisa em estudo.

No Capítulo III, é exposta a apresentação e análise dos resultados das experiências da institucionalização, sendo estas analisadas criteriosamente e ilustradas graficamente através dos constituintes essências e das variações empíricas na descrição dos cinco participantes.

Para finalizar, no Capítulo IV serão discutidos os resultados por meio de um diálogo com a literatura existente e sugerem-se também novas possibilidades para futuras investigações, assim como as limitações que foram sendo encontradas ao longo deste estudo.

## CAPÍTULO I

### ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A problemática da institucionalização na infância e na adolescência constitui um tema de grande importância social.

As concepções mais gerais e mais comuns, definem o termo abrigo como sendo um asilo, um esconderijo, um refúgio. Este tipo de definições cria a noção de um isolamento social. No caso concreto das instituições infantis, a sua presença histórica remete quase em todos os casos para uma intenção política de esconder do olhar público aquilo que é contra a ordem social e também a dignidade humana – o abandono das crianças e os maus tratos na família.

Durante vários séculos, esta ideia influenciou a formulação das políticas de atenção à infância desprotegida – nomeadamente crianças pobres, órfãs e abandonadas. Contudo, contribui para manter “acesa” a opinião de que o acolhimento de crianças nestas instituições é a medida mais adequada para situações de risco infantil tais como o estilo parental permissivo, indiferente, ou autoritário (Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg, 2004), para acontecimentos que são causadores stressantes na família (Cole e Cole, 2004) e ainda para a ausência de uma rede social de apoio à família (Barker e Rizzini, 2002).

De acordo com as teorias atuais, a indiferença perante a infância antigamente, era aterradora, bem como também pela mortalidade infantil, doenças, atrasos e deficiências. Os cuidados médicos e também maternos eram praticamente nulos. Existem muitas explicações para este tipo de situação, bem como o facto de as famílias terem que trabalhar constantemente para sobreviver, ligar-se a um filho de forma emocional era insuportável porque a probabilidade de ele vir a falecer era muito grande e devido a todos estes fatores, o investimento dado na infância era muito reduzido. A criança durante muito tempo foi vista, por os adultos, como um incómodo, que atrapalhava os seus afazeres, um ser destituído de razão, sem valia social (Ariès e Burgière, 1997)

Segundo Burgière (1997) o abandono e os maus-tratos na infância sempre fizeram parte da história da Humanidade, como confirma a história das instituições de acolhimento. Ou seja, esta história tem vários séculos, tanto para órfãos e crianças que foram abandonadas pelos seus pais, mas também porque em determinadas épocas, a

institucionalização era encarada como sendo a melhor forma para educar uma criança, para a preparar para vida, antes de juntar a mesma aos adultos.

Contudo, a partir do séc. XX, começa a existir uma preocupação coesa e verdadeira com a infância. O resultado do conhecimento científico, dos domínios da Pediatria, Psicologia da Criança e da Educação, originou uma sensibilização gradual para os problemas relacionados com as crianças, e teve como resultado uma crescente representação mediática de situações que revelam uma infância desprotegida, que sobrevive e cresce em situações que são consideradas situações de risco e que passam a ser cruciais para que as crianças possam passar por um percurso de desenvolvimento equilibrado e saudável (Martins, 2004).

De acordo com o Sistema Legal Português, existem duas vertentes que definem a institucionalização de crianças e adolescentes, a primeira diz respeito à promoção e proteção de jovens que são vítimas de abusos e/ou negligência, e a segunda corresponde à institucionalização de adolescentes que cometem atos, considerados como crimes. Em Portugal existem cerca de 11.200 crianças acolhidas em instituições, sendo que 9.000 encontram-se em Lares de Infância e Juventude (CDSS, PII, 2006).

Segundo Goffman (1974, cit. por Carvalho, 1999), uma instituição é um lugar de residência e de trabalho, com um grande elevado número de indivíduos que estão a passar pela mesma situação. O autor afirma que os habitantes desta instituição foram cortados do meio exterior por um período que se pode revelar longo. Segundo Goffman, leva a uma vida fechada, onde tudo é meticulosamente regulado.

Sandomingo (1998), considerou e descreveu instituição de acolhimento que se destina a crianças e jovens, como “criadas pela iniciativa pública ou privada para facilitar uma atenção especializada àquelas crianças e jovens que, por circunstâncias familiares distintas, necessitam de ser separadas temporariamente do seu núcleo familiar, e para os quais o internamento é a opção preferencial face à impossibilidade de lhes poder oferecer outro tipo de recursos”.

O primeiro microssistema em que a criança interage é a família, e esta representa uma dimensão importante na vida dos indivíduos. Esta é a primeira rede de apoio da criança logo iniciada muito cedo com as primeiras relações com as figuras cuidadoras. No entanto, esta família pode representar tantos fatores de proteção, com fatores de risco, consoante o seu funcionamento e a sua dinâmica. Desta forma vão interagir aspetos entre si, que podem concluir numa experiência de *stress* ou de proteção para a criança (Brito & Koller, 1999).

A família pode apresentar como foi referido anteriormente fatores de risco, isto significa condições ou variáveis que estão associadas a uma alta possibilidade de ocorrência de resultados negativos ou não são desejáveis (De Antoni, 2005). Contudo, este risco não pode ser considerado como sendo imóvel, mas sim como sendo um processo, que é delineado a partir de uma determinada situação e que vai criar os seus resultados específicos. Alguns são os fatores de risco numa família, tais como, negligência parental, violência doméstica, padrões parentais de cuidado e supervisão inadequados, pobreza, rigidez nas práticas educativas e doença mental (Master & Garmezy, 1985).

Em situações que se verifica o facto de a família não desempenhar um papel fornecedor de apoio e proteção, isto é, as crianças correm o risco de sofrer mazelas, a nível do seu desenvolvimento e bem-estar, torna-se pertinente que se tomem medidas de proteção, como o acolhimento das mesmas (Brito & Koller, 1999).

Loos, Ferreira e Vasconcellos (2002), consideraram que a violência dentro das próprias famílias e as situações de risco são consideradas como as principais causas para a institucionalização infantil. Quando são retirados das suas famílias, há uma quebra com os seus vínculos anteriores, que mesmo podendo ser perturbados, eram os referenciais que as crianças tinham. Crianças com sequelas sociais e emocionais manifestam, segundo estes autores, atitudes defensivas contra ambientes que possam indicar-se como ameaçadores, desconfiança básica, agressividade, sentimentos de culpa e baixa autoestima.

Existem fatores de proteção, mas também podem existir fatores de risco nas instituições de acolhimento, tais como um inadequado acolhimento no momento em que a criança chega à instituição, hostilidade entre crianças e os seus monitores, rotatividade de funcionários, falta de atividades planeadas, várias crianças para apenas um cuidador, práticas educativas coercivas e a falta de investimento emocional podem ser alguns dos aspetos que podem levar a que este tipo de instituições se possa tornar como um fator de risco (Yures, Miranda & Cuello, 2004). No entanto, também podem existir fatores que incitam a proteção das crianças, são estes, a compreensão e respeito pelas histórias individuais de cada um, a vinculação afetiva entre as crianças e os funcionários, sentimento de proteção, etc., tudo isto faz com que as crianças possam estabelecer novos relacionamentos, possibilitando desta forma o contacto com uma estrutura organizada (Siqueira & Dell'Aglio, 2006).

No que diz respeito aos direitos à convivência familiar das crianças e adolescentes em situações consideradas de risco, a fim de evitar separação e os problemas que estão diretamente ligados a esta separação, deve-se preservar tanto quanto possível a criança/adolescente na família de origem. No entanto, a separação é inevitável e, neste sentido, é necessário trabalhar na manutenção do vínculo familiar e também na reintegração rápida, para que os mesmos se sintam inseridos num ambiente familiar (Bronfenbrenner, 1996)

Alguns estudos que aprofundaram a questão da “reunificação familiar”, entenderam-na como uma reunião física de crianças e adolescentes, que estavam sob supervisão de outros que não eram a sua família de origem (Siva, 2004). Estes estudos revelam que a pobreza é considerada o principal motivo para a saída de casa e, na maioria dos casos, é considerado também o principal obstáculo para a reintegração na família (Eamon & Kopels, 2004)

As visitas que frequentemente os pais fazem às crianças nas instituições de acolhimento, foram consideradas como um grande fator para a reunificação familiar, sendo que aqueles que recebem visitas, indicadas pela Assistente Social, tiveram mais oportunidades para regressar à sua família de origem (Davis, Landsverk, Newton & Ganger, 1996). Contudo, um estudo feito por Festinger, apontou os fatores de risco que são mais relevantes para existir uma nova institucionalização da criança/adolescente, tais como, as competências parentais pobres, a ausência ou pobre apoio social e a recusa de serviços externos necessários, como por exemplo, um programa para treinar as competências parentais (Festinger, 1996)

John Bowlby (1998), considera que a saúde mental das crianças se cria através da qualidade dos cuidados parentais que são recebidos nos primeiros anos de vida e que se constitui como fundamental, na medida em que delinea traços e trajetórias fundamentais para o futuro da criança. Bowlby definiu, como sendo considerado vinculação, um sistema inato de comportamentos que aproximam o bebé às suas figuras cuidadoras, de modo a obter e adquirir proteção que necessitam.

Segundo Page (2001), é na qualidade das relações precoces que se dá o desenvolvimento relacional, no que diz respeito à construção de percepções acerca das relações e ainda ao desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança.

Os vínculos são um referencial primário para que seja possível a criança criar uma conceção de si e do mundo. Os laços afetivos que são destruturados, podem trazer efeitos futuros a nível comportamental dos indivíduos, como por exemplo na sua

autoestima, que pode delinear a forma como a criança se relaciona com os outros e com o mundo em geral (Webber & Kossobudzki, 1996).

Quando existe a impossibilidade de se manter ou formar vínculos dentro de uma Instituição, isto deve-se ao facto do elevado número de crianças institucionalizadas, do tratamento massificado e despersonalizado, da rotatividade de funcionários, das transferências para outras instituições e, ainda, da quebra de ligação da criança da sua família e da sua comunidade (Webber, 1999).

Nos estudos de Lewis e Wolkmar (1993), estes concluíram que os bebés que eram criados em instituições, apresentam com alguma regularidade o hábito de se agarrar a alguém e/ou o comportamento de seguir uma pessoa, mostravam a capacidade de conseguir estabelecer uma ligação duradoura, profunda e menos vinculadas do que as crianças que eram criadas em famílias.

Costa (1993) considera as crianças institucionalizadas como crianças tristes, deprimidas, angustiadas, sempre à procura de amor e ternura e com um futuro incerto. Considerou ainda que muitas crianças acabam por falecer, por deficiência de cuidados, mas essencialmente pela baixa resistência imunológica, derivada da carência afetiva das crianças institucionalizadas.

A criança que é institucionalizada, passa por uma experiência que envolve perdas, perda dos seus referenciais de vida que, por vezes, ocorrem simultaneamente. Para estas crianças, o mundo que elas conheciam deixou de existir – ainda que por vezes este tipo de situações seja temporário, contudo durante este período, as crianças têm de incluir na sua história de vida um mundo novo, com novas referências. Tudo o que lhes era familiar e certo, mesmo que por vezes destruturado e até perigoso, é substituído pela instituição que recebe a criança. Com isto a identidade fica ameaçada, pois perde os pilares que a sustentavam: pais, culturas e comunidade. O passado, presente e futuro ficam ameaçados, e esta perde a sensação de segurança e controle no que vai acontecer (Marin, 1999, Mazorra e Tinoco, 2001).

A passagem por uma instituição é muito intensa e é um percurso difícil que para além de o ser para a criança, também é para os pais e profissionais que acompanham a situação. Trata-se de uma experiência de perda e de uma readaptação a este momento, envolvendo sentimentos e um processo de luto. Segundo Bowlby (1969 cit por. Parkes, 1998), considera-se luto uma reação normal, perante a quebra de um vínculo e ainda um processo essencial para que haja a elaboração desta perda, durante o período de institucionalização, muitos lutos estão presentes na criança.

Calvante, Magalhães e Ponte (2007), compararam a segurança e o bem-estar que as instituições oferecem, a prisões ou colégios internos onde existem rotinas específicas e regras fixas. Contudo, afirmaram ainda que as instituições para além de promoverem um acolhimento e uma segurança necessário para as crianças e jovens que neles residem, também limitam a individualidade, intimidade e as particularidades de cada um, visto que não podem atender às necessidades de cada um de forma individual.

Rêgo, Lima e Amazona (2006) ao concordar com os autores em cima mencionados, enfatizaram a falta de individualização que é sentida por parte das crianças institucionalizadas. Quando estas chegam à instituição, é comum que tenham que se desfazer dos seus próprios pertencentes e objetos pessoais, em prol da convivência grupal. Para uma instituição poder funcionar de uma forma organizada e com uma rotina apropriada, é também importante estimular a passividade das crianças. Qualquer situação que não vá de encontro à cultura da instituição pode levar à desestruturação da mesma, isto deve-se ao facto de quando as diferenças são sobressaídas e a criança é vista e entendida como um ser com identidade própria podem ocorrer conflitos que iram prejudicar a padronização.

Algumas destas crianças não aceitam de forma leve o facto de as ignorarem e de as excluírem e, em invés de se tornarem passivas como é o objetivo dos profissionais - como já foi exposto no parágrafo acima - tornam-se mais visíveis através de fugas, birras, conflitos ou reclamações (Oriente & Sousa, 2005).

Devido às situações familiares desfavoráveis pelas quais estas crianças passaram, muitas vezes criam mecanismos de defesa para conseguir lidar com sentimentos de abandono e desproteção desenvolvendo, por vezes, comportamentos antissociais intrínsecos à situação de privação vivida antes do acolhimento (Oriente & Sousa, 2005).

Rotonduro (2002) considerou que as crianças institucionalizadas têm medo de se vincularem, como se o vínculo para estas crianças fosse ameaçador. Existe um medo firme de poder perder pessoas às quais estão vinculadas e/ou das quais dependem atualmente. Desta forma, os profissionais devem respeitar o tempo que cada criança levará a vincular-se.

Relativamente à autoimagem corporal de crianças institucionalizadas, a instituição é em si uma geradora de mudanças emocionais e de autoestima nas vidas destas, sendo que a imagem corporal é originada pela experiência vivida socialmente pela criança. As experiências vividas pelas crianças anteriormente ao acolhimento têm

interferências importantes na sua imagem corporal, sendo indiscutível que a institucionalização afeta o seu autoconceito, possivelmente devido ao impacto dos fatores sócio – afetivos decorrentes da vivência da criança. Zórtea; Kreutz e Johann (2008) compararam a imagem corporal de crianças institucionalizadas e de crianças não institucionalizadas, de onde concluíram que as crianças institucionalizadas tinham mais dúvidas relativamente às suas qualidades, necessitando de questionar, por exemplo, à professora se são bonitas ou feias, se têm ou não valor. A ausência parental e a precaridade do individualismo no dia-a-dia destas crianças, podem ser considerados como fatores que influenciam na valorização, insegurança e potencialidade das mesmas.

No que diz respeito à promoção social, existe uma diferença para as crianças institucionalizadas, sendo que estas podem ocupar o lugar de filho ou então de assistido nas representações de cuidador (Guirardo, 2004). Concluímos que a instituição nunca substituirá o atendimento familiar, pois quando se tenta colocar no lugar da família, a instituição torna o seu desenvolvimento inadequado. Dentro de uma instituição há uma tendência para padronização e uma perda de significado individual, devido à rotina institucional e a rotatividade dos profissionais que trabalham nas instituições, como já descrito anteriormente. Para além disto, existem ainda rótulos que ficam colados a estas crianças como “criança abandonada” ou “coitada” o que favorece a precaridade de identidade que é construída nestes espaços institucionais (Rêgo, Lima e Amazonas, 2006).

É de salientar que estamos perante uma sociedade que coloca num lugar primordial a família, que dá as indicações para adaptação social da criança e para a sua saúde mental. Atualmente valoriza-se este tipo de relações e aqueles que não se constituíram assim, são postos à margem na sociedade de hoje (Guirardo, 2004).

Calvante, Magalhães e Pontes (2007), consideram que a instituição nunca terá um ambiente de um lar de família, e afirma que a permanência das crianças nas instituições pode limitar a convivência afetuosa e restringir a sensação de liberdade o que o ambiente familiar normalmente oferece. Pereira (2006) diz que o acolhimento de crianças e jovens não é uma solução ideal para as crianças que são abandonadas, pois diz que as instituições não estimulam um trabalho de apoio à convivência familiar, e conclui que esta convivência familiar é fundamental para um bom desenvolvimento infantil.

Pereira (2006) constatou no seu estudo que as crianças acolhidas sentem saudades, tristeza, inseguranças e medos e precisam e desejam a convivência familiar. A

questão do abandono e da negligência é apenas focada na criança em perigo, e por vezes não se tem em consideração a família da mesma. É importante lembrar que a causa para a criança ser abandonada não está, muitas vezes, diretamente associada aos pais que não souberam dar afeto, é de salientar que muitas vezes a miséria familiar é a causa para a institucionalização da criança. Ao julgar em primeira mão a família, não são tidos em conta vínculos familiares que podem existir entre a criança e a família, e a família passa a ser vista como perigosa e a instituição como ambiente seguro para um bom desenvolvimento infantil.

A partir do momento em que a criança e jovem é sinalizado como estando em perigo, entra num sistema de proteção ou sistema tutelar educativo e passa a ser tratada como a “criança ou jovem em risco”, isto cria nas crianças um estatuto desvalorizado e transforma-as em “clientes”, toda esta situação é vivida para estas crianças, como já referido anteriormente, como humilhação e, automaticamente, entra em prática um processo de etiquetagem (Dias, 1998).

Toda esta estigmatização desencadeia imagens sociais que levam à construção de estereótipos e desenvolvem preconceitos pela sociedade para com estas crianças ou jovens guiando, assim, para uma discriminação social. Não obstante, estas crianças vão interiorizar esta discriminação por parte da sociedade e, por sua vez, vão desenvolver processos de diferenciação negativa, pela auto-desvalorização e auto-discriminação (Taylor, 2004).

Hoje em dia o processo de institucionalização de crianças e jovens está estritamente ligado a nível social a uma família de esfera socioeconómica baixa, e não a uma família em situação de maus-tratos e violência (Carvalho, 1999 cit. Alberto, 2003). Contudo a existência de maus tratos existe em todas as classes sociais, no entanto as populações institucionalizadas refletem apenas os estratos sociais mais desfavorecidos (Wolfe, 1985 cit. Alberto, 2003). Deste modo, o termo “crianças em risco” tem sido usado para esconder situações que na realidade ultrapassam a pobreza (Gersão, 1996). Todos estes fatores criam estigmatização e reprodução de desigualdades.

Outro aspeto importante na institucionalização é a multi-assistência, isto é, cada instituição tem como objetivo atuar numa determinada área (delinquência, pobreza, cuidados a crianças abandonadas, etc.), e dentro de cada instituição existe uma enormidade de técnicos que tem como cargo funções específicas (o assistente social faz as visitas domiciliárias, o psicólogo atende as crianças individualmente, o médico dá consultas e analisa a saúde da criança, etc.), vejamos então que cada técnico atua

numa determina área. Isto leva a que, muitas vezes, haja uma descoordenação entre os objetivos e as práticas emanadas dos diferentes serviços, o que produz uma consequente fragmentação da intervenção na família e nos profissionais (Sousa, 2005).

Por vezes não são promovidos limites necessários entre a família e os serviços, as fronteiras entre estes não são bem definidas, o que faz com que ocorra a transferência de funções que são familiares para os serviços sociais. Isto contribui com algum peso para a perda de autonomia ou sentimentos de impotência e incapacidade das famílias na gestão das respetivas vidas (Sousa, 2005).

Quando estas instituições têm muitos objetivos, que são impossíveis de interligar entre si (elevado número de admissões e, ao mesmo tempo, proporcionar um ambiente familiar) ou, quando vários grupos fora ou dentro da organização, possuidores de influência, não coincidem quanto ao objetivo que a instituição deve seguir, cria-se um conflito de objetivos (terapêutico, educativo, assistencial ou preventivo). Deste modo, nascem tensões entre os membros afetando o seu desempenho (Mosteirín, 2000).

Uma criança, sem pertença sentida e reconhecida, fica à margem das estruturas e circuitos sociais que lhes permitem criar relações, trocas afetivas e, desta forma, vincular-se. Quando existe uma falta de organização das interações quotidianas, leva a que se comprometa o sentimento de fluidez e desorientação pessoal e social. Uma criança que viva sem referências consistentes, fora dos percursos definidos e estabelecidos para um bom desenvolvimento, sente-se perdida e desvinculada de si e dos outros – abandonada – em risco, intrapessoal, interpessoal e social (Martins, 2005).

A institucionalização, para além do afastamento da criança do seu meio familiar, leva ainda a um afastamento do seu meio físico e social em que estava inserido. A criança quando chega à instituição vem com uma cultura apreendida, uma forma de viver estruturada, rotinas aceites sem discussão pelo que, o distanciamento físico do seu meio, pode dificultar a sua integração na instituição e mais tarde, se voltar, no seu meio. (Goffman, 1961).

É de salientar que o facto de as instituições serem, na maioria das vezes, longe da zona de habitação das crianças ou dos jovens deve-se, essencialmente, à disponibilidade do momento e não das características da instituição e do indivíduo, o que revela uma fragilidade do sistema de promoção e proteção de crianças e jovens. Tal situação é prejudicial para o indivíduo, pois o menor pode, eventualmente, regressar ao seu meio (Cóias, 1995).

Após o acolhimento, a instituição deveria garantir a independência e autonomia do jovem de forma progressiva e, ainda, incentivar o acesso aos bens e serviços necessários para que esta consiga começar uma vida autonomamente.

De forma a melhorar a qualidade das Instituições, seria necessário que se fizesse uma avaliação externa das mesmas, para que se construíssem estratégias de controlo da qualidade dos serviços institucionais. Concluindo que nenhuma instituição alcança a perfeição, é necessário que se evolua e se tente evoluir para alcançar esse objetivo, garantindo a consecução dos objetivos a que as mesmas se propõem, essencialmente, a proteção e a educação para o direito das crianças e adolescentes (Raymond, 1996).

## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA

#### *Objetivos do Estudo*

O presente estudo está enquadrado no âmbito de uma investigação qualitativa que se prende na leitura à luz da fenomenologia. Esta investigação tem como objetivo principal a descrição e compreensão da experiência subjetiva das pessoas que cresceram numa Instituição pelo que, desta forma, pretende-se perceber o fenómeno da “institucionalização” através do olhar dos adolescentes/adultos que vivenciaram esta experiência.

De uma forma mais particular, pretende-se analisar de um modo fenomenológico a experiência vivenciada por estes adolescentes/adultos, após a tomada de consciência que iriam para uma Instituição até saída e após esta saída, com o propósito de entender a essência dos significados subjetivos associados ao fenómeno em questão.

#### *Participantes*

A amostra é constituída por cinco participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 21 e 29 anos.

Os critérios de seleção dos participantes nesta amostra basearam-se na aceitação e disponibilidade dos participantes em realizar uma entrevista presencial, bem como na comprovação da existência da experiência da institucionalização por parte dos participantes. O facto de o investigador estagiar numa casa de acolhimento permitiu um acesso mais próximo às participantes, através de uma colega que trabalha conjuntamente no estágio, as participantes foram contactadas por telefone, foi-lhes explicado que o estudo e os seus dados seriam mantidos confidenciais e, após aprovação das participantes em se juntarem a esta investigação, foi marcado um dia e uma hora, e a entrevista presencial foi realizada numa sala do ISPA-IU.

Segue-se uma breve descrição de cada um dos participantes, de acordo com as informações facultadas pelas mesmas:

P1 é uma rapariga de 23 anos, foi institucionalizada quando tinha 4 anos; Desempregada.

P2 é uma rapariga de 21 anos, foi institucionalizada quando tinha 6 anos; Estudante.

P3 é uma rapariga de 21 anos, foi institucionalizada quando tinha 16 meses; Estudante.

P4 é uma rapariga de 29 anos, foi institucionalizada quando tinha 11 anos; Estudante.

P5 é uma rapariga de 25 anos, foi institucionalizada quando tinha 6 anos; Trabalhadora de Supermercado.

### *Material*

A entrevista presencial foi eleita como o método escolhido, visto ser o meio principal para obtenção de uma descrição completa e detalhada da experiência vivida pelas entrevistadas, tanto como as explicitações de significado sobre o fenómeno descrito. As entrevistas efetuadas foram gravadas numa máquina fotográfica em modo áudio, e transcritas na íntegra para um computador portátil.

O tratamento dos dados recolhidos na entrevista foi feito a partir do método fenomenológico de Amadeo Giorgi.

### *Procedimentos*

Como foi referido anteriormente, o facto de o entrevistador estagiar numa casa de acolhimento, deu possibilidade de ter uma colega dentro desta Instituição que permitiu o contacto com os participantes. Os participantes foram informados que iriam ser contactados telefonicamente pelo investigador, com o intuito de participar numa investigação de Mestrado que estaria a desenvolver sobre a institucionalização e, após o consentimento dos participantes, os mesmos foram contactados telefonicamente de modo a marcar um dia e local para efetuar a entrevista presencial.

Posteriormente à aceitação da realização da entrevista por parte dos entrevistados, o entrevistador agradeceu a disponibilidade dos mesmos e, de seguida, foi-lhes esclarecido novamente os objetivos do estudo, efetuado um pedido de autorização para que as entrevistas pudessem ser registadas no modo áudio da câmara fotográfica e foi reforçado que todos os seus dados pessoais seriam tratados confidencialmente. De seguida foi pedido aos participantes que descrevessem a sua experiência de institucionalização em linguagem corrente. A entrevista deu início com uma pergunta aberta, sendo que as questões seguintes e intervenções do investigador

surgiram a partir do fluxo das descrições efetuadas pelos participantes. É importante salientar que o entrevistador dispunha de um guião de entrevista aberta apesar de ter sido dada aos participantes a liberdade para direcionarem a entrevista. Desta forma, a questão colocada inicialmente pelo entrevistador foi: “Gostaria que partilhasse comigo, o mais detalhadamente possível, a sua experiência enquanto jovem que cresceu que numa instituição.”

A duração mínima das entrevistas foi de 44 minutos e a máxima de 2 horas, variando, desta forma, de participante para participante e a conversação dependeu da facilidade/resistência dos participantes em verbalizar a sua experiência.

Após a aplicação das entrevistas exploratórias de cariz descritivo e das mesmas serem transcritas na íntegra, estas foram analisadas através do método fenomenológico de Amadeo Giorgi.

### *Investigação Qualitativa*

Visto que o objetivo da presente investigação é explorar a experiência subjetiva e individual da institucionalização, a escolha efetuada de um método qualitativa de natureza fenomenológica é, na opinião do investigador, a mais indicada para esta investigação, visto que parte da descrição de experiências pessoais para alcançar a unidade de significado psicológico, implícito ou explícito, descrito no discurso dos participantes.

Atualmente a investigação qualitativa representa um reconhecido prestígio entre várias possibilidades existentes em estudar fenómenos que enrolam os seres humanos e as suas complexas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Na pesquisa qualitativa é possível encontrar vários tipos de investigação, investigações que são apoiadas em diferentes tipos de orientação teórica e metodológica, bem como: a fenomenologia, o materialismo dialético e o interacionismo simbólico Garnica, (1997).

De uma forma geral, a investigação qualitativa não tem como objetivo enumerar e/ou medir os fenómenos em estudo, nem é utilizada nenhum instrumento estatístico na análise dos seus dados. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contacto direto do investigador com o fenómeno em estudo. Desta forma, procura compreender os fenómenos segundo a perspetiva dos sujeitos, ou

seja, os participantes da investigação que vivenciaram o fenómeno em estudo Garnica, (1997).

A entrevista na investigação qualitativa, ao dar ênfase aos sujeitos que vivenciaram o fenómeno em estudo, permite obter uma compreensão da realidade humana que se torna acessível através dos discursos. Ou seja, a forma específica de diálogo que se estabelece numa entrevista favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante Fraser& Gondim (2004).

Em jeito de conclusão, o resultado final de uma investigação qualitativa engloba a experiência dos participantes, a reflexão do investigador, a descrição e interpretação do problema e as propostas de intervenção em relação à literatura (Creswell, 2007)

### *Método Fenomenológico*

O método fenomenológico caracteriza-se pela importância ao “mundo da vida quotidiana”. Este método possui uma abordagem que não pretende analisar só os factos observáveis, mas compreender o significado e contexto com toda a sua precisão. O método fenomenológico utiliza procedimentos que levam à compreensão do fenómeno através de relatos da vida social. (Boss, 1979)

Segundo Masini (1989) não existe um método, mas sim uma atitude fenomenológica, que se prende com um espírito aberto para compreender o que é que o ser humano mostra, tentando elevar esta compreensão àquilo que já está estabelecido como sendo o critério de certeza. Desta forma pretende-se questionar os fundamentos.

A investigação fenomenológica parte da compreensão da vivência e não das definições ou conceitos pré-definidos, isto é, é uma compreensão focada nos significados do perceber (Martins e Bicudo, 1989).

Segundo Giorgi e Sousa (2010), os aspetos fundamentais da abordagem fenomenológica acedem, em primeiro lugar, na compreensão do fenómeno da consciência e, em segundo lugar, na totalidade da experiência vivida de um determinado sujeito. O papel da consciência é, portanto, a principal fonte de construção do significado em relação ao fenómeno que se apresenta intuitivamente.

O método fenomenológico pressupõe uma descrição estafante do fenómeno da experiência, com o intuito de chegar à compreensão das estruturas essenciais. Desta forma, existem teorias e crenças que estão subjacentes a esta análise. Husserl

denominou *épóche* ou *redução fenomenológica* como sendo a exploração do fenómeno enquanto algo puro e livre de elementos pessoais, para facilitar a obtenção da essência do fenómeno. A *épóche* é uma atitude de suspender quaisquer pré-conceitos existente pelo investigador sobre o fenómeno investigado e a *redução fenomenológica* inclui que os objetos sejam reduzidos, mas não os atos de consciência. Isto é, os objetos são reconhecidos tal e qual como se apresentam a si mesmos, são pensados como presenças e não como realidades (Giorgi, 2003).

O método fenomenológico científico descritivo é uma descrição da essência psicológica ou dos constituintes essenciais da estrutura do fenómeno (Giorgi & Giorgi, 2003).

#### *Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi*

No método fenomenológico de Amadeo Giorgi o investigador tem, como principal objetivo, descrever o mais minuciosamente possível o fenómeno, fazendo com que conhecimentos anteriores sobre o mesmo não tenham influência na descrição dos factos que o entrevistador está a ouvir (Groenewald, 2004). Segundo Giorgi, o conceito operativo da investigação fenomenológica é a descrição, e o seu método é constituído por quatro passos fulcrais:

1. Estabelecer o Sentido Geral: ler a descrição do fenómeno na sua totalidade para conhecer o sentido geral do mesmo e, nesta fase, o investigador não realiza mais nenhuma tarefa.
2. Determinação das partes: neste passo faz-se uma releitura da entrevista com o objetivo de dividir o texto em unidades de significado facilitando, desta forma, uma análise mais aprofundada da experiência descrita.
3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico: neste passo é possível esclarecer e mostrar os significados psicológicos que estão subjacentes à descrição de senso comum dos participantes. As unidades de sentido são transformadas através da variação livre imaginativa.
4. Determinação de Estrutura Geral de Significados Psicológicos: este último passo tem como principal objetivo criar uma síntese dos significados psicológicos e determinar os constituintes essenciais e os significados invariantes da experiência. O investigador analisa cada uma das unidades de

significado psicológico e determina quais os constituintes invariantes que são utilizados na construção da estrutura geral de significados psicológicos.

Para terminar, o investigador dialoga com a literatura, de modo a estabelecer uma comparação entre os dados que obteve na sua investigação e os dados que já existem de investigações anteriores. (Giorgi & Sousa, 2010).

## CAPÍTULO III

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apoiados no método fenomenológico de Giorgi, os resultados irão ser apresentados de seguida de acordo com duas vertentes principais, sendo que a primeira é referente à *Estrutura Geral de Significados Psicológicos*, que agrega a essência comum das experiências subjetivas dos cinco participantes em relação ao tema em estudo, e a segunda vertente é relacionada com a descrição e análise dos sentidos mais invariantes, que são denominados de *constituintes essenciais* da experiência bem como das respetivas *variações empíricas*.

A transcrição das entrevistas e a transformação das unidades de significado psicológico em expressão de carácter psicológico de acordo com os quatro passos do método fenomenológico de Giorgi, podem ser consultados na secção dos Anexos – Anexo A, B, C, D, E.

#### *Descrição da Estrutura Geral de Significados nos 5 Participantes*

A experiência da institucionalização nestes participantes desenvolve-se em três momentos significativos, o aparecimento da experiência está associado a um contexto familiar disfuncional, envolvido com carências afetivas e económicas, acompanhado de maus-tratos físicos e falha nas competências parentais.

Posteriormente à vivência desta rutura com a família biológica ocorre o acolhimento, onde a assistente social ou uma funcionária da Instituição se desloca à residência habitual e traz a criança para a Instituição.

Num segundo momento dá-se a fase de vivência da Instituição, onde os participantes manifestam mudanças nas suas rotinas e sentimentos de ligação afetiva para com os funcionários da Instituição, à exceção de um participante a Instituição é descrita pelos participantes como sendo a sua família, ao longo desta fase os participantes manifestam sentimentos positivos face ao suporte emocional que sentiam por parte dos funcionários da Instituição, mas também sentimentos negativos face à discriminação que sentiram durante a institucionalização. É notório também verificar uma dualidade de sentimentos de proteção e desproteção sentido pelos participantes face à Instituição, bem como um sofrimento psicológico nas participantes, devido a vivências derivadas da institucionalização.

Num terceiro momento dá-se a fase da saída, neste momento dá-se a ruptura com a Instituição que é sentida com sentimentos de desamparo para os participantes. Esta etapa é marcada por uma consciência por parte dos participantes, de que houve uma falha a nível da Instituição para preparar o seu projeto de vida, desta forma, os participantes quando saem da Instituição têm dificuldades em adaptar-se ao “mundo cá fora”.

Ao longo desta experiência é possível verificar nos participantes que eles compreendem os motivos da Institucionalização e esta compreensão é acompanhada por sentimentos de gratidão face à institucionalização, por acharem que ao serem institucionalizados tiveram mais condições e oportunidades do que as que teriam na sua casa “biológica”.

Consequentemente, esta experiência contribuiu para mudanças significativas no modo de ser/estar no mundo, na sua vida pessoal, na vida profissional e ainda no tipo de relações que os participantes constroem.

#### *Constituintes Essenciais da Estrutura Geral de Significado e Variações Empíricas*

Os constituintes essenciais representam os significados invariantes que foram encontrados durante a análise das entrevistas efetuadas aos cinco participantes, que captam a essência da experiência da institucionalização. Desta forma foram identificados 7 constituintes essenciais na estrutura geral de significado: *Sentimentos de desproteção, Suporte emocional e ligações afetivas significativas, Sofrimento Psicológico, Discriminação, Gratidão, Desamparo e Mudança de ser-estar no mundo.*

Estão constituintes essenciais, serão de seguida apresentados, acompanhados com uma análise das suas respetivas variações empíricas que serão complementadas através das citações mais significativas dos participantes. Por fim, será apresentada uma síntese dos constituintes essenciais e das respetivas variações empíricas, esta síntese será ilustrada no final deste capítulo, na apresentação da Tabela 1.

#### *Sentimentos de desproteção face à sua família biológica*

A experiência da institucionalização está associada nestes cinco participantes a um primeiro momento significado, este é descrito com base nas faltas de condições que os pais biológicos destas crianças tinham nas suas casas e a desproteção que estas faltas

de condições físicas e psicológicas causavam nos participantes. Esta falta de condições e as competências parentais desajustadas foram o que o influenciaram a retirada dos cinco participantes à sua família biológica.

A participante 1 (P1) inicia o seu discurso, explicando que a sua experiência surge do facto de a sua mãe estar doente e nunca estar em casa, o que fazia com que a P1 e os irmãos passassem muito tempo com pessoas externas à família biológica:

*“Entrei com 4 anos, fui depois de uma irmã que foi com 16 meses se não estou em erro. Fui para a instituição porque a minha mãe é muito doente e na altura não estava a dar, estava a sempre a ser internada, ela tinha que passar muito tempo no hospital e nós passávamos muito tempo em casa das famílias de acolhimento, vizinhos ou amigos e como isso não estava a dar muito, pronto tive que ser institucionalizada”*

A participante 2 (P2) explica logo de início que percebeu os motivos da Institucionalização, porque a sua casa não tinha condições e esta participante tinha responsabilidades acrescidas para os seus 6 anos:

*“Não eu percebi porque sabia que tinha tomar conta dos meus irmãos e ter essas responsabilidades e isso tudo eu acho que era crescida o suficiente para perceber o que é que se estava a passar, sei que o meu irmão Ricardo é que estava a chorar muito a dizer que cria estar em casa e não sei que e nós estávamos lá com ele a apoiá-lo, mas sim eu percebi, e percebi porque é que nos tinham tirado do nosso pai, porque sei que ele não tinha condições, a nossa casa não era bem uma casa, era barraca digamos mais assim e nós brincávamos muito na areia ou seja na terra que estava cá fora, sem brinquedos como deve ser e supostamente não é vida, nem íamos à escola nem nada”*

A participante 3 (P3) revela que não se apercebeu logo do porquê de ser institucionalizada, mas que quando cresceu a irmã lhe explicou que a mãe nunca estava em casa e a sua casa não tinha condições:

*“Olha Patrícia, só me apercebi por volta dos meus 12 sinceramente, porque depois, antes disso aquilo era uma família não é? Nunca, nunca quis saber ao certo o porquê. Só comecei a querer saber, mais ou menos a curiosidade aos 12, tas a ver? E a minha irmã explicou-me que a nossa mãe não teve condições para ficar connosco e que era a minha irmã a tomar conta de nós, tás a ver? E acho que a minha mãe nunca estava em casa estás a ver?”*

A participante 4 (P4) explica que a institucionalização foi o melhor que a mãe lhe pôde dar, porque a mãe tinha problemas com o álcool e não estavam reunidas as condições, para que a P4 crescesse em segurança e num ambiente ajustado:

*“Não... não porque a minha mãe falou comigo e eu acho que ela... e acho que para a minha mãe acho que ela nos pôr no colégio foi como... ela na cabeça dela foi o melhor que ela podia ter feito tás a ver? É o melhor que ela tinha para nos oferecer naquele momento, porque a minha mãe passava mesmo ao ataque... ela bebia depois tinha aqueles momentos de ama e havia vezes que era eu que tava lá a cuidar dela, invertíamos os papéis.”*

A participante 5 (P5) revela que a instituição se deveu aos maus-tratos físicos que a mãe tinha para com ela, devido aos problemas que a figura materna da participante tinha com o álcool:

*“Há, há cenas que me lembro, né? Mas a maior parte das cenas que me lembro, é tudo coisas que, não me deixam contente. Lembro-me minha mãe chegar alcoolizada a casa, lembro-me dela de me bater a mim e à minha irmã, tinhas vezes, tinha uma vez que ela normalmente deixava em cima da cama do quarto uma, uma moeda de cem escudos na altura, para depois tirar a senha na escola, a senha do almoço. E eu vi lá a ‘senha’, e eu tinha a mania que tudo o que era moedinhas eu apanhava porque havia um quiosque lá perto da escola e pronto... De maneira que eu apanhei a moeda e fui lá comprar um pacote de chicletes, e a minha mãe da janela disse-me onde é que eu fui buscar moedas, e eu disse-lhe que tinha ido tirar, e ela disse me ‘Então, quando chegares a casa já sabes, vamos ajustar contas.’ Ela dizia me sempre esta frase ‘Vamos ajustar contas’, e quando ela dizia isso Ui.. Demorava até ir para casa. Ela tinha de ir à rua à minha procura... eu, pronto, depois lá tinha que ir, e depois chegava a casa e levava, pronto, a minha dose.”*

#### *Suporte emocional e ligações afetivas significativas*

Num segundo momento, após a institucionalização, os cinco participantes, expressam o suporte emocional e as ligações afetivas que criaram com os funcionários das instituições onde cresceram. Estas ligações afetivas são sentidas e comparadas a ligações familiares pelos participantes, desencadeando sentimentos de proteção, contentamento, carinho e confiança.

A participante 1 (P1) revela que as suas primeiras experiências foram na Instituição, esta participante compara os funcionários da Instituição à figura materna e paterna:

*“... foi aí que eu fui pela primeira vez à praia, ao circo, ao jardim zoológico, foi aí que eu aprendi o que era ter uma espécie de pai, porque nós tínhamos as Tias que eram as mães, depois tínhamos as Tias que eram as educadoras que eram aquelas que se sentavam connosco, que ensinavam, ajudavam os trabalhos de casa e depois tínhamos as Tias que apenas cuidavam, por exemplo, a Tia da limpeza ensinava a fazer a cama, as Tias da cozinha ensinavam como se punha a mesa, o que é que era o quê, o que era o açúcar, o que era o sal e depois tínhamos os Tios que tomavam conta de nós, que nos acompanhavam à escola e que brincavam à bola connosco, toda a minha infância joguei à bola, joguei às escondidas, mas olha durante a fase do camarate sempre joguei futebol e jogávamos às escondidas e eram sempre as crianças com os funcionários, que era brutal.”*

A participante 2 (P2) expressa que a Instituição onde ela ficou, tinha um ambiente familiar, pela maneira como podiam tratar as funcionárias e pela ajuda que recebia:

*“Sim, elas como é que eu hei-de dizer, eu não tive em todos os tipos de colégio que existem, mas este que este colégio é mais familiar, temos relações mais próximas das educadoras, primeiro pela maneira como as tratamos normal, que é tias e não educadoras ou você, é mais familiar e depois pela ajuda que elas nos dão.”*

Para participante 3 (P3) um dos funcionários da Instituição era comparado a uma figura paterna:

*“Há bons momentos em que eu possa... o melhor momento assim de infância era quando a gente tinha o tio h., não sei, para mim era um pai, para nós pronto. Em que ele ia-nos por a escola, ia-nos, ia-nos tipo, era tipo um pai por causa do futebol também.”*

Segundo a participante 4 (P4) recebeu carinho e atenção por parte dos funcionários da Instituição:

*“eu acho que também tive a sorte nisso é.. a Dona Lurdes foi uma pessoa que me deu muito carinho e também tinha a professora Lena que era aquele carinho, aquele miminho, aquela atenção...”*

Para a participante 5 (P5) a instituição era a sua família:

*“Criei, algumas. É assim, basicamente aquilo era uma família, eu sou uma pessoa muito sensível, e tenho os sentimentos à flor da pele.”*

#### *Sofrimento Psicológico*

Ao longo da institucionalização é notório nos participantes um sofrimento psicológico acompanhado de sentimentos de revolta, injustiça e tristeza derivado a situações pelas quais os participantes passaram durante a institucionalização.

Para a participante 1 (P1), durante a institucionalização assistiu a maus-tratos por parte de algumas funcionárias e segundo a participante 1, se as crianças fossem filhas biológicas isso nunca teria acontecido os maus-tratos na proporção que a P1 os descreve:

*“porque, por exemplo os rapazes são sempre piores que as raparigas e na MA os rapazes eram terríveis, eles eram terroristas, literalmente, imagina o que é, hora de deitar, deitávamos todos e eles pá, estava silencio e eles começavam a correr de um lado para o outro, depois iam lá para baixo, depois iam lá para fora para o quintal e depois corriam, depois as T., os castigos eram, pegavam nos rapazes todos, iam lá para fora, no Inverno, davam-lhes banho de mangueira de agua fria, aproveitavam e davam-lhes mangueiradas, davam-lhes com a mangueira, pá davam-lhes sapatadas, metiam-nos a correr nus depois do banho com o frio, havia de certa fora humilhações à frente das outras crianças, havia ali um abuso, e tu fogo se fosse tua filha tu não fazias isto,”*

Para a participante 2 (P2), refere que um dos motivos do seu sofrimento durante a institucionalização, foi quando a mãe aceitou prontamente a proposta de adoção da participante 2 e não lutou por ela:

*“na altura fiquei chateada com a minha mãe e ainda hoje estou chateada com ela e é daquelas pessoas que se eu vir à frente esquece, porque ainda não tinham acabado a frase da: “se tudo correr bem dão eles para adoção” e ela disse logo que sim, nem deixou as pessoas deixarem de falar e disse logo que sim que nos dava mesmo à desprezo e isso chateou-me muito.”*

Segundo a participante 3 (P3), explica que uma das grandes dores pelas quais passou, durante a institucionalização foi ter que ver os seus amigos a ir embora na Instituição:

*“Acho que, a parte pior da instituição foi essa, foi da gente criar laços tão grandes uns com os outros que quando chegava a hora da despedida a gente pensava sempre “não*

*vou voltar-te a ver”, era sempre aquele último sorriso, o último abraço. Olha eu fazia sempre despedidas um dia antes, ou seja, a gente, lembro-me tão bem, a gente punha os colchões todos nas escadas e a gente fazia escorregas, depois íamos para a sala de brincar tipo, brincávamos ate tarde, quando era a despedida a gente dormia sempre na sala de brincar todos juntos tipo com os colchões todos juntos uns dos outros e depois quando chegava de manhã era sempre aquela coisa de “é o teu dia, vais-te embora”.”*

Segundo a participante 4 (P4), sentia que a tratavam na instituição como uma coitadinha e que as funcionárias reagiam com elas com base na caridade, o que criava na participante sentimentos negativos:

*“Não, tudo para o lado da caridade, das coitadas, o lado da psicologia tás a perceber? E como se... eu hoje em dia acho muito engraçado... como se qualquer pessoa, qualquer estado social... as pessoas têm as suas dores tás a perceber? E o que a dor... quando os teus filhos caem ou acontece alguma coisa na escola faz parte.. é as tuas coisas tu vais levar isso a sério ou não tas perceber? A culpa é tua porque tu tinha o poder dizer “ ok vou dar um passo para trás eu não quero dar importância a isto.” Tás a perceber?”*

Para a participante 5 (P5), uma das suas maiores dores durante a institucionalização, foi o facto de não lhe terem permitido continuar os estudos como ela queria:

*“só que a opção que me deram foi, e isso é umas das coisas que sinceramente me revolta no colégio, a opção que me deram foi: entre continuar a estudar, se eu quiser continuar a estudar, tinha que ir para a casa da minha mãe, e eu não estava preparada para ir para a casa da minha mãe, e ainda hoje nós não temos a melhor relação; ou ir tirar um curso, daqueles de centro de desemprego.”*

### *Discriminação*

Segundo a participante 1 (P1), sentiu discriminação, por ser diferente das outras colegas da escola e por viver numa Instituição:

*“Havia dias que só me apetecia chorar porque era gozada na escola, pela maneira como me vestia, porque era do Reino de Deus e porque não podia e não tinha a possibilidade de sair de passear, de brincar com os meus colegas da escola, não tinha aquilo que eles tinham, mas pronto.”*

Para a participante 2 (P2), a discriminação foi sentida por ela quando uma colega da escola lhe disse que a sua casa, não era casa mas sim Instituição:

*“apesar de eu uma vez, pelo primeira e ultima vez, porque nunca mais aconteceu, só nesse coiso, eu fiquei com essa sensação de realidade, eu estou num colégio, não estou numa casa, e que as pessoas notam isso, foi uma vez que eu estava a falar com uma colega de escola e ela disse: vais para onde e eu respondi: vou para casa, e ela vira-se e diz: para casa não, para o colégio e eu fiquei tipo naquela: e então não é a minha casa?”*

Segundo a participante 3 (P3), sentia-se diariamente diferente das outras crianças:

*“Sentia-me diferente das outras crianças, não era uma criança qualquer, era uma criança do lar do reino de deus. Assim...”*

Para a participante 4 (P4), a discriminação apenas é sentida dependendo da personalidade de cada pessoa:

*“Mas sabes que isso depende da personalidade de cada uma, por exemplo eu não sentia isso nem aceitava isso, mas havia miúdas que eu sei que sentiam isso tás a perceber? Porque eu costumo dizer que tive muita sorte no colégio onde eu estive, porque eu tive acesso a tudo, mas não via como caridade tás a ver? Ya então é isso.”*

Segundo a participante 5 (P5), sentia discriminação face a estar na Instituição e às suas raízes africanas:

*“Por estar na instituição e porque pronto, tinha, eu usava o cabelo curtinho, era maria-rapaz, e pronto achavam que eu era, por saberem que eu era de origens africanas, lá com aqueles comentários... Tudo bem que era crianças, mas também eu era criança e tinha noção dessas coisas. Agora olho para trás e acho um bocado ridículo e...”*

### *Gratidão*

Para a participante 1 (P1), foi melhor ter ido para a Instituição do que ter ficado em casa com a figura materna, explica que se não tivesse sido institucionalizada o seu rumo teria sido diferente pela negativa:

*“Ahh sim, provavelmente tinha uma carrada de filhos, provavelmente andava perdida no mundo, não tinha escola, não era nem metade daquilo que eu sou.” “e lá está tornou-me e deu-me a capacidade de escolher bem quem eu quero para a minha vida, provavelmente seria como a minha irmã é agora e por isso eu dou muito valor aquilo que eu tive, tinha que ser assim e eu vivo bem com isso, mas é complicado.”*

Segundo a participante 2 (P2) explica que se não tivesse tido institucionalizada, o seu desenvolvimento teria sido diferente para pior:

*“Acho que sim, eu não sei se algum dia iria ir para o colégio se não fosse naquela altura, mas sim acho que sim, se não tivesse ido para nenhum colégio, eu acho que sim, tinha perdido muito mais coisas, e ainda era mais difícil o meu desenvolvimento, porque lá está, não tenho dificuldades na escola, mas também não sou cem por cento tenho alguns coisas, mas acho que se não tivesse ido para o colégio na altura se calhar tinha mais dificuldades e isso tudo, não teria conhecido o Marcus, porque foi na transição de um colégio para outro, e acho que foi uma coisa boa que aconteceu e que se calhar não tinha o conhecido e pronto.”*

A participante 3 (P3) explica que a sua adolescência na Instituição foi vivida tranquilamente e que só teve a ganhar em ter ido para a Instituição:

*“E o que é que eu perdi? Eu acho que nunca perdi nada, nunca! Porque de tal forma a minha vida foi tão, como é que eu hei-de dizer... é tão... porque foi tão diferente dos outros miúdos, porque lá está, de crescer mesmo lá, de me sentir tão em casa, porque lá está, foi uma infância, foi uma juventude e uma adolescência levada tão naturalmente, tão devagar que eu não, eu acho que nunca perdi nada. Só tive a ganhar.”*

Para a participante 4 (P4) ter sido institucionalizada, permitiu-lhe construir uma vida ajustada face às suas amigas da sua idade:

*“Olha às vezes eu paro para pensar e digo-te uma coisa, eu acho que podia ser diferente mas eu não acho que seja melhor tás a perceber? Porque a minha mãe não tinha mesmo condições... eu olho para as minhas amigas de infância com quem eu cresci e tinha-as deixado entendes? Eu aos 20 anos eu já tinha a minha casa tás a perceber? Eu saí de casa aos 19 e já tinha a minha casa cedo e conseguia ajudar a minha mãe e a minha casa tás a perceber? E eu vi os meus amigos a demorarem a fazer isso, outras que graças a Deus os pais souberam-lhes encaminhar e tiveram um trajeto normal, foram para a universidade e fizeram a vida normal, mas eu na estrutura que eu tava, a minha mãe, a situação em que ela tava não sei se ela ia conseguir fazer muita coisa de mim tás a perceber? Porque eu ia chegar à consciência e se me desse ao pé da minha mãe aquilo que me deu aos 13 anos eu se calhar nem estava aí não sei, tás a perceber?”*

A participante 5 (P5) tem consciência que a sua vida seria diferente se não fosse institucionalizada, mas explica que não sabe se seria para melhor:

*“Acho que sim, que seria. Mas sinceramente não sei se para melhor... Tive no colégio, e pronto, era rebelde, tinha as minha manias, mas acho que desde que saí, depois*

*destes anos todos, estou melhor, sinto que estou melhor. E nunca pensei em estar assim...”*

#### *Desamparo*

A participante 1 (P1), explica que a Instituição fechou devido a carências económicas e refere o seu desamparo por ninguém ter lutado pela participante e a sua vida ser a Instituição:

*“Quando o colégio fechou onde é que teve realmente a segurança social a dizer, não minhas amigas vocês têm que fazer assim, assim e assim, peguem e lutam e exijam, porque vocês têm vidas nas mãos e vocês não podem simplesmente de um dia para o outro ser largadas assim.”*

A participante 2 (P2), expressa o seu desamparo quando saiu da Instituição e não consegue fazer coisas básicas, como andar na rua, a participante explica que isto foi uma falha na gestão de liberdade dada pela Instituição:

*“É assim, eu acho que o colégio falhou um pouco, e acho que foi a única falha, foi na liberdade, porque eu hoje, falo por mim, e sei que é uma grande falha minha se calhar é como é que hei-de explicar, sair, movimentar, eu sabia o autocarro que tinha que apanhar, o sitio e ir da escola para casa, mas não sabia ir para mais lado nenhum, não conhecia, eu conheço a zona e porque, por andar a pé, por ir para o parque, para a escola e pouco mais, não conheço o país digamos assim, não me preparam e hoje em dia, não sei ir para montes de sítios, não sei andar de comboio, são coisas básicas que eu acho que o colégio devia preparar mais, não deixar a pessoa tão presa, por exemplo dar um passeio, conhecer a cidade, conhecer, perceber que mais tarde ou mais cedo, nós vamos ter que andar sozinhos e não podemos ter medo de andar e eu acho que eu no meu caso eu tenho medo, quando eu não conheço eu não vou, o meu namorado diz: ah e tal vai não sei para onde e eu digo: ah não que eu não sei ir para lá, e ele diz: ah também não conheces nada não sabes nada, e eu pois não, mas também não saio do sítio, eu tenho medo de sei lá, de me perder e não sei quê.”*

A participante 3 (P3) refere sentimentos de desamparo quando teve que se separar da sua irmã, que era um suporte para a participante:

*“Acho que foi...assim...tristeza! Porque foi mais complicado despedir da minha irmã do que dos outros porque eu sempre pensei “fogo agora vais ficar aqui sozinha e eu vou também ficar sozinha, já não vou ter aquela, aquele apoio ou aquele conforto de ter, porque não é de amizade é de família, ter alguém por perto. Pelo menos tenho uma*

*parte da minha família que está junto a mim, enquanto os outros miúdos não tinham. Então uma parte da despedida foi um bocadinho complicada.”*

A participante 4 (P4) refere sentimentos de desamparo quando saiu da Instituição e percebe que não lhe foram dadas as ferramentas necessárias dentro da Instituição para construir o seu projeto de vida:

*“sabes o que é que eu acho que falta nos colégios? Qualquer colégio que receba uma criança, para além de mostrar que aquilo é uma opção melhor à situação que estava.. e isso é o que eu tento fazer com os meus filhos desde já fazê-los pensar num projeto de vida porque aquilo é só uma fase, porque tu vais ter que sair tás a perceber? E eu acho que a maior frustração é que depois chegas a adolescente e mesmo que estudes e assim tu não tens um projeto de vida.”*

A participante 5 (P5) refere sentimento de desamparo quando saiu da Instituição e as funcionárias cortaram o contacto definitivo com a participante:

*“e quando saí, ainda tentei manter o contacto com algumas delas mas, parece que queriam mesmo cortar o mal pela raiz, outra das coisas que foi muito doloroso, porque é a mesma coisa que saíres de casa da tua mãe e ela te dizer “Vá, agora estás por tua conta, faz o que tu quiseres...” mas custou, mas já me fui habituando.”*

#### *Mudança de modo de estar no mundo*

A participante 1 (P1), refere que o facto de ter crescido numa Instituição com gritos e com muitas pessoas, faz dela uma pessoa passiva, atenta, mas também explosiva quando se chateia:

*“Claro, porque é assim eu agora sei que o facto de eu ter crescido com gritos torna-me uma pessoa se me exalto eu levanto o tom de voz, mas ao mesmo tempo o facto de eu ter sido sempre muito de observar e de ver nas costas dos outros as minhas torna-me muito passiva, então eu sou pacata, se me chateiam a casa cai, se a casa cai não é bonito.”*

A participante 2 (P2), explica que ter crescido na Instituição faz com que ela nos dias de hoje não desista das coisas:

*“mas eu acho que me ajudou a perceber a vida e o que é fácil e o que não e isso tudo e é por causa disso que eu as vezes não desisto das coisas, do procurar e do falar, apesar de às vezes me sentir chateada e dizer, esquece! Agora também não vou procurar, não me procura, também não vou procurar, mas eu sou parva e acabo sempre por procurar de novo.”*

A participante 3 (P3), refere que a alegria e a sua maneira de ser altruísta advêm do crescimento na Instituição:

*“Uma nova alegria, um novo eu, eu acho que... hm... vejo-me como uma pessoa alegre, uma pessoa humilde, que querendo sempre ajudar, sempre, quem tá em baixo, uma pessoa amiga.*

Para a participante 4 (P4), o facto de ter sido Institucionalizada, tornou-a numa pessoa humilde:

*“mas de certa forma eu penso se as coisas não tivessem sido assim também eu acho que não sabia o que eu sabia hoje, tinha-me tornado uma pessoa se calhar arrogante, porque elas tentaram mostrar tudo. Tínhamos ginásio, dentista, ballet, aulas de pintura, música, mas era aquele sentido de forçado, não era tipo “olha tu gostas disto tu vais fazer...”*

A participante 5 (P5) tem dificuldades atualmente em estar sozinha, o que a participante associa ao facto de ter crescido no meio de muita gente:

*“E eu não sei se é do facto de ter estado num colégio, com muitas raparigas, e de estarmos sempre acompanhadas, mas eu não gosto de estar sozinha (risos). Não gosto mesmo! Agora estou a morar sozinha, tenho uma rapariga lá a morar comigo que também saiu da instituição mas não tem família, ficou trabalho e eu pronto, não sei, “Ficas aqui, até conseguires alguma coisa”. Ela já conseguiu um trabalho, já tem contrato, e nós tivemos a falar, ela vai sair de lá. E eu fico feliz por ela, por ela ter trabalho, ter a casa dela, é o que nós todas, basicamente quando sairmos de lá, queremos. Mas, por um lado fico triste porque ela fazia-me companhia, e eu não gosto de estra sozinha. Mas o que vale é que trabalho, os meus horários de trabalho apanham basicamente o dia todo, as minhas folgas tenho vindo para Algés, com o meu namorado, ou então para a praia, e pronto ando sempre ocupada. Não ando assim tanto sozinha. Evito estar as folgas em casa, se estiver nas folgas em casa, entro em crise, mas penso que tenho de ir ao parque ou passear, e pronto...”*

Tabela 1: Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas

Constituintes Essenciais	Variações Empíricas				
	P1	P2	P3	P4	P5

<i>Sentimentos de desproteção</i>	Figura materna doente e ausente.	Falta de condições físicas e responsabilidades acrescidas na P2, nos cuidados básicos dos irmãos.	Ausência da figura materna e falta de condições físicas.	Falta de condições físicas e figura materna com problemas com álcool.	Maus-tratos físicos contra a P1, vindo da sua mãe que tinha problemas com álcool.
<i>Suporte emocional e ligações afetivas significativas</i>	Compara as funcionárias da Instituição às figuras materna e paterna.	Ajuda e confiança que as funcionárias da Instituição transmitiam.	Compara um funcionário como sendo igual a um pai.	Carinho e atenção que recebia dos funcionários.	Refere que a Instituição era a sua família.
<i>Sofrimento Psicológico</i>	Maus-tratos assistidos pela P1 na Instituição.	A figura materna deu a P2 para adoção sem ter lutado por esta.	Assistir à saída da Instituição dos seus colegas e ela ter que permanecer na Instituição.	Sentir que era tratada como “coitadinha” na Instituição.	Terem negado à P5 a oportunidade e de continuar os estudos.
<i>Discriminação</i>	Era gozada na escola por ser diferente das suas colegas.	Uma das colegas da P2 disse-lhe que a Instituição não era a sua casa.	Sentir-se diariamente diferente das outras colegas de escola.	É sentida dependendo da personalidade de cada pessoa.	Ser gozada por viver numa Instituição e ser de origens africanas.
<i>Gratidão face à</i>	Ter ido para	O seu	Só teve a	Permitiu	A vida teria

<i>Institucionalização</i>	a Instituição permitiu-lhe um rumo melhor.	desenvolvimento se não tivesse ido para a instituição seria pior.	ganhar em vida para a Instituição.	construir uma vida mais ajustada da que teria se tivesse continuado em casa com a figura materna,	se não fosse diferente mas para pior revela a P5.
<i>Desamparo pós-saída da Instituição</i>	Quando a Instituição fechou, ninguém lutou pela P1 e ela foi largada sem saber o que fazer.	Quando saiu da Instituição não conseguia fazer coisas básicas devido à baixa liberdade que lhe foi dada na Instituição.	Quando foi adotada e teve que separar da sua irmã que era o seu suporte.	Quando saiu da Instituição percebeu que não foi preparado um projeto de vida.	Quando saiu da Instituição, as funcionárias da Instituição cortaram ligação definitiva com a P5.
<i>Mudança de modo de estar no mundo.</i>	Diz que hoje é uma pessoa atenta mas também explosiva.	Não desiste das coisas devido a ter crescido numa Instituição.	Ser uma pessoa alegre e altruísta advém do crescimento na Instituição.	A Instituição tornou-a, numa pessoa humilde.	Dificuldade em conseguir estar sozinha, devido a ter crescido com muita gente em seu redor.

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

É importante realçar que esta estrutura comum de significado está intimamente relacionado como o que a literatura revela sobre a experiência. No final deste capítulo é apresentada uma ilustração gráfica através da Figura 1, para que desta forma, seja possível uma melhor clarificação da relação dos constituintes essenciais da experiência de rapto parental.

Na parte final deste capítulo, irá ser apresentada uma conclusão possível do estudo, juntamente com a apresentação das limitações e potencialidades encontradas no estudo, sugerindo também propostas para investigações futuras.

#### *Diálogo com a literatura*

O primeiro constituinte essencial (*sentimentos de desproteção*) está relacionado como sendo a causa para a institucionalização, isto é, após a análise das entrevistas dos participantes, é possível perceber que os mesmos foram retirados às suas famílias biológicas devido a carências económicas e físicas e ainda devido a ausência prolongada das figuras parentais do lar, pelo que fazia com que os participantes tivessem responsabilidades acrescidas para a sua idade. Quando estas práticas promovem um atraso no desenvolvimento e bem-estar da criança é necessário que se tomem medidas de proteção, e é nestas medidas de proteção que está inserido o acolhimento.

Corroborando este constituinte essencial, Master & Garnezy (1995) explicam os fatores de risco que uma família pode conter, tais como a negligência parental, violência doméstica, rigidez nas práticas educativas e pobreza. Na presente investigação é possível verificar estes fatores de risco nas famílias dos participantes que levaram ao acolhimento dos mesmos.

O segundo constituinte essencial apresentado nesta investigação (*suporte emocional e ligações afetivas significativas*) refere-se às ligações significativas que os participantes criaram dentro da Instituição. É notório ao longo da análise do discurso dos participantes que, durante o percurso na Instituição, estes vão criando vínculos afetivos com os funcionários, bem como a comparação destes funcionários com as

figuras parentais e referem-se à Instituição como sendo a sua casa e a sua família. Ao longo desta investigação é possível verificar também os sentimentos de proteção que os participantes sentem em relação aos funcionários, mostrando exemplos concretos em que se sentiram protegidos.

É possível confirmar este segundo constituinte essencial na literatura, quando Siqueira & Dell’Aglia (2006) explicam que a Instituição promove a proteção das crianças e ainda que, dentro da Instituição, existe uma facilidade na compreensão das histórias individuais de cada criança. Estes autores referem também as vinculações afetivas que as crianças criam com os funcionários, tal como exposto na presente investigação, e como estes vínculos são importantes na medida em que permitem que a criança estabeleça novos relacionamentos numa estrutura organizada.

Quanto ao terceiro constituinte essencial (*sofrimento psicológico*), este diz respeito às consequências de um acolhimento prolongado mas, essencialmente, é importante referir que a Instituição não funciona sempre com fator de proteção, pelo que, por vezes, torna-se também um fator de perigo. É possível perceber no discurso dos participantes que, durante a institucionalização, assistiram a maus-tratos por parte dos funcionários, foram vítimas de maus tratos, não só pelos funcionários mas também pelos seus colegas, e é importante perceber esta dualidade de realidades que pode estar presente numa só Instituição. Outros fatores, como a saída de funcionários de referência, bem como colegas, têm a sua parte neste *sofrimento psicológico* descrito pelos participantes.

Yures, Mirana & Cuello (2004), referiram exatamente estes fatores menos positivos da Instituição, tais como a hostilidade que pode existir entre as crianças e os monitores, e a existência de várias crianças para apenas um cuidador. Sobre esta questão a P1 explica, com bastante clareza, que durante o tempo que viveu na Instituição tinha que partilhar, não só a atenção, mas também coisas físicas com as outras crianças, pelo que P1 refere que isso lhe tirou a identidade. Estes autores referem ainda as práticas educativas coercivas que são utilizadas muitas vezes nas Instituições.

Webber (1999) refere também que, de certa forma e em algumas situações, é difícil criar vínculos dentro da Instituição. Um dos fatores que eles referem é a rotatividade dos funcionários. Este fator é também visível ao longo desta investigação quando os participantes explicam os sentimentos de tristeza que sentiam quando os funcionários (figuras de referência) tinham que abandonar a Instituição.

Rotonduro (2005) explica que as crianças que são institucionalizadas têm medo de se vincular, sendo possível corroborar esta explicação na presente investigação, quando a P5, no seu discurso, refere que atualmente, e apesar de gostar das pessoas com quem convive, tem medo de se ligar emocionalmente devido às perdas sofridas anteriormente.

Loos, Ferreira e Vasconcellos (2002) explicam, na sua investigação, as consequências sociais e emocionais que os sujeitos que passaram por esta experiência manifestam. Estas sequelas são também passíveis de verificação no discurso dos participantes do presente estudo, sendo estas, atitudes defensivas contra ambientes que lhes possam parecer ameaçadores, desconfiança básica, sentimentos de culpa e baixa autoestima.

É importante referir que a P4 explica, muito claramente, que a Instituição não é família e que, quando a Instituição tem este tipo de comportamentos, é prejudicial para as crianças. Esta afirmação da P4 vai de encontro ao que Rêgo, Lima e Amazonas (2006) explicam, isto é, quando a Instituição se tenta colocar no lugar da família torna o desenvolvimento das crianças inadequado.

O quarto constituinte essencial encontrado nesta investigação está indicado como *Discriminação*, isto constituinte engloba o que foi sentido por parte das participantes ao longo da institucionalização.

Este quarto constituinte essencial também é referido na literatura pelos autores Rêgo, Lima & Amazonas (2006), onde explicam que há rótulos que são ligados a estas crianças, como “coitadas” ou “crianças abandonadas” e, nesta investigação, estes rótulos encontram-se presentes no discurso dos participantes.

Dias (1998), explica que estas crianças são consideradas como “clientes”, a partir do momento em que entram no sistema de proteção. Isto vai de encontro ao que é descrito pela P1, que esta refere que na Instituição, durante uma fase, eram tratados como “mercadoria”.

Calvante, Magalhães e Pontes (2007), explicam que a sensação de liberdade nas Instituições é restringida face ao ambiente de um lar de família, pelo que vai de encontro ao sexto constituinte essencial (*Desamparo pós-saída da Instituição*), onde é notório, no discurso dos participantes, que a restrição na liberdade dentro da Instituição e a falta de preparação na saída dos participantes levou a que estes se sentissem desamparados, na altura da sua saída e depois, no contacto com uma realidade que não era habitual para os mesmos.

É notório ao longo da análise das entrevistas efetuadas aos participantes que estes comparam as funcionárias da Instituição às figuras parentais. Este aspeto vai de encontro ao que Sousa (2005) explica sobre a existência de transferências de funções que são familiares para os serviços sociais.

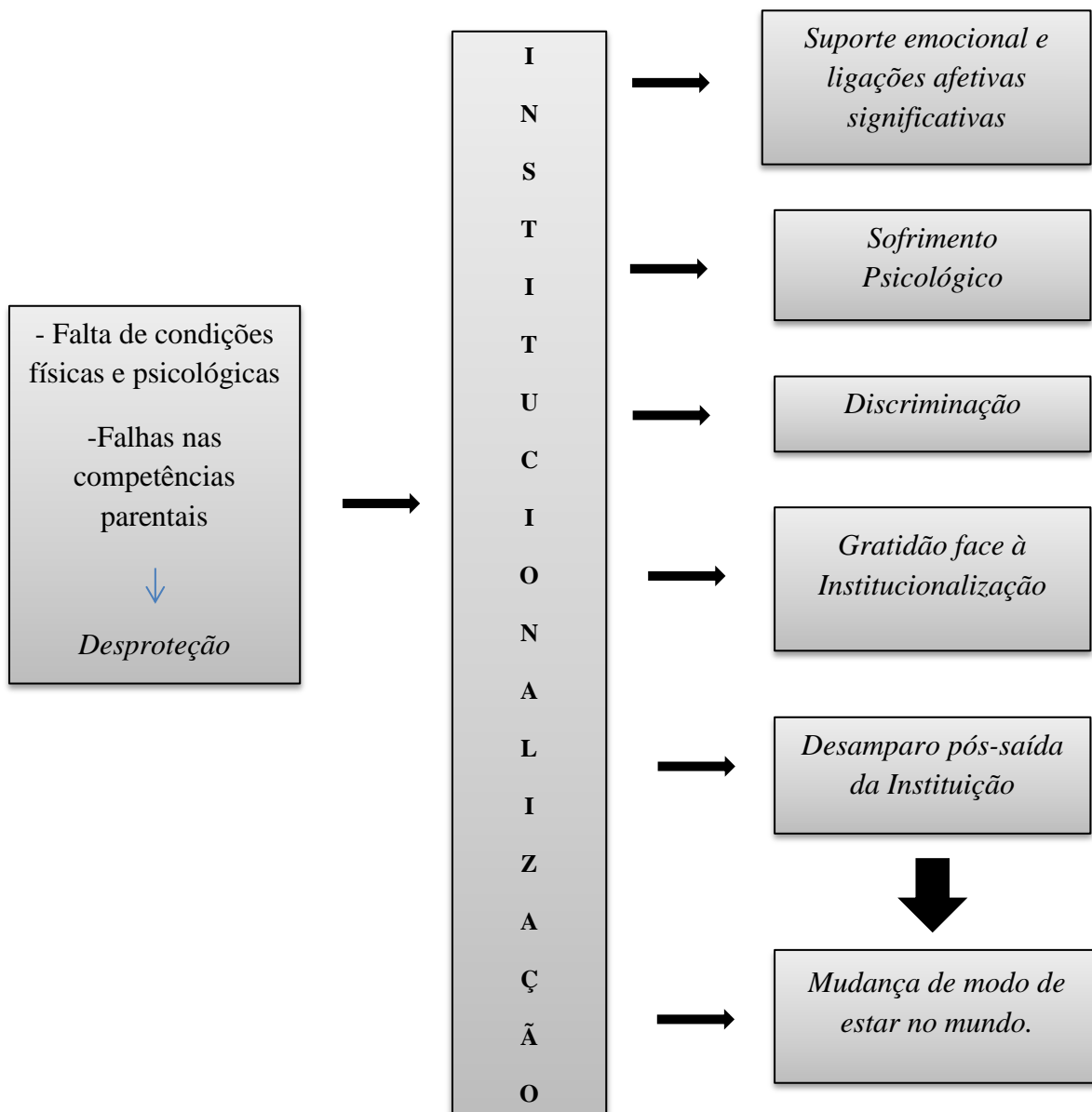
Ao longo desta investigação é possível perceber como é importante para os participantes o papel de uma figura de referência numa Instituição. Martins (2005) fala também da importância das referências e explica que uma criança que viva sem referências vai-se sentir perdida e desvinculada de si e dos outros.

É de igual importância falar do enfoque/critica que a P1 faz à falta de formação de muitas funcionárias que passaram pelo seu percurso, enquanto criança institucionalizada. Raymond (1996) falou exatamente sobre este ponto, onde refere que devia ser feito com regularidade uma avaliação externa às Instituições, de forma a construir estratégias de controlo de qualidade dos serviços.

Conclui-se então que a experiência da institucionalização é uma experiência extremamente complexa, que confronta os sujeitos com um futuro inesperado e os desafia na sua forma de ser e estar no mundo.

Em forma de síntese daquilo que foi referido anteriormente, a figura em baixo representada, explica a relação dos vários constituintes essenciais da experiência da institucionalização.

Figura 1. Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência da Institucionalização.



### Conclusões

A experiência da Institucionalização é, para uma criança, uma reconstrução de tudo que lhe era certo até então. É ter que se habituar a viver longe do seu meio, longe das suas coisas, das suas rotinas mas, mais importante, é aprender a viver longe da sua família.

A realidade das crianças que são institucionalizadas é caracterizada pela sua heterogeneidade e complexidade, pelo que é necessário uma resposta interdisciplinar para este tipo de fenómeno.

O estudo fenomenológico da experiência subjetiva dos participantes que vivenciaram a institucionalização demonstrou que este fenómeno é um processo bastante complexo e que afeta várias dimensões dos sujeitos. Desta forma, as dimensões contextuais, tanto a nível de relacionamento com os outros, como a nível pessoal, pré-institucionalização, pós- institucionalização, e durante a institucionalização, estão diretamente relacionadas com esta experiência. A experiência da institucionalização nos participantes dá-se em três momentos significativos, sendo estes: a entrada para a Instituição, o período em que vivem na Instituição e a pós-saída da Instituição.

Num primeiro momento, as faltas de condições físicas no lar dos participantes e as competências parentais fracas dos seus progenitores, são a razão da retirada destes das suas casas. Estes fatores são também percebidos pelos participantes como a causa da institucionalização.

O segundo momento marcado nesta experiência é o período em que os participantes vivem na Instituição. Esta vivência na Instituição é marcada por relações afetivas que os sujeitos criam na Instituição e também pelo sofrimento psicológico pelo qual passam. Os vínculos afetivos que são criados na Instituição são marcados por sentimentos de proteção, carinho e suporte emocional que os participantes criam ao longo do tempo com os cuidadores (funcionárias da Instituição). Estes cuidadores são comparados pelos sujeitos como figuras parentais e a Instituição, à exceção da P4, é descrita como sendo a sua família.

No entanto, esta passagem pela Instituição também cria nos participantes sofrimentos psicológico. Isto deve-se ao afastamento da sua família biológica, à adaptação que tem que ser feita a uma nova rotina mas, essencialmente, é visível este sofrimento, criando sentimentos de revolta e injustiça, quando os mesmos assistem a maus tratos, tanto dos funcionários para as crianças, como de crianças para criança. É também notório o facto de os participantes verem referências com as quais criaram vínculos afetivos a saírem da Instituição, quer funcionários, quer amigos. Esta saída cria nos sujeitos sentimentos de tristeza.

Contudo, é importante demonstrar que é comum, no discurso dos participantes, a gratidão que sentem face à institucionalização. Isto é, todos os participantes consideram que sair das suas casas para a Instituição foi uma mais-valia, pois tiveram um melhor

desenvolvimento e acesso a melhores condições. Todos têm a consciência que foram retirados por falta de condições da parte das suas figuras parentais biológicas.

A discriminação é também um fator que esteve presente na vida dos participantes, sendo que os mesmos descrevem que sentiam que havia discriminação por parte do exterior face à institucionalização dos mesmos e, até mesmo face às suas características pessoais. Contudo, no discurso de duas participantes, é importante denotar que estas explicam que a discriminação é sentida dependendo da personalidade de cada um.

O terceiro momento significativo para estes participantes é a pós-saída da Instituição e, aqui, são notórios sentimentos de desamparo e desproteção face ao desconhecido. Neste momento são visíveis sentimentos de revolta face à Instituição por não terem preparado a sua saída adequadamente, bem como os seus projetos de vida.

Concluindo, sendo a institucionalização um fenómeno complexo e traumático, este envolve uma série de sentimentos ambíguos, tais como a esperança, tristeza, raiva, proteção/desproteção e medo. Intimamente relacionado com estes sentimentos manifestos nos participantes, o suporte emocional tem um papel fulcral na capacidade de resiliência destes sujeitos, e na forma de apaziguamento do sofrimento e da perda.

#### *Limitações do Estudo*

O método escolhido para esta investigação permite que o investigador faça uma análise subjetiva da experiência individual dos participantes. No entanto, face ao reduzido número de participantes nesta investigação não é possível que se faça uma generalização ou uma universalização das questões levantadas nesta investigação. Desta forma, as considerações finais realizadas têm como base de discussão um fenómeno, mas esta discussão não pode ser generalizada a todos os intervenientes que vivenciaram a experiência da Institucionalização.

Outra limitação encontrada ao longo desta investigação foi o facto dos sujeitos, para participarem nesta investigação, terem obrigatoriamente que ter passado pela experiência da institucionalização. Ou seja, terem crescido numa Instituição e, desta forma, é possível observar que durante a entrevista são despertadas emoções e sentimentos que influenciam o discurso do participante, pelo que os discursos não foram “limpos” e desprovidos de qualquer interrupção.

No presente estudo, as entrevistas foram apenas efetuadas a sujeitos do sexo feminino que viveram numa Instituição, desta forma, não é possível analisar a perspectiva da experiência de sujeitos do sexo masculino.

As limitações encontradas ao longo desta investigação levantam questões ao investigador que podem existir outras e diferentes opiniões e posturas a explorar, relativamente à aquisição e interpretação dos dados aqui expostos.

É de igual forma importante lembrar que foi feito um esforço por parte do investigador para conseguir tomar uma atitude fenomenológica perante o tratamento dos dados, no entanto, é difícil que apenas um sujeito, independentemente do método usado, consiga realizar todas as possibilidades existentes acerca do fenómeno. Desta forma ficam outras possibilidades por explorar.

Para finalizar, o investigador analisou e realizou uma reflexão vertical ao discurso dos participantes sobre a experiência da institucionalização, bem como às construções dos significados e mudanças que esta experiência trouxe para a vida dos sujeitos ficando, desta forma, mudanças que ocorreram ao em termos longitudinais na vida dos participantes por explorar.

#### *Potencialidades e Propostas de Intervenção*

O tema da institucionalização, atualmente, é ainda um pouco tabu, isto é, é um tema que na realidade ainda é um pouco desconhecido, bem como as realidades institucionais. Desta forma, o investigador acha que é necessário um maior conhecimento da sociedade em geral, para garantir respostas mais eficazes e adequadas aos sujeitos que crescem numa Instituição.

Um trabalho prático futuro, possivelmente uma mais-valia nesta área, seria ajudar os sujeitos que passam por esta experiência a recuperar os efeitos da institucionalização, a minimizar as consequências negativas dos acolhimentos prolongados. Exemplo de um trabalho prático seria, por exemplo, um melhor acompanhamento nas suas saídas e após-saída da Instituição.

Visto que esta investigação tem poucos participantes, seria interessante aprofundar a exploração das vivências individuais dos sujeitos que passam por esta experiência, prolongando, desta forma, a uma população maior, para que seja realmente possível perceber o que é essencial e invariante nesta experiência. Seria também importante estender esta investigação à população do sexo masculino, para perceber se os constituintes essenciais variam dependendo do género.

Este estudo foi exploratório e o primeiro desta natureza específica a ser realizado em Portugal, deste modo, espera-se que deixo uma boa base para que se possa continuar esta investigação na área da institucionalização.

Concluindo, o Método Fenomenológico Amadeo Giorgi tornou-se, ao longo desta investigação, um método muito vantajoso, visto que é um método que consegue incluir os aspetos essenciais e também as variâncias que existem no fenómeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberto, I. (2003). Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e Vítimas de crime, Vol.II: Crianças* (pp. 223-244). Coimbra: Quarteto.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da família*, 2.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Barker, G., & Rizzini, I. (2002). Repensando o desenvolvimento infantil no contexto da pobreza no Brasil. *O social em Questão*, 7 (7), 7-22.
- Bronfenbrenner U. A ecologia do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
- Boss, M. O modo de ser esquizofrénico à luz de uma fenomenologia Daseinanalítica. *Daseinanalyse*, v.3, p. 5-28, 1977
- Bowlby, J. (1998). *A secure base – Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Brito R, Koller SH. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: Carvalho A, editor. *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1999. p. 115-29.
- Calvante, L., Magalhães, C., Pontes, F. (2007). Abrigo para crianças de 0 a 6 anos: um olhar sobre diferentes concepções e suas interfaces. *Revista Mal-estar e Subjectividade*, 7 (2), 329-352
- Carvalho, M. (1999). Um passado, um presente, que futuro? Desvio e delinquências juvenis: aspirações e expectativas pessoais, escolares e profissionais de jovens

em 169 regime de internamento em Colégio do Instituto de Reinserção Social. In. *Infância e Juventude*, 4, 9-148.

Cavalcante, L., Magalhães, C., Pontes, F. (2007) Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*, 25, 20-34

Cóias, J. (1995). O Internamento de Menores como Medida Educativa Terapêutica: um de Intervenção em Meio Institucional. In D. Silva, J. Barroso, J. Cóias, & R. Bruto da Costa (Orgs.), *Congresso Os Jovens e a Justiça*. Lisboa: Apport. 179- 196.

Cole, M. & Cole, S. R. (2003). *O desenvolvimento da criança e do adolescente* (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed

Costa, T.J.M. (1993). *Criança Institucionalizada: proposta de acção*. Belo Horizonte: Editora Cortez

Courtney M, Wong Y. Comparing the timing of exits from substitute care. *Child Youth Serv Rev*. 1996; 18(4-5): 307-334.

Creswell, J. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. London: Sage Publications.

Dias, J. & Andrade, M. (1997). *Criminologia – O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena* (pp. 178-241). Coimbra: Almedina.

Davis I, Landsverk J, Newton R, Ganger W. Parental visiting and foster care reunification. *Child Youth Serv Rev*. 1996; 18(4-5): 363-382.

De Antoni C. (2005) Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia/UFRGS, Porto Alegre, 2005.

- Eamon M, Kopels S. “For reasons of poverty”: Court challenges to child welfare practices and mandated programs. *Child Youth Serv Rev.* 2004; 26(9): 821-836.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152.
- Festinger T. Going home and returning to foster care. *Child Youth Serv Rev.* 1996; 18(4-5): 383- 402.
- Garnica, A. V. M. (1997). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface–Comunicação, Saúde e Educação, São Paulo*, 1(1).
- Gersão, E. (1998). A violência nos comportamentos juvenis e a revisão da Organização Tutelar de Menores. *Infância e Juventude*, 4, 9-20.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, Prisões e Conventos*. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva.
- Giorgi, A & Giorgi, B. (2003). The descriptive phenomenological psychological method. In P. M. Comic, J E. Rodhes & L., Kordley (Eds.), *Qualitative Research in Psychology: Expanding Perspectives in Metodology & Design*, 243-271. Washington D.C: APA.
- Giorgi & Sousa. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Groenewald, T. (2004). A phenomenological research design illustrated. *Internacional Journal of Qualitative Methods*, 3, (1).
- Guirardo, M. (2004). *Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lewis, M., & Wolkmar, F. (1993). *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Loos, H., Ferreira, S., & Vasconcellos, F. (1999). *Julgamento moral: estudo comparativo entre crianças institucionalizadas e crianças de comunidade de baixa renda com relação à emergência do sentimento de culpa*.
- Marin, I.S.K. (1999) *Febem, Família e Identidade – O Lugar do Outro*, São Paulo, Escuta.
- Martins, Joel & Bicudo, Maria A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC/Moraes, 1989.
- Masten A, Garmezy N. Risk, vulnerability and protective in developmental psychopathology. In: Lahey B, Kazdin A, editors. *Advances in clinical child psychology*. New York: Plenum Press; 1985. p.1 52.
- Masini, Elsie F.S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paula: Cortez, 1989, 1ª. Edição.
- Mazorra, L. e Tinoco, V. (2001) *Curso para Educadores - Módulo I - Apostila do Curso para Educadores*, São Paulo.
- Martins, P. (2005). A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens – As Respostas Institucionais” In *Intervenção realizada no VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em Risco: será possível converter o risco em oportunidade?*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. Maio de 2005.
- Mosteirín, C. (2000) El Fracasso de las instituciones para menores: Ineficácia, Ineficiênciã o Ideologia. In *Actas do Congresso Internacional Os mundos sociais e culturais de infãncia, Vol.III*. Braga. Universidade do Minho. 72-75.
- Oriente, I., Souza, S. (2005) O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, 11 (17), 29-46
- Page, T. (2001). Attachment Themes in the Family Narratives of Preschool Children: A Qualitative Analysis. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 18, 5.

- Parkes, C.M. (1998) Luto: Estudos sobre o Pesar na Vida Adulta, São Paulo, Summus.
- Pereira, E. (2006) A voz da criança institucionalizada: representações sociais de família e abrigo. Tese de mestrado da Franca, 1-172
- Raymond, M. (1996). Reflexões sobre o acompanhamento em instituição de adolescentes difíceis. *Infância e Juventude*, 2, 21-139.
- Raymond, M. (1996). Reflexões sobre o acompanhamento em instituição de adolescentes difíceis. *Infância e Juventude*, 3, 35-116.
- Rêgo, E. M. G., Lima, A.O., Amazonas, M. C. L. A. Crianças institucionalizadas: uma identidade possível? Encontro: Revista de Psicologia, 10 (13), 1-22
- Rotondaro, D. (2002) Os desafios constantes de uma psicóloga no abrigo. *Psicol. Cienc. Prof.*, 22 (3), 8-13
- Sandomingo, J. (1998). *Centros de Menores, de ontem a hoje*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Seifer R, Sameroff A, Baldwin C, Baldwin A. Child and family factors that ameliorate risk between 4 and 13 years of age. *J Am Acad Adolesc Psychiatry*. 1992; 31(5): 893-903.
- Siqueira AC, Dell’Aglia DD. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: Uma revisão de literatura. *Psicol Soc*. 2006; 18(1): 71-80.
- Silva ER. O direito à convivência familiar e comunitária: Os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília
- Sousa, L (2005). A relação com os serviços sociais. In *Famílias Multiproblemáticas* (pp.45-83). Quarteto.

- Taylor, C. (2004). Justiça para Crianças Integradas no Sistema de Protecção. *Infância e Juventude*, 1, 56-77.
- Weber, L. N. D. (1999). A Ficção e a Realidade de Crianças Institucionalizadas: uma proposta de intervenção. *Revista Texto & Contexto*, 8 (2), 427-430.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 3, 323-331.
- Yunes MA, Miranda AT, Cuello SS. Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In: Koller SH, editor. *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenções no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004. p. 197-218.
- Zortéa, L., Kreutz, C., Johann, R. (2008). *Imagem corporal em crianças institucionalizadas e em crianças não institucionalizadas*. *Aletheia*, (27), 111-125

# ANEXOS

## Anexo A - Entrevista P1

Feminino

23 Anos

Foi institucionalizada aos 4 anos

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Comentário</b>	<b>Unidades de Carácter Psicológico</b>
<p><b>E: Então eu gostaria que partilhasses um bocadinho comigo a tua experiência enquanto jovem que cresceu numa instituição.</b></p> <p><b>P1:</b> Então a minha experiencia teve muitas coisas boas, muitas coisas boas mesmo, algumas coisas más, mas é normal em qualquer casa, qualquer família, mas posso, vou fazer um resumo desde o início</p>	1 - Descreve que a sua passagem na casa foi composta por coisas boas e coisas más	1 – 2 – Unidade de significado psicológico relacionado sentimentos positivos e negativos que passou na Instituição e com a incapacidade da mãe, devido a problemas de saúde, para cuidar dela e dos irmãos.
Entrei com 4 anos, fui depois de uma irmã que foi com 16 meses se não estou em erro. Fui para a instituição porque a minha mãe é muito doente e na altura não estava a dar, estava a sempre a ser internada, ela tinha que passar muito tempo no hospital e nós passávamos muito tempo em casa das famílias de acolhimento, vizinhos ou amigos e como isso não estava a dar muito, pronto tive que ser institucionalizada	2 - Explica que foi institucionalizada porque a mãe era doente e não tinha condições para a criar a ela e aos irmãos, revela que passava muito tempo ao cuidado de outros	
vivemos em camarate durante dois anos, o que a minha fase em camarate na instituição foi muito divertida, foi muito boa porque a casa era brutal, nós acordávamos e íamos	3 - Relata que a entrada no mundo da institucionalização foi divertida, explica as brincadeiras tradicionais que tinham	3 – Alteração de unidade de significado psicológico, relacionados com sentimentos positivos associados à introdução no mundo institucional, divertimento no convívio

<p>tomar o pequeno almoço e íamos ver os desenhos animados depois tínhamos uma espécie de creche lá dentro, erámos grupos, era o grupo dos bebés, dos médios e depois tínhamos os grandes, eu pertencia aos médios e durante aquela fase em camarate eu pertenci aos médios e aquilo foi opa, digamos que foi a introdução no mundo, naquele mundo, no da instituição, então nós tínhamos muitas brincadeiras que hoje não se vê, nós tínhamos aquelas coisas de fazer as rodas, e ouvíamos os discos da onda choc, depois, pronto, brincávamos à macaca, ao lencinho</p>		<p>com os pares.</p>
<p>e ensinaram-me coisas básicas que não se ensinam hoje em dia, ou que raramente eu ouço dizer que ensinaram, sentar-se na mesa, usar os talheres, usar papel higiénico, essas coisas que, a fazer uma cama a lavar os dentes, então nessa primeira fase que tive essa vivência</p>	<p>4 - Revela que foi importante a educação e as maneiras que a Instituição lhe transmitiu, refere que os ensinamentos básicos foram feitos na Instituição</p>	<p>4 – Alteração de unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação para com a Instituição, por ser lá que lhe transmitiram a educação base.</p>
<p>depois durante essa fase tive uma visita do meu pai, a minha mãe sempre foi muito mais regular</p>	<p>5 - Ausência do pai a partir do momento em que entra na instituição e refere que a mãe era muito mais regular</p>	<p>5 – Unidade de significado psicológico, onde a P1 fala sobre a regularidade da sua mãe biológica em visitá-la e a ausência do pai.</p>
<p>foi aí que eu fui pela primeira vez à praia, ao circo, ao jardim zoológico, foi aí que eu aprendi o que era ter uma espécie de pai, porque nós tínhamos as Tias que eram as mães, depois tínhamos as Tias que eram as educadoras</p>	<p>6 - A P1 considera que foi com os tios e as tias da Instituição que percebeu o que era ter um pai e uma mãe e que foi com eles que cresceu e que viveu os seus primeiros momentos que recorda, refere que foram os tios e as tias que a viram</p>	<p>6 – Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de carinho, para com os funcionários, os quais ela considerava como pais, a P1 foca-se em descrever que as primeiras coisas que viveu foi com eles.</p>

<p>que eram aquelas que se sentavam connosco, que ensinavam, ajudavam os trabalhos de casa e depois tínhamos as Tias que apenas cuidavam, por exemplo, a Tia da limpeza ensinava a fazer a cama, as Tias da cozinha ensinavam como se punha a mesa, o que é que era o quê, o que era o açúcar, o que era o sal e depois tínhamos os Tios que tomavam conta de nós, que nos acompanhavam à escola e que brincavam à bola connosco, toda a minha infância joguei à bola, joguei às escondidas, mas olha durante a fase do camarate sempre joguei futebol e jogávamos às escondidas e eram sempre as crianças com os funcionários, que era brutal</p>	<p>crescer e que lhe foram ensinando ao longo do tempo o que era o mundo</p>	
<p>nós tínhamos um espaço tão grande para brincar, tínhamos 2 andares, aquilo eram 3 andares e tínhamos 2 pátios um no rés do chão e outro no segundo andar, era mesmo bom</p>	<p>7 - A P1 percecionava a casa, como sendo grande com muito espaço para brincarem</p>	<p>7 – Unidade de significado psicológico onde a P1 descreve a Instituição como estando gratificada pelo espaço ser grande.</p>
<p>tínhamos as tias e depois também tínhamos uma tia que era avó, epa já não me lembro do nome dela, que ela todas as noites, certinho e direitinho, durante um ano que foi o ano em que ela esteve, nós eramos para aí 50, nós eramos bués, ela depois de jantarmos juntava-nos cá em baixo e contava-nos todas as noites a história da carochinha, era a história da carochinha depois de nós vermos as navegantes da lua e os moto ratos outra vez e</p>	<p>8 - A P1 descreve que uma tia que a P1 percecionava como sendo a avó lhe contava uma história todas as noites, descreve a rotina</p>	<p>8 – Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conforto e carinho que a Tia “avó” lhe proporcionava, por lhes dar atenção e se preocupar em todas as noites lhe contar aquela história.</p>

depois íamos para a cama		
depois disso mudámos de casa, porque depois entretanto passámos a ser menos, fomos para o Relógio, aquilo era tipo uma vivenda enorme, então nós tínhamos um pátio cá fora e as coisas aqui começaram a mudar	9 - A P1 experimentou mudança quando mudaram de casa e reduziram o número de crianças na casa	9 – Unidade de significado psicológico, onde a P1 experiencia a sensação de mudança que teve implicações e mudanças relacionais.
entretanto a direção foi mudando e nós tivemos, na fase de camarate e nos primeiros dois anos no relógio tivemos a tia J., que era uma esposa de um bispo da Igreja e ela, pronto, depois é assim, durante a maior parte do tempo que eu estive lá, à exceção do último ano, a Igreja era uma presença muito forte na Casa, porque nós todos os Domingos nós tínhamos que ir à Igreja	10 - P1 revela a predominância da influência evangélica dentro da Instituição.	10 – Unidade de significado psicológico onde descreve a predominância da influência da Igreja na vida Instituição.
todos os domingos, ou pelo menos uma vez por mês tínhamos que subir ao altar e ser apresentados como as crianças do lar e eu lembro-me por exemplo da primeira vez quando eu entrei fui apresentada na Igreja e eu lembro-me que eu não gostei, porque senti-me mercadoria, como se tivesse um rótulo, eu era, nós éramos os meninos do Lar, e até mesmo na escola nós, não era bom, porque erámos os coitadinhos, erámos os ahhh , vinham sempre perguntar: tu não tens mãe? Adultos e tudo: tu não tens mãe? Porque é que estás num Lar?	11 - A P1 sente discriminação e descreve sentir-se como mercadoria quando é apresentada como menina do lar e revela ser desconfortável quando era questionada acerca da razão por estar no lar.	11 - Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos relativos à discriminação que a P1 sentia. Foca o facto de que sentia tratada como mercadoria que era apresentada como a menina do Lar e que na escola era considerada como a “coitadinha”.
E nós tínhamos que estar constantemente a explicar, nem todos tinham a mesma	12 - A P1 descreve o facto de ter que estar sempre a explicar a razão e falta de	12- Unidade de significado psicológico que diz respeito ao facto de ter que

capacidade, a mesma descontração para dizer: não, eu tou porque a minha mãe não tinha condições para tratar, para cuidar de mim	capacidade e naturalidade por partes dos colegas da P1 que estavam na mesma situação para explicar.	haver uma constante disponibilidade para explicar os motivos para estar Institucionalizado.
e não era brincadeira nós usávamos batas, tínhamos que ir todos iguais, depois a carrinha que nos levava para a escola tinha letras que dizia que nós eramos crianças do lar, que pertencia à Igreja que tinha número de telefone, que depois nós erámos os meninos da IURDE, erámos do Reino de Deus assim é que era	13 - P1 sente que lhe atribuíam rótulos gerado pelo facto de terem que ser tratados como sendo do Reino de Deus	13 – Unidade de significado psicológico relativo à “etiquetagem” que a P1 sofria. Mesmo que a P1 não quisesse revelar que vivia numa instituição, a exposição que ela sofria era extrema.
e pá a Igreja na altura não tinha uma boa fama, aliás nunca teve, mas pronto. É mau porque criou revolta em muitos, eu vi muitos deles com vergonha de dizer que eram	14 - A P1 percecionava a Igreja como uma coisa negativa e também que tudo isto criou revolta e vergonha nos seus amigos.	14 – Unidade de significado onde perceciona a Igreja como uma referência negativa e onde explica que toda esta exposição, criou revolta e vergonha me muitos dos seus colegas.
para mim sempre foi muito na boa porque eu sabia que estava lá melhor do que estava em casa, sempre tive muita consciência disso e sempre quis ser adotada porque aquilo que eu ia ter ali ou numa família, não ia ter em casa.	15 - A P1 tem consciência de que a Instituição foi o caminho certo para ela e que conseguiu ter muito mais ali do que teria na sua família, exprime ainda o desejo que sempre teve de ser adotada.	15 – Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de aceitação por estar institucionalizada, onde a P1 foca o facto de estar melhor na Instituição do que em casa e foca ainda o seu desejo de ser adotada.
<b>Mas sentias mesmo que havia essa discriminação?</b> Havia dias que só me apetecia chorar porque era gozada na escola, pela maneira como me vestia, porque era do Reino de Deus e porque não podia e não tinha a possibilidade de sair de passear, de brincar com os meus colegas da escola, não tinha aquilo que eles	16 - A P1 relata sentimentos de tristeza, por ser gozada, por não se vestir como os seus colegas e também era tratada como sendo a menina do Reino de Deus, enfatiza também o facto de não poder sair tanto como os seus colegas.	16 – Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de tristeza, por a P1 se sentir diferente porque estava numa Instituição, porque não podia ter nem fazer o que os colegas da escola tinham.

tinham, mas pronto		
Apetecia-me chorar naquele momento mas bastava tipo se calhar chegar a casa e receber um sorriso um abraço que passava, mas eu também sempre fui muito mimada lá mesmo, eu acho que o que aquela Instituição foi não há, não há em muitas instituições eu nunca, eu não encontro em mais nenhuma, o sentido de família. Porque depois eu vejo que o que eu tive mais ninguém teve, tipo, ter tias, ter tios e ter avós e ter irmãos, eu lá tinha	17 - A P1 relata o facto de sentir que teve sorte em entrar na Instituição em que entrou porque a P1 considera que encontrou um sentido de família que não encontra em mais nenhuma instituição, considera que foi muito mimada. A etiquetagem estava sempre a remeter para a adoção – mas depois diz que é mais vantajoso estar na instituição.	17 – Unidade de significado psicológico onde a P1 explica que a Instituição continha as suas necessidades afetivas e isso bastava para ela não sofrer com o que se passava no exterior, explica que na Instituição tinha tudo, tinha família.
Para tu teres noção eu saí pela primeira vez aos 15 anos fora da MA, mas eu tinha colegas minhas que diziam que queriam vir estudar para o colégio para irem sair comigo à noite porque os pais não deixavam	18 - A P1 percebe que as suas colegas que estão fora da Instituição querem ir para o seu colégio porque lá teriam mais liberdade que não têm em casa.	18 – Unidade de significado psicológico onde a P1 sente que tinha mais liberdade que algumas colegas
Voltando à MA, uma vez por mês tínhamos a visita do povo, dos membros da Igreja tínhamos que conviver com eles, e tínhamos que conviver com eles, e os aniversários dos bispos e dos pastores eram todos feitos na casa e isso sim era o que me custava mais, ya era dia de festa mas ao mesmo tempo tínhamos que nos saber comportar, nós tínhamos que nos sentir gratos, nós tínhamos que ir muito pela fé dos outros	19 - A P1 explica que toda a sua infância esteve que estar interligada com a Igreja e que mesmo em dias de festa a P1 tinha que estar contida, o que fazia com que dias de festa se tornassem tristes	19 – Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de gratidão forçada e imposição da fé.
Mas eu vou-te dizer uma coisa eu tive uma educação excepcional, eu não dizia uma asneira, eu não tinha malícia, mas depois é	20 - A P1 revela que teve uma educação muito boa e de certa forma conservadora que não coincide com o mundo real	20 – Unidade de significado psicológico onde a P1 revela que teve uma educação excepcional, mas que quando teve

<p>assim enquanto tu és criança tu notas que não te faz muita diferença, mas quando tu comesças a perceber a diferença entre o mundo lá dentro e o mundo cá fora, faz-te muita confusão</p>	<p>e que quando a P1 percebeu a diferença entre os dois mundos revela que lhe fez muita confusão</p>	<p>contacto com o mundo real foi um choque, desadequação nos dois mundos.</p>
<p><b>Como é que te sentiste quando te apercebeste que ia haver aquele momento que ias sair de casa e ias para uma Instituição, tinhas 4 anos lembraste-te?</b> Lembro-me do dia como se fosse ontem, os meus irmãos já andavam a brincar, ahh mas eu vou para o lar, eu vou para o lar, era eu e os meus dois irmãos mais velhos só, mais a minha mãe e houve um dia em que uma senhora que era a cozinheira do lar que me foi buscar e a minha mãe ficou a ver</p>	<p>21 - A P1 explica que os irmãos já andavam a brincar com o facto de ir para o lar e que houve um dia em que a foram buscar a casa</p>	<p>21 – Unidade de significado psicológico onde a P1 revela que os irmãos já andavam a imaginar ir para um lar.</p>
<p>e eu: fixe fixe eu vou, mas depois quando eu estava a descer a rua, eu fiquei tão triste, doeu-me tanto ver a minha mãe na janela a chorar e eu pensei eu vou para casa dela mas depois eu volto, não tive noção</p>	<p>22 - A P1 relembra que o seu primeiro pensamento foi que era bom ir para o lar mas quando viu a mãe a chorar ficou muito triste, explica que não teve noção, que achava que era temporário</p>	<p>22 – Unidade de significado psicológico relacionado com a mágoa que sentiu quando deixou a mãe, a P1 revela não ter consciência que não iria voltar mais para casa</p>
<p>mas depois também cheguei à MA e apareceu-me a Tia IS, era a educadora responsável pela nossa educação lá, e eu estava a descer as escadas, ela abriu-me a porta, ela viu-me, ela fez um sorriso tão grande, tão caloroso, ela abriu os braços, eu não a conhecia de lado nenhum mas corri para os braços dela</p>	<p>23 - A P1 explica que quando chegou, sentiu-se bem recebida</p>	<p>23 – Unidade de significado psicológico onde a P1 sente uma sensação de conforto e receção calorosa quando chega à Instituição.</p>
<p>depois ela foi-me mostrar</p>	<p>24 - A P1 explica o “peso”</p>	<p>24 – Unidade de</p>

<p>aos outros meninos, eu lembro-me que na altura só falava crioulo e na altura eu virei-me e disse para um deles qualquer coisa: ahhh Avé Maria e eles: ahhhh isso é do Diabo, tá amarrado, e eu o que??? E depois nós dizíamos isso porque nós ouvíamos muito, porque por exemplo o Dragonball era do Diabo e eu depois mais tarde apercebi-me que estupidez, eram apenas desenhos animados e opá mas depois tu vives e como toda a gente que trabalhava lá era da Igreja tu vives muito em função daquilo e não consegues encontrar ali uma escapatória, é aquilo e é aquilo mesmo, eu por acaso sempre quis acreditar naquilo, mas não, não dava, havia qualquer coisa que não me fazia sentido. Imagina fazes uma birra, ahh é o demónio, é o diabo que já se está manifestar, ela é uma perturbada, uma coisa parva, nunca saía deste registo, às vezes bastava alia uma palmada e paravas, acabava ali, bastava dizer pá não, está errado, mas não era logo não podes fazer isso, não é de Deus</p>	<p>que a Igreja tinha dentro da Instituição e como ela sentia isso como uma coisa negativa, explica que mesmo assim nunca conseguiu acreditar na Igreja</p>	<p>significado psicológico onde a P1 revela gratificação imposta e uma dicotómica entre deus e diabo.</p>
<p>e depois nós íamos uma vez por mês para casa de pastores, ou bispos, era bom porque saímos dali, mas ao mesmo tempo estão-nos a por na casa de estranhos e por acaso, eu tive sorte porque ia para as melhores casas e também era uma vendida eu ia fui para casa de gente que hoje</p>	<p>25 - A P1 explica que iam passar os fins-de-semana fora, mas que era tudo confuso e instável porque as pessoas aparecem e desaparecem, não se podia apegar a nada em concreto porque era temporário.</p>	<p>25 – Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de instabilidade emocional e confusão, onde a P1 descreve que era um “entra e sai”, que as pessoas apareciam e desaparecido, tudo era temporário.</p>

<p>diz, ahh tu foste para minha casa e eu não me lembro, mas depois lá estão pessoas que aparecem e depois desaparecem e são pessoas que tu aprendes a gostar e depois elas desaparecem é tudo muito confuso, muito instável, era um entra e saí, uma coisa que era pavorosa</p>		
<p>entretanto, mudou-se a direção e foi a melhor fase, daquela casa, foi a melhor fase que eu vivi, eu era muito próxima da Tia C. e justamente na altura em que eu me virei e disse: ah Tia é como se fosse uma mãe para mim, passado um mês ela disse que ia deixar a casa para ser só dedicada à Igreja, caiu-me tudo, a primeira perda foi com a Tia IS eu era muito ligada à ela, eu adorava-a até hoje, se eu a voltasse a ver hoje era o must da minha vida e depois a Tia C. também saiu e eu fiquei muito triste</p>	<p>26 - A P1 revela as perdas que teve dentro da Instituição, sentimentos de tristeza que derivaram da saída de funcionárias da casa que eram como mães para a P1.</p>	<p>27 – Unidade de significado psicológico relativa a perdas que a P1 sentiu, as pessoas que ela mais era próxima dentro da Instituição acabaram por desaparecer.</p>
<p>porque durante a fase que a Tia C. teve lá, nós tínhamos uma verdadeira família, era toda a gente, ela chegava, nós funcionários todos, fechava a casa e íamos para a praia o dia inteiro, o verão inteiro, nós íamos para a praia, para o jardim zoológico, nós fazíamos piqueniques, nós fazíamos o almoço e depois fazíamos o jantar, depois jogávamos às escondidas com todos, era brutal, mas depois se ela tinha que ralar à frente de toda a gente ela ralhava, se ela</p>	<p>27 - A P1 sentiu a Instituição como uma verdadeira família, onde brincava e passeava, mas também onde se ralhava se assim fosse necessário</p>	<p>27 – Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de união e felicidade, por ser uma fase na Instituição em que eram muito unidos e tinham os dois lados, o da brincadeira, mas também o da educação.</p>

<p>tinha que tirar do chinelo e dar-nos ela dava</p>		
<p>e eu tive situações com dois rapazes lá que pronto, os rapazes quando são mais velhos são mais atrevidos e eu tive uma situação que por exemplo, lembro-me de um rapaz que eu e ele chocávamos muito, eu e ele puxávamos pela atenção da mesma Tia</p>	<p>28 - A P1 explica atritos que existiam na Instituição com um dos colegas por querer chamar pela atenção dos cuidadores.</p> <p>- Remete para a rivalidade fraterna</p>	<p>28 – Unidade de significado psicológico relacionado com chamadas de atenção, para obter mais atenção por parte das pessoas que cuidavam da P1 dentro da Instituição.</p>
<p>e houve um dia em que eu fiz os trabalhos de casa, porque eu era muito certinha nisso, nós chegávamos da escola e íamos fazer os trabalhos de casa e quem acabasse primeiro ia ver televisão, ou fazer aquilo que mais gostava e eu era muito da televisão, e eu fui sozinha para a sala de vídeo e ele entrou sorrateiramente, ele atirou-me para o chão e tentou-me hmmm, pá tentou ali qualquer coisa, mordeu-me o lábio, bateu-me, depois gritei e ele fugiu</p>	<p>29 - A P1 retracta que viveu situações de perigo dentro da instituição</p>	<p>29 – Unidade de significado psicológico, onde a P1 explica que vivenciou situações de perigo, por parte de rapazes, pois era uma Instituição mista.</p>
<p>e eu fui contar e a Tia C. ouviu o que eu disse pegou nele e deu-lhe uma sapatada e eu ali senti-me protegida</p>	<p>30 - A P1 revela que apesar da situação de perigo sentia-se segura dentro da Instituição</p>	<p>30 – Unidade de significado psicológico onde foca o sentimento de proteção / segurança que a P1 sentia por parte da Tia C.</p>
<p>mas eu também como era próxima de muitas funcionarias eu conseguia perceber que havia muitos conflitos entre elas, e foi assim que fui ganhando um bocadinho estaleca em relação ao que se passava cá fora</p>	<p>31 - A P1 explica que existiam problemas e conflitos dentro da Instituição, mas que foi assim que a P1 foi percebendo o mundo cá fora.</p>	<p>31 – Unidade de significado psicológico que passa pela P1 perceber o mundo cá fora com os conflitos que existem dentro da casa entre as funcionárias.</p>
<p>eu não era só uma miúda que andava para ali e não tinha noção das coisas, eu percebia as coisas e eu</p>	<p>32 - A P1 explica que mesmo estando dentro da Instituição, era metida e queria sempre perceber o</p>	<p>32 – Unidade de significado psicológico onde a P1 se auto caracteriza como sendo</p>

<p>perguntava e eu questionava, eu era metida, era uma fofoqueira</p>	<p>que realmente se andava a passar, a P1 explica que nada lhe passava despercebido</p>	<p>uma miúda esperta e curiosa que queria sempre saber mais.</p>
<p>depois mais tarde já tinha uns 11 anos, na altura tinham entrado 3 irmãos, uma que era a D. que infelizmente já morreu ela tinha uma doença muito grave e o C. e o J., toda a gente naquela casa embeaçava pelo C., ele era o mais vivo e ele percebeu de certa forma que eu era a mais esperta de elas todas, amadurecia e foi tentado ali qualquer coisa comigo e eu pronto, era mais nova, eu não sei o que é isto, deixa-me ver, mas depois não achei piada e comecei a fugir, e quando senti que a coisa já estava a passar os limites eu senti necessidade de contar</p>	<p>33 - A P1 sentiu como estando em perigo dentro da Instituição por não se ter apercebido da realidade na primeira impressão.</p>	<p>33 – Unidade de significado psicológico relacionado com a P1 sentir de novo que estava numa situação de perigo dentro da Instituição.</p>
<p>e numa das ocasiões que eu tive sozinha com a Tia Carla, olhe Tia Carla passa-se isto e isto, ela ouviu-me, depois quando ela chegou a casa mandou toda a gente sair da sala, foi toda a gente para a cama e o nosso quarto era mesmo pegado à sala de vídeo, e eu consegui ouvir a discussão que eles tiveram, deu-lhe sapatada e disse-lhe sapatada, protegeram-me, mas enquanto me protegeram a mim eu ganhei uma imunidade muito grande com os rapazes da casa e isso</p>	<p>34 - A P1 explica novamente que se sentiu protegida dentro da instituição, quando se sentia em perigo</p>	<p>34 – Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de proteção onde a P1 sempre que sentia em perigo, era protegida.</p>
<p>porque isto é assim nas instituições acontece sempre, quando nós crescemos porque por mais</p>	<p>35 - A P1 aborda o tema da sexualidade dentro das instituições, a P1 revela que apesar dos</p>	<p>35 – Unidade de significado psicológico onde a P1 revela que por mais limites que as</p>

<p>que os funcionários queiram controlar as crianças e os jovens, eles não conseguem, porque há sempre algum buraco que alguém encontra, então vinham aos nosso quartos, iam tentando coisas com as meninas e pronto se elas não achassem piada, que éramos poucas as que não achávamos piada, nós gritávamos e chamávamos as tias, que elas estavam sempre perto, mas é difícil controlar estas pequenas coisas porque depois tu tens rapazes no inicio da exploração da sua sexualidade, raparigas no inicio da exploração da sua sexualidade</p>	<p>impedimentos que existem dentro das instituições encontra-se sempre uma escapatória para conseguir fugir às regras</p>	<p>Instituições tenham, eles nunca estão protegidos a 100%, ela explica que quando se queria fazer alguma coisa, arranjava-se sempre uma maneira.</p>
<p>que não tens ninguém que se sente e fale connosco sobre o que é a sexualidade, sobre o porque é que não se convém que eles estejam juntos nesse modo e os perigos disso, não tens ninguém que explique realmente</p>	<p>36 - A P1 explica que não existe ninguém que informe dentro de uma Instituição, temas normais são tornados tabus e a noção da realidade é pouca por parte dos adolescentes Institucionalizados</p>	<p>36 – Unidade de significado psicológico relacionado com a falta de informação sobre a sexualidade que pode depois levar a situações de perigo.</p>
<p>eu por acaso tive a M. que me explicou que me iam crescer as maminhas, que ia ter o período que era assim que se punha o penso, essas coisas que uma mãe faz com uma filha</p>	<p>37 - A P1 diz que mais tarde teve a ajuda de uma tia que lhe ensinou coisas que uma mãe ensina a uma filha</p>	<p>37 – Unidade de significado psicológico onde foca que dentro da Instituição encontrou uma “mãe”, que lhe ensinava as coisas básicas que uma mãe ensina a uma filha.</p>
<p>mas na altura não tive, no inicio não tive, falar de sexo: o que? Gostar de rapazes? O que? Mas acontecia lá dentro acontecia muito, pronto eramos rapazes e raparigas e eles nesse sentido não havia uma proteção, não havia um trabalho da</p>	<p>38 - A P1 revela de novo o facto de não haver informação dentro da Instituição e os temas normais são tornados tabus e descabidos</p>	<p>38 – Unidade de significado psicológico relacionado com o facto que dentro da Instituição o desenvolvimento normal de uma criança, era tabu, não se falava sobre isso.</p>

<p>instituição e quando nós estamos na escola começa a receber carta de amor daquelas que tens que meter sim ou não e com aqueles bonecos muito ordinários</p>		
<p>depois é engraçado, nós estávamos na instituição e eu quando recebia a carta mostrava ao Tio H. que era quem nos ia buscar à escola e ele quando via aqueles bonecos ele ia lá ter com o rapazes e dizia: isso é coisa que não se faça. E puxava as orelhas ao filho dos outros, o que era um máximo e sempre que nos batiam ele ia lá, então nós sentíamos-mos protegidos</p>	<p>39 - Sentimento de proteção, pois quando lhe faziam mal, o Tio H. nunca deixava ficar as coisas paradas.</p>	<p>39 – Unidade de significado psicológico onde a P1 experiencia novamente sentimentos de proteção, pois quando eram mal-educados para a P1, o Tio estava lá para a proteger.</p>
<p>mas não devia acontecer nem nas escolas, nem na instituição, até mesmo nas instituições de hoje não há, e quem é que diz a uma miúda de 11 anos que começou a ter o período que aquilo é o período que lhe vão começar a crescer pelos púbicos, que a partir daquele momento ela vai ter que começar a ter cuidado vai ter que saber o que é uma camisinha, o que é um preservativo, uma pilula, não se fala é tabu</p>	<p>40 - Falta de informação relacionada com o facto de na Instituição não se poder falar de coisas normais e que fazem parte do crescimento</p>	<p>40 – Unidade de significado psicológico onde mais uma vez a P1 explica que muitos assuntos são tabus, assuntos que têm de ser falados pois fazem parte do crescimento de um adolescente.</p>
<p>e eu aprendi e o que eu sei hoje aprendi sozinha com as amigas e isso também não está correto porque se estão lá para nos proteger têm de nos proteger de tudo, têm que nos preparar para tudo e têm que nos ensinar como é realmente o mundo cá fora, eu por exemplo não sabia atravessar uma estrada, eu</p>	<p>41 - A P1 relata que na Instituição não a protegiam de tudo porque não preparavam para o mundo cá fora</p>	<p>41 – Unidade de significado psicológico onde a P1 diz que não a prepararam para o mundo cá fora, não a protegerem, não a informaram de tudo.</p>

<p>não sabia andar a rua, eu a andar na rua parecia uma tolinha, sempre a olhar para o chão, e em relação a tudo o resto que se passava à minha volta?</p>		
<p>Porque depois, entretanto a Tia Carla as regras mudaram, deixou de haver aquelas festas dos bispos e pastores, mas ao Domingo ainda tínhamos que ir e quando entrei para o 5º ano, porque eu tinha miúdos de Chelas e desses sítios assim na escola e ouvia palavrões e não compreendia e os miúdos vestiam-se de maneira diferente e eu não percebia porquê, porque é que eu não podia ter aquela roupa? Porque a roupa era toda dada e era toda desatualizada e eu era gozada pela maneira como me vestia, era gozada porque levava comida de casa, era gozada porque ia de carrinha e vinha de carrinha e era a menina do Reino de Deus e são coisas que doem e depois quando estás a preencher aquela ficha do início que pede o nome da mãe e do pai tu não sabes, o nome e depois tinhas que explicar à frente de uma turma de um grupo de miúdos que não te conhece de lado nenhum que estavas numa instituição e às vezes as pessoas são cruéis e não são capazes de dizer olha pronto</p>	<p>42 - A P1 explica o choque quando se deparou com o mundo real, onde foi gozada por ser diferente das outras crianças e pelo facto de ter que se expor em frente às outras pessoas</p>	<p>42 - Unidade de significado psicológico relacionado com o choque com o mundo cá fora, com a P1 sentir-se diferente dos outros meninos, sentir-se etiquetada, uma das situações que ela refere é o facto de ter que se expor no início das aulas.</p>
<p>não houve nenhuma pessoa da instituição que fosse capaz de dizer esta criança ou este jovem faz parte da</p>	<p>A P1 explica que não se sentia protegida por ninguém da Instituição para não ter que se expor</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a falta de informação passada ao exterior que fez</p>

instituição, por favor passe a informação aos outros professores para a criança não tenha que se expor tanto, não há isso	tanto	com que houvesse uma exposição da vida pessoal da P1
<b>Tu compreendeste os motivos que te levaram a sair de casa?</b> Sim porque, eu sempre fui muito curiosa e eu fui sempre perguntando à pessoa que me era mais próxima e há pessoas que eu me senti mais confortável, porquê que eu estava ali e graças a deus eu tive pessoas que me disseram, tu estás aqui porque a tua mãe não teve condições para cuidar de ti e depois eu também falava com a minha mãe e dizia mãe porque é que eu estou aqui, quando é que vou para casa? E ela dizia-me: a mãe está doente, a mãe ainda não pode.	A P1 verbaliza que sempre compreendeu os motivos pelos quais teve que ser institucionalizada e onde explica que se interessa por saber os motivos e sempre quis perceber as razões por estar na Instituição	Unidade de significado psicológico onde revela o suporte que tinha dentro da instituição que lhe explicava os motivos por estar ali e a P1 ainda revela a característica da sua personalidade que é ser curiosa a ajudou a entender a realidade.
<b>Conseguias compreender ou sentias injustiça ou revolta?</b> Não, eu conseguia compreender, mas pronto eu sou uma exceção à regra, enquanto eu compreendia, todos os outros sentiam uma revolta	A P1 explica se sentir uma exceção pois não ficou revoltada com o que lhe aconteceu e sim compreendeu os motivos	Unidade de significado psicológico relacionava com a compreensão da P1, e pela capacidade que ela tinha em compreender.
e a única coisa que me deixava triste era não haver o pai, a minha mãe ia, mas o meu pai não	A P1 revela que sentiu sentimentos de tristeza por o pai nunca a ter visitado	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza pela ausência da figura parental.
e depois mais tarde eu soube quando o meu pai voltou a aparecer, já mais para a frente e eu depois soube que o meu pai só apareceu porque a Instituição tinha que me começar a preparar a minha saída e eu soube que foi a	P1 revela a sua desilusão quando percebeu que o pai só voltou a aparecer porque as funcionárias da Instituição o procuraram	Unidade de significado psicológico onde a P1 expressa sentimentos de desilusão pelo facto do pai só ter aparecido porque as funcionárias da Instituição lhe pediram.

<p>tia Carla que foi atrás do meu pai, que porque na instituição tu tens sempre alguém que conhece alguém que por acaso conhece o familiar e eu tinha uma tia que trabalhava lá que era vizinha do meu pai por isso</p>		
<p>E eu quando eu ia a casa dessa tia porque eu ia, porque depois deixou de ser os pastores e passou a ser as tias e íamos passar o último Domingo do mês a casa das tias e o sistema era mais ou menos o mesmo, vais para casa de estranhos, pá e não faz sentido, estás ali dois dias, passas o Natal, a passagem de ano, mas depois voltas, mais valia passarmos todos juntos na instituição era mais giro</p>	<p>A P1 exprime de novo o facto de nada ser certo e que lhe davam dois dias com uma família, mas logo a seguir voltavam para a instituição, a P1 revela que para ela este sistema não fazia sentido/não a fazia sentir bem</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a instabilidade/inconstância que era sentida quando passavam os fins-de-semana em casa de funcionários da Instituição.</p>
<p>pai natal era do diabo, coelhinho da páscoa era do Diabo, eu durante todo o tempo na MA, tudo aquilo que agora os miúdos têm eu não tive porque era tudo do Diabo</p>	<p>A P1 explica que tudo que era normal as crianças terem ela não podia ter porque era considerado do Diabo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a grande presença da Igreja e pela imposição desta à P1.</p>
<p>e depois quando eu comecei a dizer: então mas é do Diabo porquê? Mas eu não quero mais ir à Igreja não faz sentido, não gosto, não estou ali a fazer nada, foi mais ou menos assim que eu disse; a Conceição aceitou, a psicóloga compreendeu e apoiou e a maioria das funcionárias entendeu, mas sentimos todos nós crianças que elas ficaram todas, chocadas a pensar não acredito que vocês estão a fazer isto e eu senti que sabes quando as pessoas olham e falam-</p>	<p>A P1 exprime que quando contrariada sentia que era julgada quando exprimia as suas vontades</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 exprime sentimentos de incompreensão e julgamento por parte das funcionárias, quando ela exprimia que não queria mais ir à Igreja.</p>

<p>te mal por uma decisão que tu tomaste? Eu senti isso, porque eu até dizia, um dia quando eu sair daqui vou fazer piercings nas orelhas eu vou tatuagens, eu vou sair à noite eu vou fazer tudo e mais alguma coisa e eles, o Tio H. quando me ouvia a dizer isso passava-se dizia: o quê?? Tu queres ir para o mundo?? Tu vais-te perder, tu és uma filha de Deus, não pode ser! Opá eu era uma miúda que queria descobrir o mundo</p>		
<p>mas é um conflito muito grande quando tu crescer na instituição com regras e com um padrão é muito complicado, porque ou tu tens as instituições que são religiosas e que são muito rígidas na filosofia deles, nas regras deles, ou tu tens uma instituição que é super libertina e tu sais à noite, tu fazes os piercings que tu quiseres e não há controlo entre o espaço de tempo em tu vais para a escola e vens para casa e já dá espaço para tu seguires maus caminhos e se tiveres cabeça esquece, esquece mesmo, por isso é que há miúdos que vivem em instituições que nem parece que vivem em instituições parece que vivem na casa dos pais, continuam a roubar, porque acontece, continuam a bater nos outros na rua, não há controle é o 8 ou 80, é uma selva, porque depois, se fazes é porque fazes, se não fazes é porque não fazes</p>	<p>A P1 explica as diferenças que existe das Instituições em Portugal, ou umas se regem pela religião e são muito fechadas, outras são libertinas e não controlam as crianças/adolescentes</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 exprime a sua opinião quanto à disparidade de educações que são impostas nas Instituições em Portugal, a P1 explica que são ou muito libertinas ou completamente fechadas e rígidas quando às suas regras.</p>
<p>e devia haver uma, eu acho</p>	<p>A P1 exprime a sua opinião</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p>que agora estou um bocado a fugir ao assunto, mas devia haver uma formação, até aos meus 15 eu fui educada por pessoas que não tinham qualquer tipo de formação, à exceção de uma ou outra, a maioria não tinha formação nenhuma para lidar com jovens com crianças e então tratavam-nas pior do que tratam os filhos e ainda hoje tenho funcionários que vieram ter comigo e disseram desculpa, porque aquilo que eu vos fiz eu era incapaz de fazer à minha filha,</p>	<p>quanto à formação dos funcionários que trabalham com estas crianças, ela explica que a maior parte das funcionárias que trabalhavam com ela não tinham formação, e a P1 explica que devia haver esta formação, pois considera fundamental</p>	<p>psicológico relativo a sentimentos de revolta face à não formação dos funcionários.</p>
<p>porque, por exemplo os rapazes são sempre piores que as raparigas e na MA os rapazes eram terríveis, eles eram terroristas, literalmente, imagina o que é, hora de deitar, deitávamos todos e eles pá, estava silencio e eles começavam a correr de um lado para o outro, depois iam lá para baixo, depois iam lá para fora para o quintal e depois corriam, depois as Tias, os castigos eram, pegavam nos rapazes todos, iam lá para fora, no Inverno, davam-lhes banho de mangueira de agua fria, aproveitavam e davam-lhes mangueiradas, davam-lhes com a mangueira, pá davam-lhes sapatadas, metiam-nos a correr nus depois do banho com o frio, havia de certa fora humilhações à frente das outras crianças, havia ali um abuso, e tu fogo se fosse tua filha tu não fazias isto,</p>	<p>A P1 explica que assistiu a maus tratos às outras crianças e que havia humilhações e abusos por partes dos funcionários da Instituição às crianças</p>	<p>Unidade de significado psicológico expressa por sentimentos de injustiça, abuso e maus-tratos por parte dos funcionários às crianças.</p>

<p>o que é que nós temos a menos que os outros e isto acontece sempre quando tu tens, numa instituição ou na casa de familiares quando o filho não é teu, tu tratas a baixo de cão e és cruel,</p>	<p>A P1 sente que por não serem os filhos biológicos das pessoas que cuidavam deles eram mal tratados</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça e diferença por parte dos cuidadores, P1 expressa o sentimento que só havia aquele tipo de maus-tratos, porque eles não eram os filhos biológicos dos funcionários da Instituição.</p>
<p>mas depois também não há ali alguém que diga, meus amigos são crianças, porque eu digo-te uma coisa, enquanto a Tia C. teve lá não havia cá dessas coisas, banhos de mangueira? Ai delas! Quando nos puxavam as orelhas e nós ficávamos marcados era tudo de surra e se não fossemos nós, eu chibava-me sempre, e ela ficava chateada e ia lá falar com a Tia chamava à atenção, mas e quando não ficava marca? Não é? Aquilo fica aqui (aponta para a cabeça) e não é justo, elas estão lá para nos proteger, para cuidar de nós, para nos dar aquilo que a gente não teve em casa, não é para fazerem pior e pá houve N situações que eu digo, não foi correto, isso não foi educação, isso são maus-tratos, as coisas acontecem e ninguém fala, é tabu, é tudo camuflado</p>	<p>A P1 revela que sempre que lhe faziam mal ela contava, mas que havia maus tratos psicológicos que ela sofria que diz não ter sido educação e diz que não protegiam, mas sim repetiam o ambiente familiar que estas crianças tinham em casa.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção, porque a P1 assistia a maus-tratos tanto físicos como psicológicos, P1 expressa também o facto de que os maus tratos nas instituições são camuflados.</p>
<p>é porque a vida numa instituição, ya, eu tive uma infância, porque eu era uma menina pacata, não arranja muitas confusões, tinha as minhas asneiras, os meus castigos, tiravam-me a televisão, os livros eu ia</p>	<p>A P1 explica que a sua infância não foi tão má como a dos outros meninos, pois ela sabia que se fizesse o que os outros faziam ia sofrer de maus-tratos como eles</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 revela a consciência que se não cumprisse todas as regras, era vítima de maus tratos</p>

<p>para cama mais cedo, mas não era de, não levava puxões de orelhas com frequência, não levava chapadas com frequência, não levava sapatadas com frequência, nunca tomei banho de água fria, mas porque eu sabia que se eu fizesse asneira tinha consequências e se eu não fizesse, tinha tudo, tinha o meu quartinho só para mim, tinha os meus livros, podia ver televisão até mais tarde, mas e os outros? Não é? Eu sou muito de observar, eu vejo nas costas dos outros as minhas, eu não fazia, porque se eu fizesse eu ia ter o mesmo que os outros e eu não queria,</p>		
<p>) mas lá está, há muita coisa que se passa lá dentro que não passa cá para fora e as pessoas pensam que lá dentro, ahh tu tens é que ser grata por aquilo que tu tens, porque na casa dos teus pais tu não tinhas, mas eu não pedi para ir, tiraram-me, eu sei que eu tu melhor mas quem não sabe? Não é?</p>	<p>A P1 explica que não está na Instituição por vontade própria, por isso não tinha que se sentir agradecida por estar ai</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 revela sentimentos de injustiça por a realidade dos maus tratos não ser transmitida para o mundo cá fora e também sentimentos de injustiça, porque lhe ser inculcido sentir-se grata por estar Institucionalizada.</p>
<p>Eu tenho uma consciência que muita gente não tem e por isso eu digo te, eu vi uma coisa que não devia ter vistos, enquanto miúda, apercebi-me de muita coisa que não me devia ter apercebido, porque eu apercebi-me por exemplo: ahh mentir é do Diabo e não se deve bater e não se deve dizer asneiras, mas depois eu via as Tias quando se chateavam batiam, ou mentiam entre</p>	<p>A P1 diz que dentro da Instituição começou a aperceber-se que os valores que lhes transmitiam eram contrariados pelas pessoas que os transmitiam e que ela conseguia perceber que não estava correto</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 expressa que teve que crescer muito rápido, pois estava perante uma realidade muito crua.</p>

<p>as funcionárias, pá não sei, havia tudo aquilo que ensinavam não era aplicável e foi isso que me fez perceber que isto não tá certo, isto não é assim, é tao de Deus, tão de Deus e depois faz, não é? Pá, eu consegui jogar com isso, mas e quem não consegue?</p>		
<p>Que é o caso da minha irmã, que saiu não soube lidar com o normal de uma família, voltou e depois tinha, miúdos constantemente a bater e depois nós dizíamos “ele tá bater” e elas “oh fulano não façás” e seguiam a vida delas e eles continuavam, ao ponto de ela dizer não consigo estar aqui, eu quero-me ir embora daqui</p>	<p>A P1 explica que quando saiu para uma família não soube lidar com a realidade teve que voltar para a Instituição e quando voltou sofreu de maus tratos</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 relata a falta de proteção de a irmã sentiu quando voltou para a instituição que a levou a ter que abandonar a mesma.</p>
<p>e eu depois tive que tomar a decisão, disseram-me “a tua irmã vai para a instituição x, que por acaso nós falamos sobre ti e eles disseram se por acaso não tinhas interesse em ir também”, a mim perguntaram-me se eu queria acompanhar a minha irmã e eu é que decidi que ia acompanhara minha irmã e se eu não tivesse decidido ia para onde? Eu tinha 15 anos, não é? E depois disso, é que depois é isto, tu cresces num registo e chega a uma altura que já não podes continuar ali, vais para outro sítio com um registo completamente diferente, rotina completamente diferente e o choque é muito grande, é muito grande e seja para uma</p>	<p>A P1 exprime que quando se tem que mudar para outra Instituição é tudo uma nova adaptação, outra vez mais uma perda, na qual as crianças não estão preparadas e não são preparadas neste sentido, a P1 sente que os tratavam como mercadoria</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 exprime sentimentos de perda quando teve que mudar de uma instituição para a outra e também e revela falta de acompanhamento nesta mudança, revela ainda sentimentos de instabilidade e da inconstância que a P1 sentia.</p>

<p>outra instituição, seja para uma casa de uma pessoa, é tira pões, tira põe, tira põe e não há uma acompanhamento em que realmente as pessoas digam, não há um processo, não há uma adaptação, não há tempo para a criança se adaptar, se familiarizar, não tempo para nada é tira põe como se fossem bonecos, mercadoria, não é?</p>		
<p><b>Mas tu sentias-te em casa, enquanto estiveste na Instituição?</b> Ahh sim, sim, isso sem dúvida era a minha casa era a minha família, eram os meus tios e pronto, ya tinha a visita dos meus pais de vez em quando, mas eu não tinha qualquer interesse neles, eu sei, eu dizia ah eu vou fazer 18 anos, vou ter a minha casa, vou trabalhar e venho buscar a minha irmã e a minha irmã vai viver comigo era assim que eu pensava se eu não for adotada eu vou viver sozinha vou à minha vida, não quero ter nada a ver com a minha mãe.</p>	<p>Explica que sentia que a Instituição era a sua família e que recebia visitas dos pais, mas as suas expectativas de futuro eram bem longe dos pais, a P1 exprime que queria seguir a sua vida independente, só queria ir buscar a irmã</p>	<p>Unidade de significado onde a P1 releva considerar as funcionárias da Instituição as suas figuras de família e expressa que não tinha interesse nos pais biológicos, apenas na sua irmã</p>
<p><b>Esse pensamento ganhaste-o enquanto vivias na casa?</b> Enquanto lá estava, porque se eu tenho noção que a minha vida é melhor longe da minha família biológica, então eu quero o melhor para mim, se o melhor é longe do álcool, das discussões, da violência, então eu quero o melhor</p>	<p>A P1 explica que quando estava na Instituição percebeu que tudo o que queria era crescer num ambiente diferente do que o ambiente da sua família biológica</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 revela consciência de que a sua vida seria melhor sem a família biológica e as suas dificuldades.</p>
<p>e depois eu achava sempre que o Lar ia sempre aquilo que foi enquanto eu estive</p>	<p>A P1 transmite as diferenças significantes que existem entre os Lares</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde revela sentimentos de choque</p>

<p>lá, mas não foi o que aconteceu infelizmente, mas depois eu não estava preparada para a transformação que eu sofri porque eu deixei de viver aquilo e comecei a ver que há mais para além daquilo e que às vezes é melhor e outras vezes é pior e a pior coisa que,</p>	<p>e que não estava preparada para a transformação</p>	<p>quando começou a perceber que o mundo não era só a Instituição.</p>
<p>Outras das maiores dores que eu passei enquanto jovem foi adaptação de uma instituição para a outra, porque eu tinha uma instituição em que eu chegava e era tia e tinha carinho e abraços e mimo e pá não saía e não estava com os meus amigos era muito raro e tal, mas era a Casa, era a referencia e depois fui para uma casa onde elas eram todas muito frias, as outras miúdas que vivam lá tratavam-te com diferença, de certa forma por tu seres mais ingénua, abusam de ti, gozavam de ti, pisavam-te e até mesmo a primeira vez que me berraram fora da MA eu chorei que nem uma perdida e disse, nunca ninguém me tratou assim porque é que ela tá gritar comigo, por uma coisa de caca.</p>	<p>A P1 explica que uma das suas maiores mágoas no seu percurso, foi a mudança de Instituição, de uma Instituição que era a sua referência e tinha muito carinho para outra instituição onde as cuidadores eram mais frias o onde o ambiente com os colegas não era o melhor</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza e de perda quando o momento da mudança de uma instituição para outra, refere ainda o choque e as diferenças de ambiente de uma para outra.</p>
<p>Porque depois, mas olha também não são só coisas más porque também aprendi e ganhei o hábito, quer dizer eu já tinha acordava e fazia a minha cama, mas eu acordava fazia a minha cama, limpava o espaço comum, tínhamos todas tarefas antes de ir para a escola e</p>	<p>A P1 explica que nem tudo é mau, porque foi nesta nova instituição que consegui ficar mais capaz nas lides domésticas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ganhos face à Instituição.</p>

<p>depois das refeições e à noite quem cuidava da casa erámos nós e na MA quem cuidava da casa eram as funcionárias e nós depois é que foi implementado aquela coisa de ajudar e de aprender que é para também sabermos,</p>		
<p>mas pronto, a princesinha na outra instituição eu fui logo apresentada como a meninas que veio de uma instituição de ricos que não fazia nada que era uma princesa e que tinha uma vida muito boa, mas ali tinha que começar a ser mais esperta e tinha que fazer as tarefas como as outras é que ouvia constantemente as funcionárias da instituição “tu agora estás aqui, tu agora tens que aprender a fazer, tu és igual às outras” eu nunca disse que era diferente, mas pá também não era preciso bater assim tanto no ceguinho já me estava a custar a mudança, o primeiro ano foi horrível depois da saída da MA,</p>	<p>A P1 explica que era vista na nova Instituição como a menina que tinha tido um passado facilitado e que foi muito massacrada por isso</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça face à nova Instituição.</p>
<p>porque lá esta na MA tinha grupos, os grandes, médios e os pequenos e eu e a minha irmã crescemos em grupos diferente, era a minha irmã ya, mas eu estava completamente na descontra, porque a minha irmã tinha as tias e as tias tomavam conta dela e eu era eu, e depois naquela instituição eu tive que, foi obrigada a ter que me aproximar da minha irmã e eu dizia “então mas ela está bem ela tá ali”, exigiam que eu fosse ser irmã, mas</p>	<p>A P1 explica que na nova Instituição, as funcionárias não eram coerentes naquilo que a mandavam fazer e no que diziam.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de dualidade de sentimentos face ao que lhe era transmitido na Instituição.</p>

<p>quando eu era irmã diziam “não desculpa lá, nós estamos aqui, estás a fazer o que?” não há um equilíbrio.</p>		
<p><b>E quando estavas lá dentro quais eram as tuas expectativas quando saíesses?</b>  É assim, a minha ideia era eu ia tirar um curso de gestão para depois tirar um curso de cabeleireiro de cabeleireiro, manicure para abrir o meu negócio e para ter o meu império, essa era o meu objetivo de vida, mas pronto, mas como a vida não nos corre sempre como a gente planeia, e eu tive que, fui sair de facto para fazer o curso de administração, mas depois não gostei e depois descobriram que afinal eu tinha jeito para o desenho e meteram-me num curso de artes que depois às tantas serviu de grande coisa porque não me dava equivalência para a faculdade e depois já não era aquilo que eu queria, e depois fiquei ali um bocado perdida em relação aquilo que eu queria ser,</p>	<p>A P1 em resposta à pergunta do entrevistador explica os seus sonhos de futuro enquanto estava Institucionalizada, mas que nada disso se realizou</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 explica que ficou um pouco perdida e não conseguiu concretizar os objetivos que tinha para si.</p>
<p>porque na instituição devia ser trabalhado o percurso de cada criança e jovem para o futuro, testes psicotécnicos e vocacionais deviam ser feitos constantemente, as aptidões deviam ser muito mais trabalhadas, informação devia ser muito mais bem passada, não sei, era tipo, olha existe estes cursos, o que é que tu gostas de fazer? O que é</p>	<p>A P1 explica que dentro da Instituição, nunca houve informação, nunca houve um acompanhamento a nível do futuro escolar para ele ter noção do que queria e do que podia esperar do mundo cá fora</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desamparo perante a Instituição para com o seu futuro profissional e académico.</p>

<p>que tu queres fazer? Isso no fundo é o normal, o que acontece, tu gostas disto, então luta por isto, olha vai pesquisar aqui ali, sobre isto, sobre aquilo e não, ali não,</p>		
<p>eu saí completamente perdida, eu no que tocava ao meu futuro eu não tinha identidade, é assim eu não tinha identidade e até hoje luto pela minha identidade, porque quando nós crescemos e o que é de um é de todos, nós não temos muito aquela coisa do que o que é meu é meu e eu sou assim, e eu gosto disto e eu gosto daquilo, tu não tens isto, tu não és um, és um todo e depois quando tiveres que ser só tu como é que é? Não é? Pronto.</p>	<p>A a P1 explica que não tinha identidade e que ainda hoje não tem bem certeza da sua identidade, pois cresceu tendo que partilhar tudo e durante o seu crescimento não era considerada uma pessoa, mas sim um grupo de pessoas e nesta globalização a P1 sente que perdeu a identidade</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de confusão em relação à sua identidade. P1 revela que na Instituição não há individualização.</p>
<p><b>Eras autónoma ou sentias-te muito dependente das pessoas que cuidavam de ti?</b>          Não, eu era muito autónoma, por acaso eu era, os outros eram mais dependentes, mas eu lutei pela minha autonomia, porque era eu que ajudava a deitar os mais pequeninos, eu ajudava as vezes a tomar conta a levantar a dar comida e em troca disso tinha o meu quartinho, os meus livros, mas eu tinha aquilo que os outros não tinham, porque também lutei por isso, não dava para ser de outra forma, porque eu não me identifica com a mentalidade dos outros por isso não havia outra forma,</p>	<p>A P1 explica que era autónoma porque lutou por isso e porque ajudava nas lides da casa e ela sabia que tinha que fazer tudo certo para conseguir ser autónoma e ter regalias que só assim as conseguia ter</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado tentativa ativa de ganhar independência, de ganhar autonomia.</p>
<p>e quando tive de castigo, eu tive duas vezes esse</p>	<p>A P1 revela que se sentia humilhada, quando lhe</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>castigo que era, eu tive o meu quarto na MA, deram-me o meu quarto eu acho que andei numa fase que tinha a mania e então o castigo foi tiraram-me o quarto e acho que tive más notas ou o que foi, tiraram-me o quarto, ai que humilhação, a sério, porque depois tornei-me igual, tive que outra vez partilhar tudo, já não era especial, depois voltei a ter o quarto, mas depois já não sei bem porquê mas tive que dividir o quarto com a minha irmã, depois dividi com mais não sei quem e não é fixe,</p>	<p>tiravam as coisas que ela tinha conquistado, quando deixava de ser especial, sentia-se humilhada e igual</p>	<p>com sentimentos de humilhação por não se sentir diferenciada quando a colocavam de castigo.</p>
<p>porque ou tens ou não tens, independentemente, foi bom para perceber que eu não posso, foi um castigo e eu tive que aprender com isso mas ao mesmo tempo tiraram-me a identidade outra vez, e dói, quando até mesmo olha, quando tu tens a tua identidade tu sentes-te segura de ti própria, tens a tua privacidade estás no teu canto, estás no teu mundo e só convidas quem tu quiseres e quando de certa forma,</p>	<p>A P1 revela que estavam sempre a dar e a tirar, e para ela isso significava estarem-lhe sempre a tirar a identidade, e a P1 diz que se sentia segura de si própria, quando tinha a sua identidade, quando tinha o seu quarto</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a perda de autonomia, liberdade e de escolha.</p>
<p>ya davam-me o quarto mas depois eu tinha funcionárias que por causa da bagunça do jantar da noite, quando muitas vezes nem tinha nada a ver com isso, ou até as vezes porque dei uma resposta torta, chegavam com eles todos e simplesmente acordavam-me com berros, abriram-me os cobertores e começou-me a bater, assim aquele bater e eu</p>	<p>A P1 revela que lhe podiam dar algumas regalias, mas que depois lhe invadiam a privacidade e que sofria de maus tratos, no seu próprio espaço, a P1 explica que o que lhe fizeram a uma filha não faziam</p>	<p>Unidade de significado psicológico de injustiça perante a forma que era tratada pelos funcionários.</p>

<p>perguntava então mas o que é que eu fiz e elas “tu pensas que és quem? E agora tu vais ser igual aos outros, não és especial de corrida”, não tinham que me fazer isso, é tanta coisa, houve tanta pequena coisa que não foi correto, não se faz, eu tenho noção se fosse a tua filha tu não fazias.</p>		
<p><b>Isso marcou-te para a pessoa que tu és hoje?</b> Claro, porque é assim eu agora sei que o facto de eu ter crescido com gritos torna-me uma pessoa se me exalto eu levanto o tom de voz, mas ao mesmo tempo o facto de eu ter sido sempre muito de observar e de ver nas costas dos outros as minhas torna-me muito passiva, então eu sou pacata, se me chateiam a casa cai, se a casa cai não é bonito,</p>	<p>A P1, explica que como cresceu na Instituição no meio de gritos que hoje em dia, tem mais tendência para se exaltar e berrar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com as características do meio onde viveu influenciar a sua personalidade nos dias de hoje.</p>
<p>) porque mas ao mesmo tempo a mentalidade que eu tenho está constantemente em conflito por exemplo, com o namorado, com os meus amigos, porque não há uma compreensão cá fora que aquilo que tu, foi aquilo que fizeram de ti, foi aquilo que a vida fez de ti e não foi algo que foste adquirindo com naturalidade, somos todos muito mais frágeis e vulneráveis que todos os outros, que as pessoas normais,</p>	<p>A P1, explica que não hoje em dia não compreendem que o que ela é, foi devido ao seu passado, não foi uma coisa que foi adquirida normalmente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionados com sentimentos de injustiça e de incompreensão por parte dos outros para com o seu passado e ainda sentimentos de fragilidade por ter tido um passado de Institucionalização.</p>
<p>eu tenho até hoje, pesadelos ou sonhos com crianças que viveram comigo e isso faz com que</p>	<p>A P1 explica que hoje em dia ainda sonha com as pessoas do seu passado e que isso a obriga a estar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de constância que a P1</p>

<p>eu tenha uma necessidade muito grande de estar constantemente em contacto, eu não fecho a porta e eu não consigo, e isso também é mau, mas todos aqueles que conseguem fechar a porta tiveram mais tempo cá fora do que eu, ou então são todos uns atrofiados como a minha irmã,</p>	<p>sempre em contacto com o passado, a P1 revela que acha que isso acontece devido ao facto de ter saído muito tarde da Instituição</p>	<p>necessita de ter com a Instituição.</p>
<p>mas pá não há, falta ali uma peça, uma estrutura, uma fibra, porque eu senti, constantemente posta à prova, aquilo que eu sou tenho que estar constantemente a provar, o que eu sou, em relação aos outros é como se me tivessem sempre a dizer “tu sabes, tu não sabes tu viveste no colégio coitada, não tens noção da vida”, e tu ou revoltas e começas a meter travões em toda a gente ou então vais-te cada vez sentindo mais pequena neste mundo e isso não faz sentido.</p>	<p>Explica que todos os dias tem que provar aquilo que é para não acharem que ela é uma menina “coitada”, a P1 diz que se não se tiver constantemente a provar, começas a sentir-te inferior no mundo e revoltada</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de inferioridade, por se sentir constantemente posta à prova por ter vindo de uma Instituição.</p>
<p>E depois nada do que tu tens não há uma estabilidade, não há, é muito complicado teres uma vida organizada, é muito complicado conseguires teres amizades ou, quer dizer relações estáveis, porque influencia sempre, é sempre uma sombra, uma bagagem um peso que tu tens atrás e depois estás sempre à procura daquilo que não tiveste, daquele sentimento de segurança, de posso contar, estou descansada, não existe mais é muito muito complicado, muito</p>	<p>A P1 diz que o passado Institucional é uma sombra que a acompanha e que não a permite ter uma vida estável, nem estabelecer relações estáveis, a P1 explica que é a sua vida é uma luta constante e que acaba por perder as forças</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de instabilidade e de luta constante devido ao seu passado.</p>

<p>porque depois a tua família também não ajuda, a própria vida também não ajuda e estás ali sempre numa luta a cansares-te, estás exausta e depois perdes as forças.</p>		
<p>E o que tenho hoje, seja psicologicamente seja físico, foi tudo ganho com muito muito muito esforço, com muita lágrima, suor, discussão, mas é meu, não há ninguém que me tira, mas depois lá está, também só é teu enquanto a outra pessoa permitir que seja, porque depois se lutares sozinho, não vale a pena e aí é que está o problema de muitas relações, nós achamos que é sempre tudo muito bonito, mas ninguém nos prepara, nem mãe, nem pai nem tia, nem avó nos prepara para um casamento e nem toda a gente está disposta a realmente lutar com unhas e dentes pela relação, seja familiar, romântica, não estão para se chatear não estão para lutar pelas pessoas que amam, e depois vais deixando entrar pessoas na tua vida e depois o que é que fica?</p>	<p>A P1 explica que tudo que tem hoje em dia foi conquistado com os esforço dela e que já ninguém lhe pode tirar isso, a P1 exprime ainda a sua opinião quanto ao facto das pessoas não lutarem por aquilo que amam</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conquista pelo aquilo que tem e ainda com sentimentos de tristeza porque as pessoas não lutam por aquilo que querem.</p>
<p>eu tive que aprender a gostar da minha mãe, eu não posso ficar magoada, eu nunca fiquei com mágoa dela por ela me por numa instituição, porque eu consigo compreender o motivo, mas quando eu vim para casa, eu dizia-lhe muitas vezes que não tinha pedido para nascer, tanto a ela como ao meu pai e até mesmo este tipo de</p>	<p>P1 explica que aprendeu a gostar da mãe, mas que lhe dizia muitas vezes que não tinha pedido para nascer</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionada com sentimentos de resignação e compreensão.</p>

conversa,		
<p>é que eu sou africana né, com uma educação portuguesa e depois é, tu não és preta mas também não és branca, não és nada porque nem de um lado nem de outro te aceitam, quando estás com os brancos dizem que és uma preta, quando estás com os pretos dizem que tu és branca e tu ficas ali outra vez sem identidade, não é? E estás a parecer o atrofio que é?</p>	<p>P1 exprime outra vez a sua falta de identidade por ser africana, mas com educação portuguesa</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com falta de identidade sentida por parte da P1</p>
<p>Pá e depois é tu tens que aprender a adaptar-te à família que tu tens, às falhas que tu vês, tu tens que aprender a aceitar e só depois de fazer isso é que consegues encontrar uma certa tranquilidade e vivencia com eles, e eu digo te que levei 5 anos a fazer isso, depois de me juntar é que eu fiz as pazes com a maneira que a minha mãe é, com a maneira como o meu pai é, como a minha família toda é, com aquilo que eles representam e com aquilo que realmente representa para mim,</p>	<p>A P1 explica que com o passar do tempo foi-se adaptando às falhas da sua família biológica, e que passado 5 anos é que conseguiu aprender a lidar com isso</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de aceitação e adaptação à família biológica.</p>
<p>porque venho de uma família desestruturada mas eu só vou ter uma família desestruturada se eu quiser, por isso tu estás ali constantemente numa luta, tu nunca podes baixar as armas, nunca podes descansar e quando tu acordas já foste, e as pessoas já te pisaram, já te sugaram já te humilharam, não há criança institucionalizada que</p>	<p>P1 explica que teve que lutar, sem poder “baixar as armas”, para não ser a repetição da sua família biológica, a P1 expressa a sua opinião de que nenhuma criança Institucionalizada consegue ter relações saudáveis.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de luta.</p>

<p>tenha uma relação saudável, não há e todas aquelas que conseguem isso passam, até conseguir isso passam as passas do algarve,</p>		
<p>porque não exemplo, não há referencias, eu tive por exemplo a MA que serve de base de referencia para algumas coisas, mas no que toca a isto de casamento de relação amorosa eu não tenho, eu tive que pegar naquilo que queria para mim que eu vi no outros e que eu vi para mim para poder implementar e tão difícil, eu até podia ter ficado quieta e ter ido para casa da minha mãe mas eu não posso dizer isso, porque na casa da minha mãe eu não tenho nada, ou seja, ou agarras ao pouco que tens ou então estás no lodo.</p>	<p>P1 explica que ela como criança institucionalizada, não tem referências, apesar de ter a MA como referencia, não foi uma referência total que a preparasse para a vida, a P1 explica que nunca pôde ficar quieta</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de falta de referências para seguir.</p>
<p><b>Quando chegou a altura de saíres de abandonar a casa, como é que foi?</b> Sendo muito muito sincera, na merda, caiu-me tudo, porque eu não sei porque quis, eu fui literalmente posta na rua,</p>	<p>P1 explica que quando teve que sair da Instituição, não estava à espera, foi posta na rua e sentiu-se completamente desamparada</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desamparo quando chegou a altura de sair da Instituição.</p>
<p>é assim eu estava na instituição e depois a instituição deixou de ter dinheiro, o estado não ajudou e chegaram-se ao pé de mim, eu já sabia há uma semana que a instituição ia fechar, porque eu sou viva, eu observo, e eu não sei como mas acabo sempre por saber das coisas, sinto as coisas antes delas acontecerem e não é brincadeira, então eu era</p>	<p>P1 explica que soube por pessoas de fora da Instituição que a Instituição que ia fechar, contudo a P1 já se tinha apercebido porque começaram a faltar os elementos básicos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a falta de elementos básicos quando a instituição estava para fechar.</p>

<p>muito próximo de uma menina que se chama Rita que era lá do colégio, então a Rita houve alguém na rua que por acaso ouviu não sei de onde que o colégio ia chegar e virou-se e disse “Ritinha sabes que o colégio vai fechar, porque a associação foi comprada” a Rita veio ter comigo e disse que tinha apanhado uma pessoa na rua que lhe disse isto e isto e isto e nós pensamos será? É que se for faz sentido, por isso é que tem estado aqui a aparecer estas pessoas, porque depois já nos falava açúcar, papel higiénico, pão na instituição, porque a associação não queria dar dinheiro, tinha mas não queria dar dinheiro, queria fechar aquilo,</p>		
<p>porque não houve ninguém que se virasse e dissesse assim, vocês assumiram uma responsabilidade agora pá lidem com isso, vai até ao fim, se não há daqui, há dali, façam qualquer coisa é uma instituição que tem tudo, os miúdos têm casa brutais porquê? Porque as pessoas que estão há frente da instituição acreditam naquilo e lutam por aquilo com unhas e dentes e dão ao volta ao mundo para manter aquilo, quem me dera a mim que tivesse havido pessoas que eram capazes de organizar concertos solidários no pavilhão Atlântico, eu tinha conseguido tirar a minha faculdade, o rumo da minha vida, da minha</p>	<p>P1 explica que que se quem tivesse à frente da Instituição tivesse tido forças para lutar e não fechado a Instituição o futuro dela e da irmã teria sido diferente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desamparo e desproteção porque ninguém lutou por eles.</p>

<p>irmã tinha sido diferente, o rumo de todos os miúdos tinha sido diferente</p>		
<p>porque olha eu já sabia que aquilo estava para acontecer porque lá está eu como sempre fui muito perspicaz em relação a tudo que se passava à minha volta, apesar das pessoas acharem que ando aqui a dormir eu via as coisas, as coisas começaram a correr mal no minuto em que começaram a fugir miúdas do colégio à noite, para estar com rapazes, para roubar, para fumar drogas e houve uma miúda que era psicótica e ela teve um problema do natal em casa da tia porque o pai apareceu e a GNR levou a miúda para casa mas o pai ainda teve tempo para fazer a cabeça da miúda e ela no primeiro dia de aulas disse que ia mais cedo e as funcionárias, deixaram-na a ir, ok são 7h mas vai para a escola sozinha, sem as outras, coisa que nunca acontecia, as funcionárias deixaram a miúda ir para a escola e a miúda desapareceu, nunca mais voltou, foi tudo tão pensado que ela foi-se despedir das pessoas que mais gostava e depois ao fim de uma semana, a policia sabia onde é que ela estava, com quem ela tava e não foi buscar e na sexta-feira na casa abandonada onde ela estava sozinha com mais um mendigo, o pai era toxicodependente e tinha uma namorada prostituta e eles tinham ido</p>	<p>P1 explica que quando a Instituição começou a ter problemas financeiros, os miúdos começaram a fugir e a desviar-se dos caminhos corretos, a P1 explica que isto levou à morte de uma das suas colegas</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com onde a P1 revela a sua perspicácia e onde revela sentimentos de desproteção porque não havia limites quando a Instituição começou a falir.</p>

<p>à vida deles e ela ficou sozinha, uma miúda que tinha que tomar medicação, sem a medicação não tinha noção do mundo, uma vela cai, pega fogo ao prédio e ela fica ali</p>		
<p>e entretanto quem protegeu? Ninguém, quando os miúdos fogem de uma instituição, a policia não vasculha, não vai buscar se tiverem com familiares a policia fica tudo bem porque está com a mãe ou está com o pai, e depois elas são violadas porque eu conheço miúdas a quem aconteceu isto, houve miúdas que engravidaram e depois se engravidam é olha fizeste agora não vais tirar, não há ali um “o teu percurso é este um dia mais tarde vais-nos agradecer” como um pai ou uma mãe e é mais uma família desestruturada que começou ali e tudo o que projetou para elas vai pela pia abaixo, não é justo e depois lá está, onde é que está o sistema que protege, se tens 16, 17 desculpa lá mas já tens idade para saber o que fazes, tu és miúda e cometes erros, porque te deram liberdade a mais, porque não te deram limites e tu fizeste o que qualquer criança inconsequente faz, asneiras atrás de asneiras e depois passam a responsabilidade para outras pessoas? Onde é que está a humanidade nas pessoas nisto?</p>	<p>P1 explica que ninguém protege, que não há um sistema que proteja verdadeiramente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção.</p>
<p>E lá está numa instituição nós somos bonecos,</p>	<p>P1 explica que nas Instituições, as crianças são</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1</p>

<p>mercadoria, passamos de mão em mão e depois metem pessoas a tomar conta de nós que não têm qualquer tipo de formação, até pode ter formação mas não tem a parte humana e assim nunca vai dar certo, porque as crianças vão sair de um sitio onde estão protegidas para um sitio onde também não estão protegidas o efeito é o mesmo.</p>	<p>mercadoria, e que quem toma conta delas são pessoas sem formação, a P1 diz que as crianças Institucionalizadas são retiradas de um sitio onde estão em risco, para outro onde também não estão protegidos que são as instituições</p>	<p>explica que as crianças institucionalizadas são vistas como mercadoria e revela ainda a falta de formação profissional por parte dos cuidadores.</p>
<p>Eu recuso-me e sempre me recusei a ser aquilo que os meus pais foram, mas é triste eu olhar à volta e ver que os outros seguiram exatamente os mesmos passos que os pais seguiram é triste olhar para a minha irmã e ver a minha mãe, pior porque ela tem acesso a drogas, porque se calhar a minha mãe adoeceu porque estava a trabalhar dia e noite, ela não se ela ficar doente é porque teve na má vida e depois a minha mãe não tem a capacidade para meter limites, porque sente-se culpada, não é justo, não é mesmo.</p>	<p>P1 explica que sempre se recusou a ser como os seus pais, mas que as crianças que ela conhece não tiveram essa capacidade e seguiram esses exemplos, dos quais a P1 explica que a irmã seguiu exatamente o caminho da mãe</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de revolta.</p>
<p>Eu uma vez entrei na casa da minha mãe e ela estava a chorar, ela deitou-se no meu colo e chorou baba e ranho e disse: a minha filha não gosta de mim e foi aí que a ficha me caiu e eu em vez de pensar, sei lá de vê-la como uma pessoa, alguém que está ali, que por acaso me teve, eu vi ela como mãe, e foi assim que aprendi a respeitá-la, foi assim que aprendi a gostar dela, porque pensei, pá</p>	<p>P1 diz que aprendeu a perdoar a mãe e que hoje em dia é o braço direito da mãe, a P1 explica que pelo menos assim ficará de consciência tranquila</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de aceitação por parte da P1 para com a sua mãe.</p>

<p>não, aconteceu mas não quer dizer que tenha que continuar a acontecer, eu posso melhorar, posso trabalhar isto, hoje eu sou o braço direito da minha mãe, e se os meus irmãos não estão lá para ela, eu não quero saber, eu vou estar e quero estar, porque pelo menos se um dia ela for, quando ela for, eu vou dizer com toda a paz do mundo: eu fiz o que podia por ela né?</p>		
<p>Deram-me os valores, tanto a mim como à minha irmã e o que eu faço com eles é uma escolha minha, mas eu sei que a capacidade de enxergar que eu tenho que fazer uma escolha ou pego ou não pego e tudo tem uma consequência, não é toda a gente que tem, eu tenho que saber que com o pouco que me deram eu tenho que saber construir o resto do meu caminho, sozinha ou acompanhada</p>	<p>P1 explica que com os valores que lhe deram dentro da Instituição, ela é que escolhe o que fazer com eles e com quem os quer partilhar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a personalidade da P1, onde ela explica que cada ação dela tem uma consequência.</p>
<p>e mais uma vez é uma luta muito, muito difícil para se fazer sozinha, porque estás sempre em conflito com todo o mundo, porque ninguém entende o que se passa na tua cabeça a maneira como tu vês as coisas e porque estão-te sempre a dizer não é assim é assado, não é assim é cozido, e tu dizes não, não é assim que eu sinto que está correto, não foi assim que me ensinaram,</p>	<p>P1 explica que estão sempre a contradizê-la e que sente que nada do que faz está bem para os outros, a P1 diz ser uma luta constante</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de incompreensão por parte das pessoas para com os seus comportamentos.</p>
<p>a única coisa visível que sem falarem comigo que me conseguem dizer ela tem é brio, no sentido em que sou arrumada, sou</p>	<p>P1 explica que é muito arrumada e só assim consegue estar bem psicologicamente e que isso a afeta bastante)</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 explica o seu sentido de limpeza e organização que transmite a sua organização</p>

<p>limpa, organizada e isso é meio caminho andado para tudo o resto, porque se eu assim não fosse eu não funcionava, porque se eu não tenho o meu espaço minimamente arrumado é porque eu não estou bem psicologicamente, afeta tudo e depois é impressionante o quão isso te afeta</p>		<p>psicológica.</p>
<p>e eu sou uma pessoa que sofro muito pelos outros, eu dou muito aos outros e quando me falham, cai-me tudo e eu sinto que das instituições, não tanto da MA, houve o sentimento de perda, de dor, mas nada comparado com o que senti quando tinha 20, quando me disseram que o colégio vai fechar e tu vais ter que ir para casa da tua mãe e eu disse: “o quê?? EU NÃO POSSO, porque o Natal passado a minha irmã bateu-me e eu já estava na instituição” e ninguém protegeu, porque depois existe um trabalho de reintegração com a família e depois tudo que se passa com a família, fica com a família, então e preparar a família para receber?</p>	<p>P1 diz que quando lhe disseram que tinha que voltar para casa da mãe, foi uma grande dor e que ninguém a protegeu, mesmo ela dizendo que iria sofrer de maus tratos, a P1 diz não é feito um trabalho para a família receber as crianças de volta</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção e de falta de preparação na reintegração familiar.</p>
<p>Quando o colégio fechou onde é que teve realmente a segurança social a dizer, não minhas amigas vocês têm que fazer assim, assim e assim, peguem e lutam e exijam, porque vocês têm vidas nas mãos e vocês não podem simplesmente de um dia para o outro ser largadas assim,</p>	<p>P1 mais uma vez diz que ninguém protegeu as crianças Institucionalizadas, quando a Instituição fechou, ninguém se chegou à frente para proteger estas crianças</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção.</p>
<p>como eu fui, eu chorei para não vir para casa da minha</p>	<p>P1 explica que implorou para não ir para casa da</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>mãe, eu humilhei-me, por favor não é o que aconteceu foi que 5 meses depois eu estava em casa de amigas, para ser mais uma vez espezinhada, para mais tarde ter que sair e por acaso tinha namorado e por acaso fui viver com ele e se eu tenho a estaleca que tenho hoje é porque eu lutei muito para chegar muito onde cheguei, até agora.</p>	<p>mãe, pois sabia que ia sofrer de maus tratos e que passado 5 meses de estar em casa da mãe, foi viver para casa de amigas, onde foi maltratada também, a P1 explica que teve que ter muita força para chegar onde hoje chegou</p>	<p>com sentimentos de revolta e descrição de maus tratos quando voltou para a mãe biológica.</p>
<p><b>Achas que seria diferente se não fosses para uma instituição?</b> Ahh sim, provavelmente tinha uma carrada de filhos, provavelmente andava perdida no mundo, não tinha escola, não era nem metade daquilo que eu sou,</p>	<p>P1 diz que se não fosse a Instituição tinha-se perdido na vida</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação para com a Instituição.</p>
<p>e lá está tornou-me e deu-me a capacidade de escolher bem quem eu quero para a minha vida, provavelmente seria como a minha irmã é agora e por isso eu dou muito valor aquilo que eu tive, tinha que ser assim e eu vivo bem com isso, mas é complicado.</p>	<p>P1 diz que a Instituição lhe deu a capacidade de escolha e ponderação para ela escolher o que quer na sua vida, a P1 diz que dá valor ao que teve e que vive tranquila com isso apesar das dificuldades</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 descreve sentimentos de aceitação por ser Institucionalizada.</p>

## Anexo B - Entrevista P2

Feminino

21 Anos

Foi institucionalizada aos 6 anos

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Comentário</b>	<b>Unidades de Carácter Psicológico</b>
<p><b>Lembraste do momento em que te mudaste para a instituição?</b></p> <p>Eu tinha 6 anos, fui eu e mais 4 irmãos, o V., o R. e o L., eu tenho 7 irmãos ao todo, rapazes e raparigas, mas só eu e estes 3 irmãos é que morávamos com o meu pai, o resto já era crescido já tinha a vida deles, nós vivíamos com o nosso pai, que pronto estava separado da minha mãe e ia trabalhar todos os dias e nós ficávamos em casa, porque não íamos à escola e não tínhamos propriamente as condições apropriadas</p>	<p>P2 descreve que vivia em casa com os irmãos e com o pai e que não iam à escola, o pai passava todo o dia a trabalhar e não tinham condições habitacionais</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção e falta de condições que a P2 tinha em casa do pai.</p>
<p>depois não sei como é que aconteceu mas alguém lá de perto da nossa casa deve ter feito queixa à segurança social e então foram lá ter connosco perguntar pelo meu pai e viram que a gente não tava, pronto estávamos em casa mas sem segurança, então perguntaram por ele e nós dissemos que ele estava a trabalhar e eles disseram que no dia a seguir iam lá ter connosco, para falar com o nosso pai, para ele não ir trabalhar, foi assim, e depois nós não sei quantos dias depois fomos para o colégio e pronto e foi isso</p>	<p>P2 refere que a segurança social foi questionar onde estava o pai e como ele não estava, eles voltaram no dia a seguir e levaram a P2 e os irmãos para a Instituição</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção face à casa do pai, o que levou com que fossem institucionalizados.</p>

<p><b>O que é que sentiste nesse momento?</b></p> <p>Ah eu não senti nada, quer dizer não sei explicar, não senti assim nada de especial, só estava contente por estar com os meus irmãos não é? Porque naquela altura era eu e o Luís que tomávamos conta dos outros, eramos os mais velhos, então nós tínhamos que tomar conta deles, fazer o comer, dar banho e isso tudo, enquanto o meu pai não vinha e pronto.</p>	<p>A P2 explica que quando foi tirada de casa a única preocupação dela era que os irmãos fossem com ela, pois foi ela que sempre cuidou deles enquanto o pai não estava</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde estão sentimentos de indiferença face à ida para a Instituição e de contentamento por estar junto dos irmãos.</p>
<p><b>Mas tu sentiste que por um lado era melhor o que estava acontecer?</b></p> <p>Não não, porque na verdade eu nem me apercebi bem, só estava era naquela, não me tirem de ao pé dos meus irmãos, não levem os meus irmãos para longe de mim, de resto não. Só depois quando estava lá, é que comecei a perceber que ia ficar lá todos os dia e que tinha que ter a rotina X e ir para a escola e não sei que. Mas eu estava era preocupada com os meus irmãos.</p>	<p>P2 revela que só quando estava na Instituição é que percebeu que iria lá ficar, mas a única coisa que a preocupava eram os irmãos</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de proteção e preocupação face aos irmãos da P2.</p>
<p><b>Quando te foram buscar, percebeste os motivos do porquê daquilo estar a acontecer, ou achaste que não estava a fazer sentido nenhum?</b></p> <p>Não eu percebi porque sabia que tinha tomar conta dos meus irmãos e ter essas responsabilidades e isso tudo eu acho que era crescida o suficiente para perceber o que é que se estava a passar, sei que o meu irmão Ricardo é que estava a chorar muito a</p>	<p>P2 explica que percebeu o porque de ter sido retirada, porque ela própria tinha noção que tinha responsabilidades acrescidas para a sua idade e não tinham condições na casa onde viviam com o pai</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de compreensão face a ter saído de casa e percepção da realidade face à compreensão de que não tinha condições adequadas e sentimentos de responsabilidade acrescida para a sua idade face aos irmãos.</p>

<p>dizer que cria estar em casa e não sei que e nós estávamos lá com ele a apoiá-lo, mas sim eu percebi, e percebi porque é que nos tinham tirado do nosso pai, porque sei que ele não tinha condições, a nossa casa não era bem uma casa, era barraca digamos mais assim e nós brincávamos muito na areia ou seja na terra que estava cá fora, sem brinquedos como deve ser e supostamente não é vida, nem íamos à escola nem nada.</p>		
<p><b>Tu lembraste como foste acolhida no momento em que chegaste?</b>  Sim, sei bem, lembro me as crianças estavam lá também, eles sempre falaram bem, quiseram logo brincar e saber um pouco da história, estavam-me sempre a perguntar e as Tias, que era como a gente as tratava, elas conversavam muito connosco e qualquer coisa nós sabíamos sempre que podíamos falar com elas.</p>	<p>P2 explica se lembrar das crianças quando chegou à instituição e das tias, revela que elas gostavam de saber a sua história e que as tias eram alguém que ela podia contar</p>	<p>Unidade de significado psicológico sentimentos de conforto e confiança face às outras crianças e às funcionárias da Instituição.</p>
<p><b>E quando estavas lá na casa, o que é pensavas, o que é que sentiste?</b>  Sentia-me bem, mas estava sempre naquela de ir ser adotada que era o que eu mais queria, mas por um lado também tinha aquele receio de o meu pai ficar chateado connosco por a gente querer ser adotada e não ir com ele. Mas depois ao longo do tempo fui vendo que não estava fácil para ser adotada.</p>	<p>P2 explica se sentir bem na instituição porque tinha sempre esperança em ser adotada, contudo havia uma dualidade de sentimentos que a P2 descreve como querendo ser adotada, mas ter medo que o pai fique chateado. P2 revela ainda que com o tempo percebeu que iria ser difícil a adoção</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a dualidade de sentimentos por parte da P2 face a querer ser adotada e ao mesmo tempo receio que magoasse o pai devido a esta sua vontade.</p>
<p><b>E o que é que tu sentiste,</b></p>	<p>P2 explica que havia duas</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p><b>quando percebeste isso?</b>  É assim, por um lado queria muito, mas por outro havia dois motivos, era eu estar a começar a crescer e o meu pai não me dar para adoção, porque houve uma história que eu era para ser adotada com o Ricardo, por uma família brasileira e pronto chamaram o meu pai e a minha mãe, na altura nós tínhamos visitas só aos domingos e a minha mãe nos primeiros domingos ia lá visitar mas depois deixou de ir completamente e nunca mais soubemos e depois chamaram ela e o meu pai, por causa da história da adoção e que podíamos ser adotados e estava tudo orientado, só faltava a resposta deles se nos davam ou não,</p>	<p>razões para não ser adotada, uma é que estava a crescer e outra foi o pai que não deu autorização, pois precisavam da autorização dos pais quando houve uma hipótese para ser adotada.</p>	<p>psicológico relacionado com sentimentos de tristeza pela perceção que a P2 teve de que estava a crescer e não podia e ser adotada e também porque o pai impediu a sua adoção.</p>
<p>na altura fiquei chateada com a minha mãe e ainda hoje estou chateada com ela e é daquelas pessoas que se eu vir à frente esquece, porque ainda não tinham acabado a frase da: “se tudo correr bem dão eles para adoção” e ela disse logo que sim, nem deixou as pessoas deixarem de falar e disse logo que sim que nos dava mesmo à desprezo e isso chateou-me muito</p>	<p>P2 revela que a mãe a deu logo para a adoção sem questionar nada o que fez com que a P2 se sentisse magoada</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de mágoa face à figura materna por não ter lutado pela P2 e a ter dado muito rapidamente para a adoção.</p>
<p>e o meu pai disse que não, que não nos dava que queria ver se conseguia arranjar maneira de nos ter outra vez e de melhorar a vida e foi por causa disso que o tempo foi passando, os pais adotivos não</p>	<p>Revela que não foi adotada porque o pai queria mais tempo para organizar a sua vida e os pais que estavam a querer a adoção não podiam esperar mais tempo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o facto do pai ter impedido a adoção da P2 por achar que conseguiria resolver os problemas e ter a P2 de volta.</p>

<p>poderão esperar mais porque tinham que ir para o brasil e nós entretanto acabamos por não ser adotados,</p>		
<p>e eu fiquei contente com a atitude do meu pai, apesar de tudo e de eu queria era ser adotada e não fui por causa dele, eu gostei porque senti que ele me queria, pela maneira de ele estar, apesar de ele não ter conseguido organizar a vida e isso, fiquei mais contente com a parte dele do que com a da minha mãe.</p>	<p>P2 explica que apesar de não conseguir ser adotada por causa do pai, gostou da atitude dele da querer.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento pelo facto de se sentir desejada pela figura paterna.</p>
<p>Nesta altura ainda estávamos os 4 na Instituição, mas depois foram saindo, primeiro saiu o Luís do colégio, porque ele fugiu, entretanto voltou, depois queria já ir para o meu pai e pronto, portava-se um bocadinho mal, era um bocadinho rebelde e deixaram ele ir, ele foi para o meu pai, entretanto ele saiu do meu pai e foi uma grande confusão e pronto porque ele não é daqueles que consegue estar bem comportado.</p>	<p>P2 explica que o irmão mais velho fugiu porque era rebelde e queria voltar para o seu pai</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde P2 explica que o irmão mais velho saiu da Instituição por apresentar um comportamento desajustado.</p>
<p>Agora já não sei dele, porque ele andou a saltitar de um lado para o outro e perdi o contacto e depois como eu não pude ser adotada os anos foram passando e perdi a esperança, porque hoje em dia toda a gente quer bebés e eu com a idade que tinha já não podia, mas eu acho que era para ser adotada com ele, porque viram a ligação que nós tínhamos e não foi bem pela idade que</p>	<p>P2 explica que depois perdeu a esperança de ser adotada, porque hoje em dia as pessoas só querem crianças mais novas e quando ela foi adotada, foi mais pela ligação que ela tinha com o irmão do que por ela</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza face ao facto de ser crescida demais para ser adotada.</p>

<p>eu tinha na altura e a idade que os pais adotivos queriam, mas pronto ainda tava numa idade em que podia e pronto,</p>		
<p>mas depois os anos foram passando e o Ricardo ainda tinha idade para ser mas eu já não, e depois ele foi adotado com uma senhora que é viúva, que já tem filhos mas já são grandes e o Vítor como tem problemas de audição e fala foi para um colégio próprio para os problemas dele, para tentarem ajudá-lo, mas é longe é lá em Pombal, não minto em Setúbal, foi lá para Setúbal</p>	<p>Explica que os irmãos seguiram caminhos diferentes, um deles foi adotado e outro teve que ir para uma escola de educação especial</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P2 explica que se separou dos irmãos.</p>
<p>e eu fiquei no colégio até aos 15 anos, já não podia ser adotada, fui das últimas da minha geração a ficar, porque eu portava-me bem e consegui lá estar, porque pelo que eu sei era só até aos 12 que se podia estar lá, mas eu fui ficando e fiquei até aos 15 e depois fui para um colégio de freiras, onde não gostei nada, que era só raparigas e foi horrível.</p>	<p>explica que foi das últimas a sair da Instituição, porque se portava bem, mas que depois teve que mudar de Instituição e foi para um colégio de freiras</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos face à transição de uma Instituição para outra.</p>
<p><b>Como é que foi essa mudança de instituição?</b> É assim como eu já tinha perdido a esperança de ser adotada não é? Eu pensei então pronto vamos mudar para ver se o tempo passa e esse eu consigo melhorar, depois nós fomos fazer a visita ao colégio das freiras, eu gostei, mas lá está eu acho que eu fui um bocadinho enganada não pelas pessoas claro, mas por mim própria, porque o que eu vi não era a</p>	<p>P2 explica que quando foi ver a Instituição, disse que sim, porque não viu bem a realidade e então quis mudar para o colégio de freiras, a primeira impressão que a P2 diz ter é de um ambiente calmo e de instalações acolhedoras.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desilusão face à última Instituição onde esteve pois estava à espera de algo melhor.</p>

<p>realidade, quando eu fui lá não estava as raparigas, depois era um ambiente calmo, aquilo era grande, era giro tinha piscina e não sei quê e pronto foi coisas que me cativaram e eu na altura não vi propriamente o ambiente verdadeiro que lá estava dentro, e conheci a irmã, como é que eu hei-de dizer não era diretora daquilo mas coordena, é muito próxima das coordenadoras, da psicóloga e isso, porque havia lá duas psicólogas, a diretora e mais alguém que eu não sei o nome que se dá e não vi bem a realidade daquilo, então disse que sim, que queria mudar,</p>		
<p>mas depois arrependi-me e lembro-me de ligar muitas vezes para a Tia M. a pedir para ela me tirar dali, a chorar, não sei se ela se lembra, mas foi ela que me deu o meu primeiro telemóvel para eu poder falar lá e pronto e detestei aquilo.</p>	<p>P2 explica que quando se apercebeu da realidade que era o colégio só queria sair de lá e que ligava muitas vezes para a funcionária da Instituição antiga para a tirar daquele colégio</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos e arrependimento por mudar de Instituição.</p>
<p><b>Mas sentiste a mudança da MA para a outra Instituição como uma perda?</b>          Não, porque eu sentia que podia ligar para lá, sempre que quisesse eles acompanharam bem a minha saída, não demonstraram logo desprezo, olha vais-te embora e pronto, tiveram sempre a acarinhar-me e ajudar-me, mesmo até à saída e depois foram-se todos despedir, as crianças também e quem estava, pronto os meus amigos e</p>	<p>P2 explica que não sentiu a mudança como uma perda, pois os funcionários da Instituição onde estava, estavam lá sempre para a acompanhar e apoiar</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ligação afetiva e relações de suporte e referência face às funcionárias e colegas da Instituição.</p>

eu gostei, apesar de ser das últimas a sair		
eu via muito eles a saírem, eles a irem um de cada vez, ou dois, os irmãos e não sei quê e depois já estava habituada, não me custava ver eles a sair e eu não	P2 explica que viu todos a saírem e ela a ficar na instituição, os amigos, os irmãos e que já estava habituada a essas perdas.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de indiferença e habituação face a ver os amigos a sair da Instituição e ela ficar.
<b>Criaste relações de afeto dentro da Instituição?</b> Sim, sim bastante, lembro-me de nós dormirmos rapazes de um lado e raparigas de outro, mas durante o dia era o convívio normal, só a noite é que era separado e lembro-me de eu estar com uma colegas de quarto, as que foram também mais próximas, nós estávamos, demorávamos muito tempo a adormecer, mas até lá, ficamos só a fazer jogos e a cantar e a fazer montes de coisas antes de adormecer e depois também criávamos os nossos grupos de dança e não sei quê, brincadeiras para apresentar às Tias, e pronto.	P1 confessa ter criado relações de afeto e suporte com as outras crianças que estavam na Instituição, especialmente com as colegas de casa)	Unidade de significado psicológico relacionado sentimentos de carinho e diversão face às outras crianças da Instituição.
<b>E o que significavam as Tias para ti? Foi um suporte?</b> Sim, elas como é que eu hei-de dizer, eu não tive em todos os tipos de colégio que existem, mas este que este colégio é mais familiar, temos relações mais próximas das educadoras, primeiro pela maneira como as tratamos normal, que é tias e não educadoras ou você, é mais familiar e depois pela ajuda que elas nos dão	P2 explica que o colégio era familiar e que tinha relações mais próximas com as funcionárias e que isso começava logo pela maneira como tratavam as funcionárias: tias	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de suporte e ligação familiar face às funcionárias da Instituição.
e eu acho que por exemplo no colégio que só vamos lá	P2 explica que no colégio que estão 24 horas por dia	Unidade de significado psicológico onde a P1

<p>para dormir é uma coisa, naqueles que estamos lá 24 horas é outra eu acho que este colégio é melhor, neste sentido, porque aproxima mais as pessoas, não cria tanto aquela coisa de eu tou num colégio e não é bem uma casa,</p>	<p>que aproxima mais as crianças e que elas sentem como casa, enquanto que um colégio onde vão só dormir não é tão familiar.</p>	<p>explica que num colégio de regime 24 horas a perceção de família e lar é mais forte.</p>
<p>apesar de eu uma vez, pelo primeira e ultima vez, porque nunca mais aconteceu, só nesse coiso, eu fiquei com essa sensação de realidade, eu estou num colégio, não estou numa casa, e que as pessoas notam isso, foi uma vez que eu estava a falar com uma colega de escola e ela disse: vais para onde e eu respondi: vou para casa, e ela vira-se e diz: para casa não, para o colégio e eu fiquei tipo naquela: e então não é a minha casa?</p>	<p>P2 explica que a primeira vez que sentiu a sensação de que a Instituição podia não ser a sua casa foi quando, uma colega a confrontou com isso.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de discriminação externa de uma colega da P2 face a ela estar numa Instituição e não numa casa.</p>
<p>Era a minha casa, pronto aí é que eu senti-me assim um bocadinho, não gostei muito da atitude, mas pronto, aceitei e fiquei a pensar, mas depois também passou rápido.</p>	<p>P2 explica que a Instituição era a sua casa e que não gostou da atitude da colega quando lhe disse que não era a sua casa mas sim o seu colégio</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza passageira face à discriminação sentida pela P2.</p>
<p><b>Sentiste discriminação, quando as pessoas sabiam que estavas a viver no colégio?</b> A maior parte das vezes não, só assim certos pormenores como estes que eu acabei de dizer, mas de resto não, pronto, depois senti algumas partes em que quando elas falavam que elas iam sair e fazer isto e aquilo, algumas coisas que se fazem com as amigas, e eu não podia fazer, eu era escola colégio,</p>	<p>P2 revela que sentia pouca discriminação por estar na Instituição, mas sentia que não podia fazer o mesmo que as amigas, pois a sua rotina era escola – instituição e não podia fugir deste registo</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desigualdade em relação à P2 e às suas colegas por não poder fazer o mesmo que elas.</p>

<p>escola colégio e só tinha mesmo o passe mesmo até, só podia usar para ir para a escola, mais nada, se eu quisesse estar com amigas tinha de pedir para elas irem ter comigo ao colégio, como foi no caso de um trabalho que tinha para fazer sobre a patinagem, e as minhas colegas tiveram que ir lá para o colégio para fazer comigo.</p>		
<p>Mas pronto, tirando essas coisas, acho que as pessoas aceitavam bem e nem falavam muito, eu também nunca fui muito de falar na escola sobre isso, a maior parte das pessoas, não sabem sequer que eu estou num colégio, mas quando sabem não dizem nada, não discriminam</p>	<p>P2 diz que não sentia discriminação, mas também explica que a grande razão era porque não contava a sua história a ninguém.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face à sua personalidade reservada que a protegia da discriminação.</p>
<p><b>Nem as professoras faziam perguntas?</b> Não, também eu presto muita atenção a quem falo e a quem digo, mas não.</p>	<p>P2 diz que ninguém dizia nada, porque ela não contava e escolhia minuciosamente as pessoas a quem contar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face à sua personalidade reservada.</p>
<p><b>Era uma família, que tinhas no colégio?</b> Sim, eu acho que sim, apesar de agora eu acho que temos perdido os contactos uns dos outros, apesar de nos termos no facebook e isso não falamos muito, mas as lembranças ficam e pronto. E foi muito bom o tempo passado</p>	<p>P2 revela que a Instituição era a sua família, mas que atualmente perdeu o contacto com ele.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ligação familiar face à Instituição, contudo P2 revela que já não têm muito contacto com os mesmos.</p>
<p><b>Como é que te sentias no dia a dia no colégio?</b> Eu sentia-me bem, conseguia fazer aquilo que eu queria, não era presa, digamos assim, tirando a parte de podermos sair e assim, eu acho que com a idade que eu tinha também</p>	<p>P2 explica que foi bom o tempo que passou na Instituição, que não se sentia presa, apesar de não poder sair, na altura com a idade que tinha isso não lhe fazia confusão</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P1 revela não sentir a falta de liberdade que lhe era dada, porque ainda era muito pequena.</p>

<p>não pronto, não ligava muito a isso, eu hoje quero sair muito mais do que na altura queria sair, por isso não era uma coisa que me deixasse muito triste ou que revoltada, não passava, não podia não podia, pronto.</p>		
<p>Mas foi bom gostei de lá estar, não me tirou nada do que eu podia ter ganho, ganhei tudo que achava que podia ganhar, não perdi nada.</p>	<p>P2 revela que a Instituição não lhe retirou nada, mas que ganhou coisas com a Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face à Instituição.</p>
<p><b>Como era quando tinhas as visitas do teu pai?</b> Do que eu me lembro sabia sempre a pouco, nós tínhamos uma certa hora para estar com as famílias e pronto era só uma vez por semana, mas acho que era um bom tempo e que a gente conseguia aproveitar e que pronto,</p>	<p>P2 explica que as visitas com o pai eram boas, apesar de serem semanalmente, P2 revela que conseguia aproveitar o tempo.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos positivos relativamente ao contacto que tinha com a figura paterna.</p>
<p>ele também deixou de lá ir, porque houve um problema com o tribunal, pelo que ele me contou, estavam sempre a chama-lo para ir ao tribunal e ele tinha que faltar ao trabalho e chegava lá e não era nada de especial, ou não o podiam atender e ele ficou revoltado com isso, porque perdia dias de trabalho para nada e depois deixou de ir visitar, porque disseram que como ele não comparecia no tribunal então, deixava de nos ver, e foi isso que aconteceu, ele deixou de nos ver, por não ir ao tribunal, e ai sim, eu fiquei triste, fiquei a ver os outros a receber as visitas e eu não,</p>	<p>P2 explica que depois deixou de receber as visitas do pai, porque houve complicações com o tribunal e isso deixou-a triste.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza face à ausência das visitas com a figura paterna.</p>
<p>mas nunca o culpei e</p>	<p>P2 explica que não culpa o</p>	<p>Unidade de significado</p>

percebi que pronto, achei normal porque sei as dificuldade que é e que ele precisava de trabalhar e que teve razão no que fez e sendo a história assim ele teve razão no que fez, eu não o culpo, eu fazia o mesmo.	pai, que percebe porque deixou de ir e na sua situação teria feito o mesmo.	psicológico relacionado com sentimentos de compreensão face aos motivos que fizeram com que o pai deixasse de ir.
<b>Sentias revolta, ou injustiça por estares no colégio?</b> Não, lá está como eu sei as realidade e sei como vivia e sei que percebi que era o melhor, por exemplo toda a gente precisa de estar na escola e eu com o meu pai não ia à escola, foi uma grande falha,	P2 explica que não se sentia revoltada por estar na Instituição, por conhecer os motivos que a levaram para lá e por ter consciência que estaria melhor na Instituição.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de compreensão face à sua Institucionalização.
não dele porque ele não tem culpa de não conseguir trabalho ou melhores condições, mas pronto a mim fazia-me falta a escola, por isso eu acho normal ser afastada para poder ter a escola e não sei quê, e melhores cuidados, porque também acho que com 6 anos, apesar de conseguir tratar dos meus irmãos, acho que não era suposto ser eu a tratar deles, podia acontecer alguma coisa, por isso acho que foi a melhor opção, apesar de eu achar que sim,	P2 revela consciência em perceber que com 6 anos não deveria cuidar dos irmãos, que tinha que ter o direito à escola e que necessitava de melhores cuidados do que os que tinha em casa do pai.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desculpabilização face às faltas de condições proporcionadas pelo pai.
pelo menos dois dos meus irmãos se sentem revoltados e eu não consigo perceber o porque, mas por outro lado consigo perceber o porque, mas pronto, eu não me sinto revoltada e acho normal, cada um reage de maneira diferente.	P2 demonstra uma dualidade de sentimentos em perceber o porquê de os irmãos terem ficado revoltados, contudo tem a capacidade de compreender que as pessoas reagem de forma diferente.	Unidade de significado psicológico relacionado com uma dualidade de sentimentos face à compreensão da revolta dos irmãos.
<b>E quando lá estavas quais eram as tuas expectativas</b>	P2 revela que as suas perspectivas para o futuro	Unidade de significado psicológico relacionado

<p><b>para o futuro?</b> É assim, eu nunca fui muito boa aluna, digamos assim e muito virada para os estudos, fazia o mínimo e esforça-me, mas nunca foi espetacular na escola, mas gostava de ter o meu curso, gostava de ter os estudos como deve ser e pronto poder sair do colégio sabendo que tinha os estudos que era suposto ter os estudos que era suposto ter na altura e que podia ter uma vida melhor,</p>	<p>apesar de não ser uma aluna brilhante, seriam tirar um curso e sair do colégio.</p>	<p>com o sucesso da sua carreira académica para poder sair da Instituição.</p>
<p>mas quando estava lá dentro era sempre aquela parte de ser adotada que era mais, mas depois não deu e pronto.</p>	<p>P2 explica que quando estavam dentro da Instituição não conseguia pensar noutra coisa sem ser a adoção.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o seu desejo de ser adotada e com sentimentos de conformidade com o facto de não ter sido adotada.</p>
<p><b>O que é que imaginavas em relação à adoção?</b> Imaginava ser adotada como uma família que pronto ia ser melhor, não estou a dizer que era mau estar no colégio mas família é família, mas nunca queria ser adotada por uma família que me levasse para longe ou que me tirasse o contacto dos meus irmãos mas também era sempre uma das coisas que eu pensava e que pronto, punha sempre em primeiro lugar, mas era isso que eu pensava adoção, adoção, adoção.</p>	<p>P2 explica que só queria ter uma família, mas que não a levasse para longe dos irmãos e que os irmãos sempre foram a sua principal preocupação.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de um futuro melhor ao lado de uma família adotiva que não afastasse dos irmãos.</p>
<p><b>Sentias que era um entra e sai na instituição?</b> Não, por exemplo, havia dois tipos de crianças lá, eram os que estavam no colégio mas que tinham pais e que podiam ir passar o fim-de-semana com eles</p>	<p>P2 explica que havia duas formas de visitas, aquelas que só podiam receber as visitas semanalmente e os outros que podiam sair aos fins-de-semana com os familiares.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a influência do exterior que permitia à P2 criar uma tipologia das crianças que permaneciam 24 horas nas Instituições e aquelas que podiam sair</p>

<p>e os outros que estavam 24 permanentemente sem sair, só tinham visitas e mais nada que era o meu caso, eu recebia as visitas, mas não ia para lado nenhum e havia outras pessoas que tinham visitas, mas que aos fins-de-semana iam para casa dos pais, ou dos tios, ou algum familiar que tivesse condições e que tivesse estipulado,</p>		<p>por ter referências com condições no exterior.</p>
<p>pronto eu aí na altura ficava um bocadinho com pena, de não ser dessas pessoas que podia pelo menos ao fim de semana estar com ele, mas pronto, tinha as horas das visitas e tentava aproveitar isso para compensar.</p>	<p>P2 explica que ficava triste por não poder ser das pessoas que podia sair ao fim de semana, mas que tentava sempre aproveitar as visitas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza por não ter direito à fins de semana no exterior com o pai.</p>
<p><b>E quando saíam as funcionárias?</b> Só houve duas tias, uma delas entrou e saiu cedo, teve lá pouco tempo e eu gostava muito dela e outra que teve muito tempo comigo que teve que casar e fazer vida e saiu, mas de resto foi as mesmas.</p>	<p>Explica que algumas das funcionárias que fizeram parte do seu crescimento tiveram que sair.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com a saída de funcionárias que eram as cuidadoras da P2.</p>
<p><b>E como é que tu sentias quando as tias iam embora?</b> Falando por mim, não sentia como uma perda, porque lá está nunca entraram e saíram assim muitas eu tive praticamente as mesmas, mas pelo menos essas duas tive pena porque eu era muito agarrada a tia Patrícia e pronto, senti falta dela quando ela foi embora, mas não, eu acho que percebi que era a vida dela e que era o que ela queria, e que ela já me tinha dado o que</p>	<p>Explica que quando a funcionária que ela tinha muito contacto saiu, teve muitas saudades dela, mas que percebeu que ela teve que seguir a sua vida e nunca perdeu o contacto com ela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza pela saída de uma das funcionárias e sentimentos de compreensão face a esta saída.</p>

<p>conseguiu, o que podia dar e não deixei de ter contacto, tenho ela no face, tenho o numero dela e pronto e também tenho outras pessoas que são próximas dela que é uma das tias que é a tia Sandra, senão me engano foi com o irmão dela que a Tia Patrícia casou, tive saudades dela sim e fiquei com pena de ela ter ido para longe mas pronto.</p>		
<p><b>Sentiste que eras tão pequenina, mas tinhas que já perceber tanta coisa?</b>  Sim, e pronto tinha esse receio da idade e não sei que, porque eu tinha medo de eu própria errar, apesar de eu saber que se errasse não iam criticar tanto e iam perceber, de qualquer das maneiras eu sou muito perfeccionista no que faço e tenho que pronto muitos medos e eu tinha medo de errar, errar no sentido com os meus irmãos, por causa da idade que tinham, de acontecer alguma coisa e de a culpa ser minha.</p>	<p>P2 explica que é perfeccionista, mas que era muito pequena para cuidar dos seus irmãos e que o seu maior medo era falhar com eles.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de medo face ao cuidado que tinha que ter com os irmãos e ser tão nova para gerir estas responsabilidades.</p>
<p>Porque eu sempre protegi muito os meus irmãos, eu não sou a mais velha, era o Luís e depois eu e depois é o Ricardo, não depois é o Vítor e depois o Ricardo, eu não tenho culpa, mas as vezes baralho-me com a idade deles, porque o contacto vai-se perdendo então as vezes eu perco-me, mas pronto eu sei ainda quem é o mais velho,</p>	<p>P2 explica que o contacto foi-se perdendo e às vezes baralha-se com a idade deles.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de confusão relativamente à idade dos irmãos, por ter perdido o contacto com os mesmos.</p>
<p>mas sempre os protegi muito, é assim o Luís já não deu para proteger</p>	<p>P2 explica que sempre protegeu os irmãos, que os colocava à frente de tudo e</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de proteção</p>

<p>tanto, porque para além de ser mais velho, ele sempre foi muito rebelde e muito e não deixava que eu me aproximasse muito, entretanto saiu e eu fui perdendo o contacto dele, sei que ele tem duas filhas, mas nunca as vi na vida, tenho pena disso, mas pronto, mas foi ele que escolheu assim, ele sabe que se quiser eu falo com ele e isso tudo, mas no colégio sempre protegi os outros dois, por exemplo o Ricardo andava muito à guerra com o António, que era um dos rapazes mais velhos, que ficou também para ultimo como eu e às vezes quando eles andavam à luta e não sei quê, eu cheguei a ir à luta com o António mesmo a lutar com ele, lutar mesmo no verdadeiro sentido da palavra, porque não gostava de ver ele a bater no Ricardo e irritava-me profundamente e no Vítor também porque o Vítor tem aqueles problemas e tudo mais e ele gostava de picar e como ele não tem noção das coisas, ele pegava em cadeiras, pegava em facas, porque ele tinha problemas, então ele estiva-se à grande e eu não gostava disso e eu defendia-o e cheguei a levar a pimenta na língua, porque no colégio não se pode dizer asneiras e eu chamei-o cabrão, opá porque saiu e levei pimenta na língua à pala dele, mas eu não conseguia ver a fazerem mal e pronto.</p>	<p>que agora perdeu o contacto completo com eles, revela ainda que chegou a estar de castigo por defender um dos irmãos.</p>	<p>face aos irmãos e sentimentos de tristeza por ter perdido o contacto com os mesmos.</p>
--	--	--

<p><b>Mas perdeste o contacto hoje em dia com os teus irmãos todos?</b></p> <p>Eu tenho contacto só com o Ricardo e com o Vítor, é assim eu digo que tenho contacto com o Vítor, mas é raro conseguir falar com ele, porque eu ligo para o colégio onde ele está e ou não estão, ou já saíram, ou estão na escola, ou muitas vezes não me atendem sequer e como é muito longe não dá para eu ir lá, não tenho condições para eu ir lá, eu tenho carro sim, não sou eu que conduzo é o meu namorado, mas não temos meios financeiros para estar a ir lá, eu cheguei a ir, num natal, há 3 anos com a minha sogra, ela conseguiu ir lá busca-lo e que ele passasse o natal connosco, mas de resto só por telefonemas e não é sempre,</p>	<p>Explica que um dos irmãos foi para uma Instituição que era longe e não consegue ter o mesmo contacto que gostaria de ter com ele porque a P2 não tem condições para se deslocar até ao irmão.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de tristeza por ter perdido o contacto com os irmãos.</p>
<p>como o Ricardo tenho conseguido falar com ele várias vezes, a ligar e por face também, mas os outros não consigo, tenho muita pena, tenho pena e também já consegui voltar a ter contacto com o meu pai por telefone, mas entretanto perdi de novo, porque ele estava a viver com um dos meus irmãos mais velhos, o Bruno e com a namorada que também foi uma rapariga que morou no colégio, que também já têm uma filha e que eu também não conheço, mas pronto, mas eu não percebi o que aconteceu, sei que o meu pai deixou de morar com</p>	<p>Explica que perdeu o contacto com o outro irmão e também com o pai, P2 revela que ela tenta contactar mas ele não atendem.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza e incompreensão por não entender a razão de perder sempre o contacto com os irmãos e figura paterna.</p>

<p>eles e foi para uma casa que supostamente não tem telefone, pelo menos foi o que me disseram e eu acabei por não conseguir falar mais com ele e pronto, e depois tentei ligar para o Bruno de novo para falar e para saber se já tinham voltado a falar com o meu pai, mas não consegui eles não me atendem, não respondem, não sei o que se passa.</p>		
<p><b>Como é que consegues gerir este perde-ganha?</b>  Pois, eu às vezes, aí sim, eu sinto-me revoltada, chateada e pronto, porque, não é pelas circunstâncias de perder, é pelo interesse que as pessoas demonstram, eu acho que em certas alturas sou eu que procuro que tento falar e que ligo e pronto, e isso às vezes chateia-me.</p>	<p>P2 explica sentir-se revoltada pela família não demonstrar nenhum interesse nela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de revolta face ao desprezo que a P2 sente da parte da sua família.</p>
<p><b>O que é que achas que ganhaste e perdeste com a Instituição?</b>  Não sei, quer dizer, é assim, eu consegui perceber a vida e as várias situações da vida, mas sei lá, não consigo explicar bem, não sei, eu sei que consegui tentar ter relações o máximo possível, como procurar e falar e isso e tudo mais, mas também as vezes não me consigo explicar como eu quero, porque toda a gente diz que eu tenho dificuldades em explicar-me, eu baralho-lhe muito, quero dizer uma coisa e não consigo,</p>	<p>P2 explica que não se consegue exprimir bem, como queria.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de dificuldade face a estabelecer relações e conseguir expressar-se.</p>
<p>mas eu acho que me ajudou a perceber a vida e o que é fácil e o que não é isso</p>	<p>Explica que a Instituição ajudou a entender que as coisas da vida não são</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos de luta e de</p>

<p>tudo e é por causa disso que eu as vezes não desisto das coisas, do procurar e do falar, apesar de às vezes me sentir chateada e dizer, esquece! Agora também não vou procurar, não me procura, também não vou procurar, mas eu sou parva e acabo sempre por procurar de novo.</p>	<p>fáceis e que é por isso que ela não desiste das coisas, e não desiste de procurar as pessoas.</p>	<p>não desistir das pessoas.</p>
<p><b>Sentias-te autónoma no colégio?</b>  É assim, eu acho que o colégio falhou um pouco, e acho que foi a única falha, foi na liberdade, porque eu hoje, falo por mim, e sei que é uma grande falha minha se calhar é como é que hei-de explicar, sair, movimentar, eu sabia o autocarro que tinha que apanhar, o sitio e ir da escola para casa, mas não sabia ir para mais lado nenhum, não conhecia, eu conheço a zona e porque, por andar a pé, por ir para o parque, para a escola e pouco mais, não conheço o país digamos assim, não me preparam e hoje em dia, não sei ir para montes de sítios, não sei andar de comboio, são coisas básicas que eu acho que o colégio devia preparar mais, não deixar a pessoa tão presa, por exemplo dar um passeio, conhecer a cidade, conhecer, perceber que mais tarde ou mais cedo, nós vamos ter que andar sozinhos e não podemos ter medo de andar e eu acho que eu no meu caso eu tenho medo, quando eu não conheço eu não vou, o meu namorado</p>	<p>Explica que a grande falha feita pela Instituição foi na liberdade e que o facto de não lhe terem dado liberdade quando ela estava na Instituição a afeta hoje em dia, onde não consegue andar na rua, não consegue andar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de falha face à Instituição relativamente à falha na preparação da sua saída e sentimentos de impotência face à sua autonomia e independência atual.</p>

<p>diz: ah e tal vai não sei para onde e eu digo: ah não que eu não sei ir para lá, e ele diz: ah também não conheces nada não sabes nada, e eu pois não, mas também não saio do sítio, eu tenho medo de sei lá, de me perder e não sei quê.</p>		
<p><b>Sentes-te incompreendida?</b>  Sim, não percebem que eu tive tanto tempo presa que não sei, sei lá não sei andar e depois tenho medo e não só, é por me conhecer a mim própria, eu sei que, eu não vou dizer pelo meu aspeto que não é bem essa a palavra, por eu ser pequenina, baixinha, magrinha e nanana e há muitas coisas que só por aí não vai resultar então não vou</p>	<p>Explica que não se consegue desenrascar e as pessoas não compreendem isso, explica também que o sei aspeto físico também afeta a sua autoestima.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de incompreensão das pessoas para com o seu passado e sentimentos de falta confiança para com ela própria.</p>
<p><b>Se calhar, tudo isso porque sempre tiveste realmente muito presa...</b>  Sim, mas eu acho que também depende das pessoas eu não me sinto à vontade, não sou daquelas pessoas que chegar e saber que tenho um bom aspeto, não consigo demonstrar isso às pessoas, para conseguir chegar onde eu quero.</p>	<p>P2 explica que a sua autoestima é um entrave para alcançar os seus objetivos.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à sua falta de confiança que é uma barreira para ela evoluir.</p>
<p><b>Achas que tudo isso tem influência pelo teu passado?</b>  Sim lá está eu sempre tive autonomia e coragem e fui obrigada a fazer as coisas de gente mais velha, no sentido de ajudar os meus irmãos e de fazer por eles, mas por mim, sempre pensei muito neles</p>	<p>Explica que sempre fez tudo pelos irmãos e sempre se esqueceu dela, ela própria se colocava para segundo plano.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativamente a sentimentos de preocupação face aos outros e despreocupação face a ela própria.</p>
<p>e eu tenho muita, como é</p>	<p>Explica que não consegue</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p>que eu hei-de dizer eu guardo as coisas muito para mim eu não falo nem nada disso, então, eu quase que estava sempre a querer que eles falassem comigo e a dizerem-me as coisas mas eu não faço isso, quando é comigo eu calo-me e guardo e fica para mim, ou seja, eu sou desenhada para os outros, forte para os outros mas para mim não.</p>	<p>falar com os outros sobre as coisas que a preocupam e que consegue ser autónoma e forte para os outros, mas não consegue fazer o mesmo por ela.</p>	<p>psicológico relativamente à sua personalidade reservada que não permite ser forte e partilhar o que está a sentir.</p>
<p><b>Como é que era a tua relação com o exterior quando estavas dentro da casa, como é vias o mundo lá fora?</b>          Não sei, lá está, eu tinha noção das dificuldades e essas coisas, mas achava que eu lá, lá era o mais difícil eu não me conseguia adaptar lá, tava muito presa, as coisas que eu fazia no colégio, acho que é mais difícil as coisas que é suposto fazer cá fora. Sentia-me presa e hoje em dia é mais difícil eu conseguir gerir cá fora.</p>	<p>P2 explica que se sentia presa no colégio, apesar de ter noção das dificuldades que existiam cá fora e hoje em dia é difícil viver cá fora para a P2, porque sempre foi muito presa na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de falta da Instituição face à liberdade que lhe foi retirada e sentimentos de impotência em gerir essa falta de liberdade agora que saiu da Instituição.</p>
<p><b>Como era a tua vida escola, como vivias o dia escolar?</b>          Na vida escolar eu nunca gostei muito de dizer que estava no colégio não era por vergonha nem nada disso, era porque eu sou daquelas pessoas que acho que não preciso de contar tudo da minha vida e contar certas coisas para as pessoas respeitarem, perceberem e montes de coisas, então preferi que não tenho que falar, estou no colégio, não interessa não tenho que falar, só falo</p>	<p>P2 explica que na escola ninguém sabia que ela estava na Instituição, porque diz que é da sua personalidade não gostar de falar sobre a sua vida, apenas sabiam os professores e um grupo muito restrito de pessoas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à sua personalidade reservada que faz com que apenas conte o seu passado de institucionalização a algumas pessoas.</p>

<p>mesmo às pessoas que deveria falar, quando há necessidade de se falar e pronto e pouco mais, por exemplo este ano e no outro ano que passou, raramente pouca gente sabe que eu tive no colégio é muito raro, só os professores que pronto são basicamente obrigados a saber e uma ou duas pessoas que eu tenho na turma de resto ninguém sabe, não é por vergonha, mas não têm de saber.</p>		
<p><b>Quando foi a altura para sair o que é que tu sentiste?</b> Então é assim eu sai do colégio das freiras, para vir morar com a minha sogra e com o meu namorado, lá está outra coisa que eu acho que não é, tive que, não é apressar, porque não digo que quisesse ou que fosse obrigada, mas acho que foi um processo que foi muito rápido na minha vida, foi rápido de mais no sentido mau, mas hoje em dia ninguém percebe uma pessoa na minha idade que já tenha namorado há 6 anos, sempre com o mesmo e praticamente pronta para casar e fazer vida de casada e tudo mais, eu as vezes também pronto,</p>	<p>Explica que quem a tirou do colégio foi a mãe do seu namorado e que foi viver para casa deles, P2 revela que teve que apressar esse lado da sua vida, como se tivesse quase sido obrigada a fazer vida de casa e que sente incompreendida pelas pessoas por ser nova e já ter esta vida.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo ao facto de ter acelerado a sua vida amorosa por falta de opções.</p>
<p>para responder à pergunta eu sai para viver com eles na mesma casa porque eu sempre detestei o colégio e conheci o M., andei na escola com ele não da mesma turma, de cursos diferentes, eu estava a tirar administração e ele estava técnico de informática e</p>	<p>P2 explica que quando começou a namorar foi quando teve mais receio de dizer que vivia numa Instituição, por medo que o namorado deixasse de gostar dela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de medo perante o facto de contar ao namorado que estava na Instituição.</p>

<p>pronto conhecemo-nos na escola, eu na altura tinha receio de dizer que estava no colégio, aí sim, com medo que ele não quisesse estar comigo e aquelas coisas que às vezes os rapazes acham, porque eu sabia que era uma situação difícil, porque eu neste colégio não podia, sair com ele, essas coisas todas, eu tinha que sair da escola e ir para casa e isso eu pensei que seria uma coisa que ele não quisesse aturar, eu para namorar com ele não podia estar perto do colégio porque as freiras não gostavam e pronto, então tinha medo disso que ele não quisesse nada comigo por eu estar no colégio, ele chegou-me a levar ao colégio mas sem saber que era o colégio e eu só no dia a seguir é que lhe disse, e pronto e ele percebeu e disse que não tinha mal e não sei que,</p>		
<p>e acabamos por ficar juntos e a mãe dele queria, eu fui passando alguns fins de semana com ela e eu para estar com ele aos fins de semana, tinha que mentir as freiras e dizer que ia ao colégio antigo ver os meus irmãos senão ela não me deixava sair, ela só me deixava sair na condição de: eu ir ao colégio antigo ver os meus irmãos. E eu tinha que fazer fim de semana sim, fim de semana não, dos meus irmãos com ele, senão não tinha oportunidade de estar com ele sem ser na escola,</p>	<p>P2 explica que para estar com o namorado tinha que mentir na Instituição e dizer que ia à Instituição dos irmãos vê-los.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativamente ao facto de ter que mentir às freiras para poder estar com o namorado.</p>
<p>então não gostou muito</p>	<p>P2 revela situações de</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p>dessa história e de outras acontecimentos que houve lá no colégio, porque as miúdas lá eu não sou racista, e tenho boas amigas de cor, mas pronto, mas a realidade é esta a maior parte das raparigas que lá estavam eram de cor, eram o dobro de mim, em tamanho e largura e houve histórias complicadas e muitas vezes eram problemáticas e todos descarregavam em mim e como eu sou daquelas raparigas que podes bater que eu não me viro, então elas viam isso e descarregavam muito em mim e batiam e roubavam as coisas e tudo e mais alguma coisa, elas chegavam a roubar roupa minha que não servia a ninguém, por maldade, só para deitar fora, eu tinha uma mala que tinha código e elas conseguiram acabar com a mala, arrancaram aquilo tudo e muitas outras coisas, roubavam telemóveis e muitas coisas e eu também na altura, eu tinha medo elas fazem e eu viro-me quando eu me for queixar, tu também o fizeste por isso não vale a pena estares-te a queixar e era sempre o que eu dizia ao Marcus, porque ele estava sempre a dizer: ahh e tu não dizes e tu não sei quê!</p>	<p>maus tratos que viveu na Instituição por parte das outras raparigas, como violência física e roubos o que fez revoltar a mãe do namorado e o namorado da P2.</p>	<p>psicológico relativamente a sentimentos de injustiça perante os maus-tratos que sofria por parte das outras raparigas que estavam também na Instituição.</p>
<p>E a gente queixava-se às irmãs e elas também tinham um bocadinho de medo delas, elas também para as irmãs e para as outras educadoras que lá</p>	<p>P2 explica que as funcionárias da Instituição não a podiam proteger porque também tinham medo das outras raparigas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção por parte das funcionárias face aos maus-tratos que a P2</p>

<p>estavam, pronto tratavam-nas mal e chegaram mesmo a ser agressivas para elas e as irmãs também não os defendiam por medo,</p>		<p>sofria.</p>
<p>então lá eu sabia que estava entregue à minha sorte e entregue ao bom dia ou ao mau dia delas, ou seja se elas acordassem bem eu estava na boa, se elas acordassem mal pronto lá ia eu, tudo imprevisível, tinha lá uma das raparigas que pronto, que no momento estava bem comigo e quando as outras me firam provocar ela juntou-se a elas também, e pronto e não dava mesmo para fazer nada.</p>	<p>P2 explica o quanto era imprevisível o seu dia-a-dia, porque as outras podiam acordar num bom dia e estava tudo bem, mas se acordassem mal descarregavam na P2.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de imprevisibilidade da P2 face às atitudes das outras raparigas da Instituição.</p>
<p><b>Sentias-te desprotegida?</b> Sim, sim, na MA sentia-me protegida, nesta não, eu acho que lá, não sei se era por causa da idade e disso tudo, mas de qualquer das maneiras não acho que a idade seja desculpa para tudo, até porque elas tinham mais idade tinham que ter mais maturidade e saber porque é que eu vou bater nela e provoca-la? Não faz sentido, mas pronto, mas na MA, era melhor, estávamos mais protegidas e não havia isto, e quando havia eram castigos e conversas sérias e neste não e depois,</p>	<p>P2 revela que na sua primeira Instituição se sentia protegida, mas na segunda sentia-se desprotegida, o que para a P2 é um contra senso, visto que as raparigas na segunda Instituição eram mais velhas e deveriam desta forma, ter mais maturidade.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de dualidade perante à proteção que sentia na primeira Instituição e a desproteção que sentia na última Instituição onde teve.</p>
<p>a mãe dele não gostava dessas coisas todas que elas me faziam é que ela chegou-me a dar um ténis e na semana a seguir já não tinha os ténis, e pronto e essas coisas todas, essas circunstâncias levaram a que ela tivesse uma</p>	<p>A mãe do namorado não gostava dos maus tratos que a P2 sofria e começou a organizar um plano para ela sair da Instituição, apesar da P2 ter medo queria sair e fazer o que a Mãe do namorado estava a dizer, contudo a P2 explica</p>	<p>Unidade de significado psicológico face à proteção que a P2 sentiu da parte da mãe do namorada que a ajudou a sair da Instituição onde sofria maus-tratos.</p>

<p>conversa com a irmã e dissesse que eu não me sentia bem lá e que não sei que e depois que nos fins de semana que eu fui lá passando ela disse, vai começando a preparar as tuas coisas e vai trazendo as escondidas porque se for preciso no ultimo fim de semana que cá vieres já não voltas mais para o colégio e eu tipo fiquei um bocadinho com medo, a mulher é louca, mas com vontade de fazer o que ela estava a dizer e fui fazendo, cada vez que ia de fim de semana com ela levava umas coisas e foi assim que fui levando as minhas coisas e como não podia ter nada, porque roubavam, estragavam, deixava sempre na casa dela, até que chegou ao momento de eu já ter as minhas coisas todas lá na casa dela e ela chegar à irmã e dizer: ela a partir de hoje não vem mais para o colégio, e ela disse que eu só podia sair quando tivesse os 18 e tiver feito uma carta a dizer que sai de livre vontade e não sei que, e eu fiz os 18 e escrevi a carta e que ia para a minha sogra e foi melhor coisa naquele momento que eu fiz, porque eu estava sem vontade de estar no colégio e pronto.</p>	<p>que só a deixavam sair aos 18 anos.</p>	
<p>Foi a minha outra família, a minha sogra, foi ela que me ajudou, até hoje me ajuda, apesar de já termos desavenças e grandes e não sei que e alguns problemas, acabamos por resolver e</p>	<p>P2 explica que a família do namorado foi a sua família, que a protegeu e a acolheu.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de proteção e ligação familiar com a mãe do namorado.</p>

<p>estamos bem e cada vez, porque conseguimos falar e resolver as coisas, foi o melhor que eu fiz e não me arrependo de ter saído.</p>		
<p><b>Achas que serias hoje uma pessoa diferente se não tivesses ido para uma Instituição?</b> Acho que sim, eu não sei se algum dia iria ir para o colégio se não fosse naquela altura, mas sim acho que sim, se não tivesse ido para nenhum colégio, eu acho que sim, tinha perdido muito mais coisas, e ainda era mais difícil o meu desenvolvimento, porque lá está, não tenho dificuldades na escola, mas também não sou cem por cento tenho alguns coisas, mas acho que se não tivesse ido para o colégio na altura se calhar tinha mais dificuldades e isso tudo, não teria conhecido o Marcus, porque foi na transição de um colégio para outro, e acho que foi uma coisa boa que aconteceu e que se calhar não tinha o conhecido e pronto.</p>	<p>Explica que ter ido para a Instituição foi melhor, porque teve direito a educação, a poder ir para a escola, e também porque conheceu o seu namorado que a acolheu mais tarde em sua casa.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de gratificação para com o facto de ter sido Institucionalizado, por ter conseguido ter um melhor desenvolvimento e por ter conhecido o namorado.</p>
<p>Se calhar podia ter acontecido algo melhor, mas acho que também podia ser muito pior, porque isso eu acho que o que aconteceu foi bom e na altura certa.</p>	<p>P2 explica que o que aconteceu foi na altura certo e o melhor a acontecer.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de conformação relativamente ao facto de ter sido institucionalizada.</p>
<p><b>Como é que vês de fora as Instituições, no dia de hoje?</b> É assim, como eu disse eu não vivi em todas, não sei as realidades de todas, mas comparando uma para a</p>	<p>Explica que para ela os colégios das freiras, apesar de muita gente achar que é o melhor, na opinião dela não é.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde o P2 sente que os colégios de freiras são piores em contra senso com o que ela sente e o que as pessoas acham.</p>

<p>outra, eu sei que muita gente as vezes pensa que as freiras é que é bom eu acho que não são é um grande engano e que a minha realidade foi a pior experiencia que eu tive não quer dizer que as freiras, que outros colégios que tenham outras freiras não sejam bons, a minha não foi,</p>		
<p>por isso eu acho que o colégio da MA é um colégio bom e pronto é diferente dos outros, não tem nada a ver, é uma família, conseguem demonstrar e isso e fazer com que nós crianças, jovens se sintam mais em casa que por exemplo no das freiras.</p>	<p>P2 que a primeira Instituição onde esteve é a sua referência e foi uma Instituição onde o conceito de família é mais forte.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de ligação afetiva e familiar perante a primeira Instituição onde esteve.</p>

### Anexo C - Entrevista P3

Feminino

21 Anos

Foi institucionalizada aos 16 meses

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Comentário</b>	<b>Unidades de Carácter Psicológico</b>
<p><b>Eu gostaria que partilhasses comigo um bocadinho a tua experiência enquanto jovem que cresceu numa instituição. Tu lembras-te do momento em que mudaste para a instituição?</b></p> <p>N: aah, sinceramente, eu vou-te ser sincera, eu não me lembro, não sei se a minha irmã te falou mas eu vim para a instituição bebé.</p>	<p>P3 explica que não se lembra do momento que foi para a Instituição, porque foi bebé.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o facto de não existir lembranças do momento do acolhimento por ser muito pequenina.</p>
<p><b>Hm hm, não sabia</b></p> <p>Sim, vim com, a minha irmã diz que foi com 16 meses, a minha mãe diz que me tiraram dela com 6. Eu não sei ao certo.</p>	<p>P3 explica que não se lembra do momento que foi para a Instituição, porque foi bebé.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com o facto de não existir lembranças do momento do acolhimento por ser muito pequenina.</p>
<p>Sim, poucas memórias assim de infância que eu tenho a única assim mais visível que eu possa me lembrar foi a partir dos 3. A partir mais ou menos dos 3, que foi quando eu comecei a, mais ou menos a saber as coisas, de por exemplo, faziam atividades connosco de saber os sabores, de, pronto, aprender a cozer, tipo...</p>	<p>Explica que as primeiras memórias que têm são a partir dos 3 anos.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com as primeiras lembranças que a P3 têm da sua infância.</p>
<p><b>Lá na instituição?</b></p> <p>Sim. Das boas maneiras à mesa, a gente ate tinha as canções de lavar as mãos, de brincar... diversas atividades pronto</p>	<p>P3 fala da educação que lhe foi inculcada na instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P3 revela a educação que lhe foi transmitida na Instituição.</p>
<p>E então a gente, como é que eu hei-de dizer? Eu e a</p>	<p>Fala da relação que tinha com a irmã e explica que</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>minha irmã tivemos sempre aquela ligação de... a minha irmã para mim nunca foi uma irmã, foi sempre uma segunda mãe, pronto. E então a gente tivemos sempre aquela ligação.</p>	<p>era como uma mãe para ela.</p>	<p>com sentimentos de ligação materna à irmã que estava com ela na Instituição.</p>
<p>E... boas memórias que eu possa ter de lá acho que foi mesmo o carinho das educadoras para comigo. Pronto, pronto... saber o que era as coisas da vida, saber tipo boa educação. Pronto. E tenho tantas memórias e tantas histórias assim desde pequenina até esta idade</p>	<p>P3 revela a relação afetiva que tinha com as educadoras e da educação que estas lhe transmitiram.</p>	<p>Unidade de significado psicológico ligado a sentimentos de conforto e carinho para com as funcionárias da Instituição.</p>
<p><b>Mas quando começaste a crescer, depois compreendeste os motivos que te levaram a estar numa instituição e de te tirarem de casa? Conseguiste compreender isso? Como foi quando te apercebeste?</b> Olha Patrícia, só me apercebi por volta dos meus 12 sinceramente, porque depois, antes disso aquilo era uma família não é? Nunca, nunca quis saber ao certo o porquê. Só comecei a querer saber, mais ou menos a curiosidade aos 12, tá a ver? E a minha irmã explicou-me que a nossa mãe não teve condições para ficar connosco e que era a minha irmã a tomar conta de nós, tá a ver? E acho que a minha mãe nunca estava em casa estás a ver?</p>	<p>P3 revela que nunca sentiu interesse em saber o porquê de estar Institucionalizada por sentir que a Instituição era a sua família.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ligação familiar para com a Instituição.</p>
<p>Depois, tipo, como é que eu hei-de dizer, tipo, não era só a instituição, era também a igreja estas a</p>	<p>P3 explica o quanto era imposto a Igreja na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos face à imposição da Igreja.</p>

<p>ver? Tavam muito ligadas, quando a gente ia a igreja ao domingo eu detestava, porque a gente tinha que vestir o fatinho, andar sempre em filinhas.</p>		
<p>Há bons momentos em que eu possa... o melhor momento assim de infância era quando a gente tinha o tio h., não sei, para mim era um pai, para nós pronto. Em que ele ia-nos por a escola, ia-nos, ia-nos tipo, era tipo um pai por causa do futebol também.</p>	<p>P3 exprime a ligação de família que tinha com um dos funcionários da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com uma ligação paterna com um dos funcionários da Instituição.</p>
<p>Eu também, mas quando eramos mais novas, a gente era um género de maria rapaz. Gostávamos sempre de chegar da escola, largar tudo, a mala e íamos logo para o campo jogar futebol e ficávamos lá ate as 6/8 horas e depois jantávamos e daí dormir. E a gente dormia as 8 e meia a gente já estava na cama. A gente detestava ir para a cama mais cedo e tipo ate fazíamos buéda bagunça, não queríamos dormir e tenho uma história bue engraçada. A gente não queria dormir e então ficávamos a fazer... tínhamos três pisos, era o piso de cima, que era o dos rapazes, o do meio, que era da cozinha e das raparigas e o de baixo que era a sala de visitas, da direção, a sala de brincar e a receção onde recebia-se as visitas. As educadoras estavam lá em baixo e a gente estava só a fazer barulho lá em baixo e não sei quê...</p>	<p>P3 explica como era o seu dia-a-dia na Instituição, as brincadeiras e a sua rotina.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento face à sua rotina diária na Instituição.</p>
<p>o nosso maior medo era o</p>	<p>P3 explica que um dos seus</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p>homem do saco. Não sei se te lembras dessa história ou...o homem do saco que levava as crianças, se a gente se portasse mal, então a gente tinha um sótão, no andar dos rapazes, que as educadoras fizeram. Depois a gente silenciou-se, de repente começamos a ouvir barulhos no sótão (risos), depois ouvimos uuuhuuuh e a gente de repente só víamos os rapazes a descerem para baixo, para o quarto das raparigas. Já era o homem do saco e a gente a chorar, do tipo, tamos feitos que a gente só faz é porcaria e então... tipo, ninguém queria sair do quarto até vir a educadora e com tipo o barulho ds sacos e não sei quê, e a gente completamente azóforados , aquilo durou uma semana para a gente descobrir que era os educadores. Mas olha, eu neste momento riu bue, mas na altura, a gente tava a chorar de pânico porque meu deus desculpa não voltamos a fazer a mesma coisa, queremos é dormir e tapávamos com os cobertores e sem sair da cama mesmo, a serio.</p>	<p>maiores medos era o homem do saco, e que isso os obrigava a comportar bem.</p>	<p>psicológico relacionado com sentimentos de medo face à figura imaginária que as funcionárias inventaram para a P3 e os seus colegas não se portarem mal.</p>
<p>E assim..maus momentos que eu possa ter tido... acho que foi mais a separação quando, aos 12 anos, 12/11 anos entrei para o processo de adoção. Entrei para o processo de adoção e tive que me separar 5 meses da minha irmã, foi muito difícil porque fui para o Alentejo.</p>	<p>P3 revela dos seus piores momentos, foi quando foi adotada e teve que se separar da sua irmã.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza face à sua separação com a irmã, quando P3 foi adotada.</p>

<p>Pa eu ainda não sabia bem o que era aquilo, porque era, para mim era uma nova família, era tipo uma nova mãe, muito acarinhada, era a Sãozinha, mas eu nunca, tipo, tive a noção o que era um processo de adoção, só quando realmente tava em frente ao juiz ele me disse “queres voltar para a instituição ou queres, ou queres, ou queres ficar ca Sãozinha?” e eu acho que naquele momento, naquela sala de tribunal fiquei a lembrar de tudo que se “ah se eu for adotada não vou poder ver mais a minha irmã, ou se vir não vou ver assim tanto, ela está tão longe e eu desisti completamente. Disse não, quero voltar para junto da minha irmã.</p>	<p>P3 explica que negou a adoção, apesar de ter sido muito acarinhada pela família adotiva para não ficar longe da sua irmã.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de negação face à adoção, porque estava longe da sua irmã.</p>
<p>Então foi quando a gente teve o processo de voltar, eu voltei e então depois como o processo foi cancelado, transferiram-nos, às duas, para outra instituição.</p>	<p>P3 explica que depois se mudou de Instituição com a irmã.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P3 explica que se mudou com a irmã para outra Instituição.</p>
<p>E aí começa outra fase da minha vida, que é a fase de crescimento, da adolescência, da rebeldia, de tudo. Ou seja, a fase onde eu começo a aprender o que é realmente a vida sem termos aquelas manhas de ter alguém para fazer por nós. Ou seja a gente é que tem que tipo de fazer por nós e aprender... pronto!</p>	<p>P3 explica que foi na transição de uma Instituição para outra que percebeu o que realmente era vida e foi aí que teve que aprender a fazer as suas coisas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativamente a sentimentos de crescimento, independência e autonomia que acompanharam a vida na nova Instituição.</p>
<p>Então, pa mim foi tipo difícil ao inicio mudar-me de colégio porque era um ambiente completamente</p>	<p>P3 explica que a transição de uma Instituição para outra foi uma fase difícil, porque tudo era diferente</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos readaptação a uma nova Instituição.</p>

<p>diferente, não eram crianças já eram adultas já eram outras, outras coisas, já eram outras maneiras de falar diferente</p>	<p>ao que a P3 estava habituada.</p>	
<p><b>Sentiste como se fosse outra perda?</b>  Nem era perda, era...mais...sentir-me deslocada, perdida, não sabia...porque era um meio onde era completamente...sentia-me completamente perdida porque não sabia o que era aquela nova faceta da minha vida. Por exemplo, lá, na outra instituição a gente punha os pratos na bancada e a cozinheira lavava. Lá não, tinhas um dia em que tinhas que ser tu a lavar a loiça de todas as raparigas, ou seja, não ias para a escola sem fazer as tuas tarefas. Um dia tinhas a casa de banho, outro dia tinhas o chão do quarto, outro dia tinhas o hall de entrada, pronto... várias tarefas, mas pronto... cresci como mulher e como, como eu própria, pronto.</p>	<p>P3 explica que se sentia perdida e desconstruída na nova Instituição e que houve uma mudança completa nas tarefas que a P3 desempenhava.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de confusão onde a P3 se sentia desenquadrada no novo meio, por ser tudo diferente do que estava habituada.</p>
<p><b>E quando te apercebeste que, pronto, depois apercebeste te dos motivos quando quiseste saber, aos 11 anos. O que é que tu sentiste? O que é que tu fizeste? Percebeste o que realmente se tinha passado...</b>  Eu sempre me defini como uma mulher muito curiosa, muito. Tipo querer saber muito das coisas, do tipo, quem era o meu pai, porque é que ele não vinha e porque é que a minha</p>	<p>P3 explica que sempre foi muito curiosa e sempre questionou o porquê de ter sido Institucionalizada e onde estavam os seus pais.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P3 define a sua personalidade como sendo curiosa o que fez com que questionasse às funcionárias sobre os seus pais.</p>

<p>mãe vinha sempre. Porque é que, o porquê, quais foram os motivos da minha mãe me ter deixado. Será que ela deixou-me porque ela quis? Ou porque não teve outra opção... daí comecei a perguntar, lá está, a querer saber...daí falei ca tia m., ca tia c., pra querer saber, contaram-me.</p>		
<p>Daí eu nunca tive contacto certo com o meu pai, sempre tive sempre com a minha mãe e eu a primeira sensação que tive depois dos 17 foi querer saber quem era aquele homem que não foi-me visitar. Ter uma mãe presente é uma coisa, é aquele carinho materno, mas não é a mesma coisa que um pai.</p>	<p>P3 explica que sempre quis entender quem era o seu pai o porque nunca a foi visitar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza pelo pai nunca a ter ido ver e curiosidade para saber quem ele era.</p>
<p>A gente quando é criança a gente sempre quer ter os pais por perto, os pais por perto, ou seja, queremos sempre saber porque é que o pai não vem, porque é que a mãe deixou de vir, porque é que, porque é que.. eu até já cheguei a pensar porque é que o meu pai não gosta de mim, porque é que ele não vem, será porque se calhar ele não sabe que eu existo...</p>	<p>P3 explica que sempre teve numa dúvida constante em relação à inexistência do pai, questionando se ele não sabia da sua existência ou se não gostava dela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza por ser uma criança sem os pais por perto.</p>
<p>mas não, depois vim a saber que o meu pai não não não, não teve possibilidades de vir por causa da minha madrasta até hoje (risos), até hoje temos uma relação complicada por causa dessa, dessa complicância que é a minha madrasta. Por ser filha única e ela ter dois filhos, que não são do meu pai. Mas sempre</p>	<p>P3 explica que depois entendeu que o pai não vinha porque a madrasta o impediu e até hoje a relação de ambos é impedida por causa da madrasta da P3.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de compreensão face à não ida do pai às visitas e sentimentos de conflito que existem entre a P3 e o pai até hoje.</p>

tiveram aquela ligação pronto. E pronto...acho que..é assim...		
<b>E durante o teu percurso o que é que ias sentindo?</b> O que é que eu ia sentindo...eu acho que sempre, como sempre tive a sofia por perto, acho que sempre me senti. É a minha irmã mais velha. Sempre, nunca me senti assim tão...tão, tipo triste, porque tinha ela, ou seja, tinha sempre onde me agarrar, onde me confortar	P3 explica que sempre teve o suporte da irmã mais velha que a confortou e apoiou.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conforto e suporte face à sua irmã mais velha.
então acho que sentia mais falta daquele lado materno mesmo só, de não ter uma mãe pra, por exemplo, tipo, ela não me viu a dizer as primeiras palavras, não me viu a andar.. não me viu a escrever, o primeiro desenho, a primeira queda, ou o primeiro choro	P3 explica que o que sentiu mais falta durante o seu percurso foi a presença de uma figura materna que a acompanhasse no seu crescimento e desenvolvimento.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de mágoa face à ausência materna na fase da sua infância.
<b>E quando é que te começaste a aperceber disso? Que ela não teve presente...</b> A minha vida toda. Sinceramente quando estava na instituição nunca pensei isso mas agora sinceramente se eu vou-te dizer que só quando saí da instituição depois de tudo o que eu passei.	P3 explica que sempre sentiu a falta da figura da materna toda a vida, mas que a “ficha” só lhe caiu quando saiu da Instituição.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de percepção da ausência da figura materna quando saiu da Instituição.
Porque eu quando saí da instituição não fui logo para a minha mãe, fui para uma casa de autonomia, juntei me com o meu namorado, com um ex-namorado meu que também, lá está, aprendi a crescer e aprendi a desenvolver para ser mais fria mais matura mas não...não... só me	Diz que aprendeu a crescer mais fria e que só se apercebeu mesmo da falta da figura quando saiu da Instituição, mas que conseguiu compensar isso reaproximando-se da mãe.	Unidade de significado psicológico onde a P3 explica que conseguiu reaproximar-se da mãe.

<p>apercebi depois quando me juntei mesmo com ela tás a ver? porque deu para compensar todos aqueles anos onde ela não teve presente. Para ela me ensinar tudo aquilo que ela queria que eu aprendesse.</p>		
<p><b>E criaste laços dentro da Instituição?</b>  Criei bons laços, por exemplo com a Iris, que era uma das grandes melhores amigas de lá. A gente tinha sempre, como eu hei-de dizer, não é elogiei, é... me orgulhei da Iris porque ela é uma grande mulher hoje. E também foi sempre uma boa inspiração para mim porque ela tinha... lembro-me da Iris como uma boa cantora, porque ela adorava cantar do lucas como um refilão, do Hugo que é o irmão dela como um traquina. Aliás eu tinha uma paixoneta pelo Hugo na instituição, a serio, era o Babu, assim que eu lhe chamava o Babu, porque ele estava sempre a babar (risos) a sério, e tinha a sara que era uma das minhas inimigas quando era pequenina, a gente nunca se deu assim quando.. acho que a gente só se deu bem depois da minha, ainda depois da adoção. E depois tinha a maria José, que é a outra rapariga que eu tinha um laço muito forte por ela ser muito rebelde mas por ela ser uma boa amiga. Mesmo!</p>	<p>P3 explica que criou grandes relações dentro da casa e que via uma das suas grandes amigas, como o seu modelo, conta ainda umas suas paixões amorosas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de carinho e suporte face aos seus colegas da Instituição.</p>
<p><b>E com as técnicas? Com as tias não é?</b></p>	<p>P3 explica as relações de afeto e carinho que criou</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>As tias sim. Hm, a tia que eu mais gostei foi assim que eu criei assim um grande laço assim mesmo forte foi a tia L.e a tia N., a cozinheira. A tia l., lembro me dela sempre quando eu vinha da escola ou vinha das atividades extracurriculares, então punha-me na bancada da cozinha “Oh tia l. o que é o almoço hoje? Oh tia l. o que é o jantar hoje?” e ela dizer “é línguas de bacalhau!” (risos) e eu dizer “fogo tia l. diga lá, o que é que é o jantar hoje?” (risos) então ela dizia “depois vês” (risos) ya... ou da açorda dela, eu odiava a açorda dela, nunca gostei de açorda, ate hoje e ela dizia “olha hoje é açorda” e eu a tia l. fazia um prato de reserva para mim que eu não gosto de açorda, só o cheiro a gente tinha um corredor para o refeitório, chegava ao corredor e já me sentia enjoada (risos) só com o cheiro “eu não entro naquele refeitório não” mas tinha que ser. Pronto! Da tia Nádia tenho boas recordações por causa que era ela que cada vez que eu acabava de tomar banho ela dizia “Nádia vai buscar o pente vamos pentear o cabelo” e eu fugia. Eu percorria o colégio todo e ela atrás de mim só para me pentear o cabelo e eu não queria porque doía. Doía mas depois, lá está, sentia-me bonita, olha as minhas tranças (risos)ya. Do tio hilário tenho boas</p>	<p>com as funcionárias da Instituição</p>	<p>com sentimentos de afeto, contentamento e ligações de suporte que criou com as funcionárias da Instituição.</p>
--	---	--

<p>recordações por causa do futebol e do Benfica, até hoje sou benfiquista por causa dele, ya, a primeira vez que pisei o estádio do Benfica foi com ele e o Ricardo, mais o Hugo e o Lucas, sim... e do Beethoven que era um cão que hoje em dia já não está entre a gente mas que veio também para a instituição bebe e eu lembro-me que eu não gostava de cães e uma vez ele fez a experiencia de me meter no parque com o Beethoven solto e eu toda encolhida a dizer “ele vai-me morder, ele vai-me morder” ele era pequenino, mas como eu era pequenina fiquei toda amedrontada e ele do do lado do refeitório a dizer “dá uma festinha, ele não faz nada e não sei que, olha que a seguir é a tua vez e não sei quê..” olha, a serio! Boas recordações foram só lá. E, lembro me de havia a hora do estudo, quando havia a hora do estudo, gostava do estudo do meio, gostava de aprender português e estudo do meio. Mas quando chegava a matemática a Nádia começava logo com as lagrimas dela “não quero fazer mais contas” porque nunca gostei de matemática mesmo. Hm... depois acho que,</p>		
<p>tipo em termos de educação de aprendizagem da escola eu acho que só tive noção depois de ter mudado para outro colégio que eu fui, quando eu fui</p>	<p>P3 explica que quando foi para o 9º ano se apercebeu do que realmente queria fazer mas que não aproveitou por estupidez da sua parte.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de arrependimento face a não ter aproveitado as ferramentas que lhe deram</p>

<p>para a casa pia fazer o meu nono ano e acho que aí é que eu soube realmente o que é que eu queria na realmente na vida mas que nunca tive oportunidades de continuar por estupidez, se formos a ver. Bem dito assim! Porque senão...já tinha mesmo. Ter aquilo! Aliás a minha irmã sempre disse “se não fosse a tua estupidez hoje em dia já poderias estar a pisar um palco mesmo” (risos) mas pronto.</p>		<p>a nível da educação.</p>
<p><b>O que é que tu gostavas?</b> Eu, eu durante três anos fiz teatro na casa pia e também tive natação e acho que são as minhas duas paixões mesmo. A natação e o teatro. E até hoje, gosto de representar entre amigos, fazer brincadeiras, quando chega o verão a primeira coisa que eu digo é “bora a praia” (risos) porque gosto de nadar, estão-me a dizer logo “nadinha então vamos que precisas de te libertar” (risos).</p>	<p>P3 fala das suas grandes paixões que são o teatro e a natação.</p>	<p>Unidade de significado onde a P3 revela as suas paixões.</p>
<p><b>Sentias-te protegida pelos tios?</b> Sim. Mesmo muito. Acho que a pior tia, não é a pior tia! É assim a que me ensinou mais rígida e mais fria é a tia Patrícia. Porque ela puxava, era tão dura para a gente, para a gente não ser tão totós. Puxava tanto para a gente e a gente não gostava tanto da forma, mas hoje em dia já deu uma boa aprendizagem e já dá para, se for uma dia mais tarde ter uma filha se calhar terei de ter os mesmos métodos que ela</p>	<p>P3 revela que na altura a tia que achava mais rígida, hoje em dia ela entende que era um método para a ajudar a evoluir.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de proteção e gratificação face aos funcionários da Instituição.</p>

teve para comigo.		
Que é para... ou seja, acho que tudo tem um processo, um bom processo, de bons momentos e maus.	Explica que Institucionalização foi um processo de bons e maus momentos.	Unidade de significado psicológico onde está presente uma dualidade de bons e maus momentos que fizeram parte do seu percurso de Institucionalização.
<b>E o teu dia-a-dia lá?</b> O meu dia-a-dia. Eu acho que, é assim, quando não tinha escola, o que eu mais gostava mesmo era o baloiço, gostava de estar ou no baloiço ou então fazíamos o jogo baliza a baliza ou então quando chegava o verão a gente esperava sempre por até as 3,4 horas, a gente até dizia “vamos dormir porque assim quando acordarmos temos piscina” ou então quando era férias de verão a gente tinha uma cena tipo tabela, que era segunda vamos a praia depois tipo quinta pedagógica, badoca parque, tipo tenho bons momentos sobre isso e eu gostava. Eu lembro-me que a gente, chegava as quê? Sete, não tinha bem noção da hora mas agora já tenho, chegava as sete da manhã e a gente já tava acordados tipo “praia, praia, praia!” tipo a espera que a tia fosse ao quarto para dizer “ já estamos acordadas, já podemos ir” (risos) então a gente ia.	P3 explica os seus bons momentos de diversão que acompanharam o seu crescimento na Instituição.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento face à rotina Institucional.
Mas quando chegava ao domingo era acordávamos, tomávamos banho e “têm aqui a vossa farda” estávamos todos iguais, tava toda a gente igual, odiava porque estávamos todos iguais e não	P3 revela que quando chegava ao Domingo e tinham que estar todos iguais era difícil para a P3 e fala ainda da influência da Igreja que era sentida como negativa para a P3.	Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos negativos relativamente à imposição da Igreja.

<p>gostávamos. Hm... e depois entrávamos na igreja e era sempre “olha os meninos do reino de Deus, olha tão lindos” olha isto e aquilo.</p>		
<p><b>Sentias alguma discriminação?</b> Sentia-me diferente das outras crianças, não era uma criança qualquer, era uma criança do lar do reino de deus. Assim...</p>	<p>P3 revela a diferença que sentia, por ser rotulado como: criança do reino de deus.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desigualdade da P3 face às outras crianças.</p>
<p><b>E na escola, sem ser aos domingos, ou mesmo cá fora, sentias isso também ou se calhar não tanto?</b> Não tanto, não tanto, sentia mais quando estávamos numa atividade da igreja ou quando a gente ia tipo para passeios ou quando estávamos na praia, do que propriamente na escola porque a escola sempre teve, por exemplo, até o carinho dos professores do 1º, 2º, 3º ano sempre senti aquele carinho especial. Não de me tratarem diferente mas sim de me tratarem igual como nas outras crianças, ou seja, não diziam “olha vamos lá ver porque ela é do colégio então não façam isto ou aquilo” não fui muito discriminada. Certo! E sempre fiz bons amigos, portanto não não foi... <b>Era mais aos domingos quando tinham que ir todos de iguais</b> (risos) é aquela cena da farda, e era azul.</p>	<p>P3 explica que nunca sentiu discriminação na escola, mas sim quando tinha que ir para a Igreja e tinha que ser apresentada como a menina do Reino de Deus.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos discriminatórios associados à Igreja.</p>
<p>Acho que a ultima farda que usei era dos escuteiros, mas pronto. Também tenho bons momentos mesmo, e maus. Acho que o pior</p>	<p>P3 explica que um dos piores momentos que teve, foi quando lhe apareceu a menstruação e ela não tinha nenhum suporte a seu</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção face ao aparecimento da sua</p>

<p>momento da minha vida foi mesmo quando me tornei mulher e tornei-me mulher num acampamento e eu não sabia o que era aquilo. Eu não tinha a sofia para me explicar, eu só tinha miúdas. Então, não tinha a sofia e eu lembro-me de tar trancada na casa de banho e não querer sair e tarem-me só a dizer “mas sai daí, não sei quê” “mas eu tou toda suja e não sei quê” depois, lá está, a chefe é que me disse “olha, tornaste-te mulher” e eu “mas eu sou menina e logo nenhuma menina é mulher” “não mas tu tornaste-te mulher, já não és uma florzinha, já és uma rosa” dizia que de flor passa para rosa, ou seja a rosa tem espinhos, que magoam, a flor não, só tem os caules, só tem aquelas... como os pelos dos nossos braços. Pronto.</p>	<p>lado para lhe explicar o que estava a acontecer.</p>	<p>primeira menstruação.</p>
<p><b>Sentias que na instituição não davam esse tipo de informação? Faltava isso?</b> Senti.</p> <p><b>Não preparavam?</b> Preparavam às mais velhas, só que como eu era tão pequenina, lá está, na primeira instituição não me explicaram. Eu lembro-me da minha irmã, quando ela passou para mulherzinha ela não, ela, ela quis falar com a tia N., aliás, foi a tia N. que lhe ensinou e elas tarem horas e horas na casa de banho e eu no quarto a dizer “mas o que é que vocês estão a fazer? Também quero” e elas</p>	<p>P3 explica que nunca a preparam para as coisas que se iam passar no seu desenvolvimento, que explicavam às mais velhas, mas a ela não por ser mais nova.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de não preparação face à Instituição.</p>

<p>dizerem assim “sai daqui” não sei quê (risos) “sua chata”.</p>		
<p>E acho que bons momentos com a sofia, mesmo, acho que foram mesmo aqueles, uma vez ela, partilhávamos as duas o mesmo quarto e ela tinha as coisas dela e eu as minhas só que eu era sempre tão curiosa que eu gostava de saber o que é que ela andava tipo a magicar e ela tinha um caderno, lembro-me quando ela era pequena era bué fã do Orlando Bloom, então ela tinha fotos do Orlando Bloom, ela tinha posters do Orlando Bloom, ela tinha coisas dos Backstreet Boys e o estar sempre a ouvir e ela tinha o CD dos Blue, daquela banda, e ela estava sempre a ouvir e era Cidade FM e a Tropical FM e ela tinha um caderno onde ela escrevia as coisas todas e eu gostava de saber porque eu já sabia ler então eu queria espreitar. Será que ela tem namorado, pronto será que ela tem uma inimiga, será que tem uma melhor amiga, pronto... então eu esperei que ela fosse sair lá para baixo para espreitar. Na altura que la saiu do quarto eu fingi que estava a dormir, saiu, ela bateu com a porta e no minuto já tava na gaveta dela a tirar-lhe o caderno para ler (risos),</p>	<p>P3 explica que a sua personalidade sempre foi ser muito curiosa e que gostava de saber coisas sobre a sua irmã e então cuscava tudo da irmã</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde revela a sua personalidade curiosa face à vida da sua irmã.</p>
<p>de repente, quando eu olho assim para trás, ela dá-me uma chapada e começo, ela tinha, acho que só li as primeiras frases que é</p>	<p>P3 explica que quando a irmã descobriu que ela estava a ver as coisas dela lhe bateu e lhe disse que não era mais irmã dela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P3 conta que quando se chateava com a irmã esta dizia que já não era mais</p>

<p>“estou apaixonada pelo não sei quê” já não me lembro do nome do rapaz sinceramente mas e eu assim “ah tas apaixonada?” (risos) ela deu-me uma chapada e as frases que eu tenho, lembro-me quando a gente se chateava era “já não sou tua irmã, agora é sofia, e chora” quando ela dizia “chora” eu chorava mesmo e depois, quando estava tudo mais calma dizia “Sofia podemos falar?” e ela dizia “não não quero falar contigo” “fogoo!”, assim que ela virava as costas eu ia brincar.</p>		<p>sua irmã.</p>
<p>Nunca fui ligada a bonecas sinceramente, sempre fui ligada a mais puzzles, a lagarta, tinha aquelas lagartas, tinha a casa, tínhamos aquela casa mesmo daquelas grandes onde a gente podia brincar aos cozinhados ou então aos cantores. Lembro-me que eu era bué fã da Shakira, adorava-a, punha-me em frente ao espelho a cantar as músicas dela e dizia “um dia quando eu crescer quero ser cantora”, ya... pronto e hoje em dia lembro-me disso, cantora, nunca tive muito jeito para cantar. Como é que algum dia pensei em tornar-me cantora? Não (risos) prefiro ser atriz.</p>	<p>Explica que na infância gostava de ser cantora e que hoje em dia percebe que foi uma estupidez porque não sabe cantar.</p>	<p>Unidade de significado psicológica onde a P3 revela que o seu sonho era ser cantora.</p>
<p><b>E quando estavas lá quais eram as tuas expectativas para o futuro?</b> Sinceramente, olha, eu achava que depois daquilo, quando eu estava na M. A, que depois de sair daquilo</p>	<p>P3 explica que as suas expectativas para o futuro era a irmã conseguir arranjar trabalho e ficar com ela para sempre.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ligação afetiva com a irmã que fizeram a P3 sonhar que ia viver com ela para sempre.</p>

<p>que a sofia ia arranjar emprego e que a gente ia morar juntas. E que depois ela ia casar e que depois eu ia ficar sempre com ela, nunca me ia separar dela,</p>		
<p>mas depois as coisas mudam, tipo o pensamento já é outra coisa, e depois quando fui para a casa de autonomia e juntei-me depois com o meu namorado a gente teve um processo onde a gente se afastou e as coisas mudaram, o pensamento mudou... muita coisa, lá está, e hoje em dia a gente basicamente mora uma ao pé da outra e quando a gente está juntas, 5 min depois já estamos a chatear uma com a outra mas depois volta tudo ao normal mas depois, a gente chateia-se outra vez e tudo ao normal, ou seja, a gente não pode passar muito tempo juntas porque senão...a gente choca-se tanto, porque a gente passou tanto tempo uma com a outra que olha, choca, choque é certo.</p>	<p>P3 explica que as coisas mudaram e que não consegue passar muito tempo com a irmã hoje em dia, porque chateiam-se muitas vezes.</p>	<p>Unidade de significado psicológico sentimentos de mudança quanto aos seus sonhos face ao futuro.</p>
<p><b>E achas que na instituição te prepararam para o que era o mundo cá fora? Quando saíste sentiste que estavas pronta porque te prepararam?</b> Eles tentaram. Sinceramente, eles tentaram. Mas eu como era muito de cabeça no ar, de tipo ter os meus sonhos e as minhas fantasias de andar sempre a pensar e a cantar... nunca fui de ligar, eu sinceramente,</p>	<p>P3 explica que na Instituição tentaram encaminha-la para o futuro mas ela nunca ligou e nunca prestou atenção ao que lhe diziam.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de preparação da Instituição face ao mundo cá fora.</p>

<p>eu quando olho para trás eu lembro-me de mim eu nunca fiquei a pensar tipo “quando eu crescer o que é que vai ser de mim?” não, sempre tive aquele o pensamento de “deixa eu crescer, deixa a vida me levar” então... importa de deus quiser, ele que escolha o caminho que eu quero que eu possa, conseguir só um palpite, nunca pensei assim no que é que a vida quer para mim ou o que é que eu quero para a vida, não me importo tanto. Eu acho que sou mais de oportunidades que a vida me dá. Não que ela me faça escolher.</p>	<p>P3 explica que nunca teve muitas expectativas quanto ao futuro, mas que esperava sempre que o futuro lhe desse as oportunidades.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de despreocupação da P3 face ao futuro.</p>
<p><b>Sentias-te em casa?</b> Sim, muito. Do género, era o meu quarto, era a minha sala de brincar, era a minha piscina, era o meu terraço era o meu baloiço. Principalmente era o meu baloiço, porque eu punha-me no baloiço e já não saia dali, eu lembro-me de passar tardes e tardes no baloiço a cantarolar, a brincar, ou no escorrega, ou mesmo no campo... só a jogar.</p>	<p>P3 explica como a Instituição era o seu lar, onde tinha as coisas que a faziam feliz.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face ao sentimento de lar e contentamento face à Instituição.</p>
<p><b>O que é que achas que perdeste? E ganhaste? Com a instituição</b> Ganhei boas pessoas, boas pessoas que nunca irão sair da minha vida.</p>	<p>P3 explica que ganhou boas pessoas na Instituição que vão ficar para a vida da P3.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação face à Instituição.</p>
<p>E o que é que eu perdi? Eu acho que nunca perdi nada, nunca! Porque de tal forma a minha vida foi tão, como é que eu hei-de dizer... é tão... porque foi tão diferente dos outros miúdos, porque lá está, de</p>	<p>P3 revela que a sua vida na Instituição foi levada tão naturalmente que não perdeu nada em ter sido Institucionalizada.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de um crescimento saudável na Instituição.</p>

<p>crescer mesmo lá, de me sentir tão em casa, porque lá está, foi uma infância, foi uma juventude e uma adolescência levada tão naturalmente, tão devagar que eu não, eu acho que nunca perdi nada. Só tive a ganhar.</p>		
<p><b>E como é que era dividir a atenção? Viver com tanta gente.</b> Acho que nunca pensei, quer dizer, ficava um bocadinho enciumada quando davam mais atenção a sofia do que a mim, algumas vezes, porque algumas vezes eu precisava de alguma atenção para mim e então tinha que se dar a alguns outros miúdos e a atenção não era só para mim, e eu queria tanto, as vezes fazia de propósito para chamar a atenção, pronto, mas queria tanto atenção que as vezes tinham que gritar comigo dizer “Nádia pára” (risos) “não podes fazer isso” ou “já falo contigo” ou então “vai fazer isso que depois vou lá” e depois nunca chegarem a ir lá e dizer “fogo, acabei de fazer sozinha já não preciso da tua ajuda” (risos) ou então do tipo “gostas mais de mim do que dela?” “não eu gosto de vocês todos a vossa maneira, nunca pensem que eu gosto mais de um do que de outro”.</p>	<p>P3 revela que chamava muitas vezes atenção das funcionárias da Instituição para ter a atenção só para ela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de partilha da atenção com as outras crianças, o que levava a chamadas da atenção por parte da P3.</p>
<p><b>E sentias-te independente? Ou seja, conseguias fazer as coisas por ti, sentias-te autónoma?</b> Tentava, mesmo quando</p>	<p>P3 revela que tentava fazer as suas coisas e as lides domésticas sozinha.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tentativa de ser autónoma na Instituição.</p>

<p>não conseguia e fazia porcaria, eu tentava limpar a minha porcaria, por exemplo, quando era para arrumar, por exemplo, para fazer a cama ou passar a esfregona, houve uma vez que deitei o balde da esfregona todo no chão e a tia tava lá em baixo, nem sei como ela não ouviu e então quando ela chegou lá em cima ainda estava tudo, e eu ali com a esfregona na mão “não fui eu, caiu sozinha” “Nádia como é que a esfregona caiu sozinha se estas com a esfregona na mão?” (risos) “eu tentei, só queria limpar a casa de banho”</p>		
<p><b>Mas eles faziam com que vocês se sentissem autônomos?</b> De aprender a fazer as coisas sozinha, tipo, “vou fazer primeiro e depois vais tu” ou “vê a tia a fazer e depois faz a seguir”, pronto</p>	<p>P3 explica que as funcionárias da Instituição ensinavam como se faziam as coisas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de preparação da Instituição face às lides domésticas.</p>
<p><b>Sentias que tinhas as tuas coisas? Ou como eram tantas crianças tinhas que partilhar tudo?</b> Não, cada um tinha as suas coisas, mas quando era a altura dos brinquedos era do tipo “quero brincar com a minha frigideira, preciso dela” ou então “eu também quero brincar na casinha” ou então “larga a lagarta que eu também quero brincar” não sei quê, havia sempre, na altura de brincar há sempre um ou outro que vai discutir porque quer sempre alguma coisa, por exemplo, da caixa dos legos uma vez</p>	<p>P3 explica que na Instituição, todas crianças tinham direito ao mesmo e se não havia para algum, também não havia para todos.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos de justiça face à partilha de brinquedos na Instituição.</p>

<p>esconderam a caixa dos legos porque ninguém tipo chegou ao ponto de querer partilhar então olha, se não há para um também não há para ninguém. Era sempre assim, quando não há para um também não há para ninguém. Ou então há para um há para todos.</p>		
<p><b>E enquanto tu estavas lá como era a relação com o exterior, cá fora? Sentias-te presa?</b>  Hm... mais ou menos, do tipo, na escola por exemplo, nunca me senti excluída do meu grupo de amigos porque sempre me levaram de boa. Algumas... houve uma altura da escola onde eu sofri bullying por ser diferente, porque era uma turma que eu era a única escurinha, então chamavam-me de “escuribamba” e eu não gostei, até que um dia que eu me revolucionei e dizia “ai é? Escuribamba? Então vão ver como é que é”, peguei na minha bola, levei uma bola e comecei a brincar sozinha também, daí também queriam brincar comigo à bola e eu dizia “não, não sou escuribamba? Então também não brinco com brancos” assim! Depois acho que a partir desse dia, tipo, já não houve diferenças e pronto. Ficamos todos amigos.</p>	<p>P3 explica que sofreu discriminação na escola, por ser de cor.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos discriminatórios que a P3 sentiu na escola.</p>
<p><b>E a escola?</b>  Hm.. a vida na escola! Tive tantas paixões, tantas amizades e tantos inimigos mas nunca fui de querer ter</p>	<p>P3 explica que a vida na escola foi boa e que sempre se quis dar bem com toda a gente.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos positivos face às relações que criou na escola.</p>

<p>inimigos, de não me dar bem, sempre tive aquela esperança de me dar sempre bem com toda a gente porque sempre eu olho para mim, hoje em dia, com uma paz de espírito e alegria porque sempre que chegava a escola era sempre sorrisos por todo o lado ou então “bora jogar à bola” ou então “mais 5 minutos de intervalo por favor” ou então quando a campainha tocava a gente ia tipo para a, a gente resmungava sempre nas escadas para subir. E as educadoras diziam sempre “toca a subir, vocês não podem demorar oh, a professora já está na sala e não sei quê” eu “uuugh”.</p>		
<p><b>Sentias, imagina, tinhas tias ou amigos na instituição que iam embora, sentias que...desapareciam?</b>  Acho que, a parte pior da instituição foi essa, foi da gente criar laços tão grandes uns com os outros que quando chegava a hora da despedida a gente pensava sempre “não vou voltar-te a ver”, era sempre aquele último sorriso, o último abraço. Olha eu fazia sempre despedidas um dia antes, ou seja, a gente, lembro-me tão bem, a gente punha os colchões todos nas escadas e a gente fazia escorregas, depois íamos para a sala de brincar tipo, brincávamos ate tarde, quando era a despedida a gente dormia sempre na sala de brincar</p>	<p>P3 explica que a pior fase que passou na Instituição foi quando chegava a altura das outras crianças irem embora.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza face à saída dos seus colegas da Instituição.</p>

<p>todos juntos tipo com os colchões todos juntos uns dos outros e depois quando chegava de manhã era sempre aquela coisa de “é o teu dia, vais-te embora”.</p>		
<p><b>E quando foi o momento em que saíste? O que é que tu sentiste? E o que é que tu fizeste?</b>  Acho que foi...assim...tristeza! Porque foi mais complicado despedir da minha irmã do que dos outros porque eu sempre pensei “fogo agora vais ficar aqui sozinha e eu vou também ficar sozinha, já não vou ter aquela, aquele apoio ou aquele conforto de ter, porque não é de amizade é de família, ter alguém por perto. Pelo menos tenho uma parte da minha família que está junto a mim, enquanto os outros miúdos não tinham. Então uma parte da despedida foi um bocadinho complicada.</p>	<p>P3 explica que a despedida foi complicada, porque teve que se separar da irmã que era a parte da família dela que sempre teve junto da P3.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de tristeza face à sua despedida com a irmã, quando a P3 foi adotada.</p>
<p><b>E quando tu saíste foste para onde?</b>  Da instituição fui para a Sãozinha, e desses 5 meses o que eu posso dizer, hm, não me habituei assim tanto. Ela podia ser a melhor mãe do mundo, ou seja, eu hoje podia estar com a minha faculdade feita, podia ter tudo e mais alguma coisa mas aprendi que o dinheiro não traz, pode trazer um bocadinho de felicidade, mas não traz assim...aquela felicidade que a gente queira, porque é aquele amor maternal ou familiar, é sempre mais</p>	<p>P3 explica que quando foi adotada não se habituou à família adotiva e percebeu que para ela o dinheiro que esta lhe podia dar não era tudo.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos de não habituação à família adotiva.</p>

complicado.		
<p><b>E sentiste que não tivesses que ir para uma instituição, a tua vida seria diferente?</b></p> <p>Seria completamente diferente, completamente, tenho a certeza! Nunca imaginei como seria a minha vida se eu não fosse para o colégio ou se a minha mãe me tivesse deixado, pronto...lá. Acho que sempre pensei assim “olha, se Deus quis assim é porque algum motivo teve que ser” e não me arrependo, porque não foi só maus momentos mas também maior parte deles foram bons.</p> <p><b>Mas achas que foi melhor assim?</b></p> <p>Acho que sim, não imagino de outra forma.</p>	<p>P3 acha que foi melhor ter ido para o colégio e revela ainda que não imagina a sua vida sendo de outra forma.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos conformação à sua ida para a Instituição.</p>
<p><b>Como é que tu vês uma instituição?</b></p> <p>Como é que eu vejo? Eu acho que...mais vale não...mais vale uma criança ser feliz num ambiente onde se sente acarinhada pelas educadora do que pelos próprios pais que não têm possibilidades. Agora se os pais têm possibilidades e não querem amar os seus filhos então, eu acho que a instituição para as crianças que não têm afeto ou que não têm aquele carinho ou aquela atenção, a instituição é a melhor coisa. Lá, está, vão crescer melhor e ter outra mentalidade, outra maneira de pensar com outras pessoas, outra melhor, melhor educação do que</p>	<p>P3 explica que muitas vezes a melhor alternativa é as crianças serem Institucionalizadas para ser felizes, ter carinho e direito à educação.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos de preferência a uma Instituição a uma família que não cuida das crianças.</p>

com os próprios, verdadeiros pais.		
<p><b>E o que é achas, hoje em dia, o que te trouxe para ti? O que é que te acrescentou, como é que tu vês agora as coisas?</b></p> <p>Uma nova alegria, um novo eu, eu acho que... hm... vejo-me como uma pessoa alegre, uma pessoa humilde, que querendo sempre ajudar, sempre, quem tá em baixo, uma pessoa amiga.</p> <p><b>E achas que muito disso se deveu à educação que tiveste lá?</b></p> <p>Muito, aliás, hoje em dia sou assim graças a eles. E pronto.</p>	Explica que o que é hoje é graças à Instituição que a educou assim.	Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de gratificação face à Instituição.
<p>Muito obrigada</p> <p>De nada, espero que tenha ajudado.</p>		

## Anexo D - Entrevista P4

Feminino

29 Anos

Foi institucionalizada aos 11 anos

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Comentário</b>	<b>Unidades de Carácter Psicológico</b>
<p><b>Lembraste do momento em que te mudaste para a instituição?</b> Ya, foi em Fevereiro, sei que nesse mesmo dia, lá no colégio, tinha a cozinheira dona Lurdes, nós entrámos no mesmo dia. Ela começou a trabalhar no mesmo dia em que eu fui para lá e foi uma das pessoas de quem eu fiquei mais próxima.</p>	<p>P4 explica que a funcionária que ficou mais próxima na Instituição entrou no mesmo dia que ela para a Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ligação afetiva para com uma das funcionárias da Instituição.</p>
<p>Ah, eu não, eu já sabia para o que ia <b>Já sabias?</b> Hum... Eu também já tinha tido exames, fiz os 11 anos lá, foi a minha primeira... foi o meu primeiro aniversário depois de muito tempo, eles fizeram-me uma festa de aniversário...hum... eu não tava assim muito.. estava triste e não estava porque eu tinha noção porque é que eu estava ali né?</p>	<p>P4 revela que a sua primeira festa de aniversário foi quando entrou para a Instituição e que não estava muito triste por já saber para onde ia.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de consciência face à sua ida para a Instituição, o que permitiu que a P4 não ficasse muito triste.</p>
<p><b>E o que é que sentiste naquele momento em que tiveste de deixar a tua casa e tiveste que te mudar para o colégio?</b> Hm... olha eu vou-te dizer uma coisa, eu por um lado, eu não fiquei triste por ir para o colégio.. eu não fiquei triste porque... a minha mãe estava muito doente e nós não tínhamos</p>	<p>Explica que antes de ir para a Instituição a mãe falou com ela e que a ida para lá, foi o último recurso, porque a P4 não tinha ninguém que ficasse com ela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conformação face à ida para a Instituição e consciência que a mãe não tinha condições para ficar com ela.</p>

<p>mesmo com quem, com quem ficar, já tínhamos ficado com o meu pai depois a minha madrasta era uma estúpida, tínhamos passado por umas casas de acolhimento.. e a minha mãe falou comigo</p>		
<p>e ela pediu-me a dizer que eu ia para o colégio para que eu estudasse estás a ver? Que ela nunca teve oportunidade de estudar, então que já que eu vou para eu estudar estás a ver? Ao que eu disse ok, então eu vou e vou estudar. Então ela fez-me uma boneca de trapos, era a roupa da bebé Nádia e ela encheu com não sei o quê e depois fez uma cabeça, que era uma boneca que eu adorava.</p>	<p>Explica que antes de ela ser Institucionalizada a mãe lhe pediu para ela estudar, porque a mãe nunca teve oportunidades para isso, revela ainda que a mãe lhe fez uma boneca para ir com a P4 para a Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face ao pedido que a mãe lhe fez antes da P4 entrar para a Instituição que era para esta estudar.</p>
<p>Mas no primeiro dia eu tive que lutar, Ya ya, porque uma miúda mais velha foi lá se meter comigo, ya então, acabámos ya.. em fight.</p>	<p>P4 explica que entrou em conflito com uma das suas colegas mais velhas, mal entrou na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de conflito que sentiu na Instituição.</p>
<p><b>Mas tu compreendias os motivos? Os motivos que te levaram a sair de casa e percebeste isso?</b> Sim sim. <b>Ficaste revoltada com isso?</b> Não... não porque a minha mãe falou comigo e eu acho que ela.. e acho que para a minha mãe acho que ela nos pôr no colégio foi como... ela na cabeça dela foi o melhor que ela podia ter feito tás a ver? É o melhor que ela tinha para nos oferecer naquele momento, porque a minha mãe passava mesmo ao ataque... ela bebia depois</p>	<p>Explica que a ida para a Instituição foi a melhor opção para a P4, pois não tinha condições em casa e por vezes a P4 é que tinha que cuidar da mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de compreensão face à ida para a Instituição.</p>

<p>tinha aqueles momentos de ama e havia vezes que era eu que tava lá a cuidar dela, invertíamos os papéis.</p>		
<p><b>Eras tu a mãe..</b> Então ela sentiu-se bué culpada, porque ela já tinha perdido a N. e a S., sentia-se sozinha porque ela... o F., o meu irmão F. tipo não parava, então para ela aquilo foi tipo uma tábua de salvação tás a ver? Aquela coisa que isto aqui é que é mesmo a melhor coisa que eu posso fazer por eles... eu tenho essa noção, eu sei que os meus irmãos mais novos não sabem tás a ver? Mas eu vi o que a minha mãe passou.. ya e ela falou comigo também,</p>	<p>P4 revela que a mãe se sentia culpada pelos seus outros filhos estarem Instituição e como não tinha condições para criar a P4, decidiu que a melhor opção era ela ser institucionalizada.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de consciência do porquê da ida para a Instituição e do porquê dos motivos.</p>
<p>então e também lá no colégio também tive uma certa sorte, quando eu entrei, eu tive no mesmo colégio que a Ivanira.. o colégio, que havia uma diretora, que ela era Dona São e ela era uma bruxa e queria entrar uma nova direção para o colégio, então eu entrei naquela fase de mudança e de limpeza, e renovaram tudo e eu lá no colégio tive acesso a coisas que eu não ia ter com a minha mãe então apanhei as empregadas más, a saírem...</p>	<p>P4 revela que teve condições e acesso a coisas dentro do colégio que não teria oportunidade se tivesse a viver com a mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento face à ida para a Instituição, por ter consciência que teria melhores condições que na casa da sua mãe.</p>
<p><b>Apanhaste a boa fase?</b> Ya e também como eu entrei crescida aquilo sempre foi difícil... não para já fui muito mimada pela Dona Lurdes e passava muito tempo na cozinha com a Dona</p>	<p>P4 revela que como já sabia fazer várias coisas que a mãe lhe tinha ensinado a ajudou a ser mais autónoma na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de ligação afetiva, com uma das funcionárias da Instituição e sensação de autonomia.</p>

<p>Lurdes porque a minha mãe já me tinha ensinado a cozinhar... então passava muito tempo na cozinha era mimada pela Dona Lurdes e depois como eu estava crescida eu sabia me desenrascar...</p>		
<p>mas houve uma vez que se juntaram então eu levei uma sova daquelas tipo que eu nunca pensei que ia poder levar na vida, e a xerifa tinha lá uma empregada que a gente chamava xerifa, que era uma chata e ela viu e ela fechou a porta e deixou-me lá.</p>	<p>P4 explica que foi maltratada pelas suas colegas da Instituição e que as funcionárias da Instituição não a protegeram.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção na Instituição.</p>
<p><b>Não vos defendeu</b>          Não não ela deixou-me lá tipo... lá a levar porrada.. e eu às vezes costume brincar, costume dizer que eu tenho o nariz mole por causa dos socos que levei, e então fiquei com isto aqui mole tás a ver? Lembro-me de nem querer ir para a escola porque fiquei com a cara toda arranhada até pensei que nunca mais ia ter a minha cara como deve de ser.... Não quis mais ir para a escola,</p>	<p>P4 explica que foi maltratada pelas suas colegas da Instituição e que as funcionárias da Instituição não a protegeram.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de desproteção das funcionárias face aos maus-tratos que sofreu das suas colegas de Instituição.</p>
<p>depois quando passou né... eu depois apanhei uma de cada vez... depois foi mesmo fácil.</p>	<p>Explica que depois se vingou das raparigas que lhe bateram individualmente.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de vingança face aos maus-tratos que sofreu na Instituição.</p>
<p>Eu também sempre gostei muito de livros e eu fui muito agarrada a essa coisa de livros, diários, eu até costume dizer que eu tratei-me. Ia muitas vezes à biblioteca ler livros de psicologia... E a Dr<sup>a</sup> belle que era uma nova diretora</p>	<p>P4 revela que sempre gostou de estudar e que como era muito ligada à psicóloga, começou a ler livros de psicologia para poder falar com ela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com gostar de ler livros de psicologia para poder falar com a psicóloga da Instituição.</p>

<p>e eu admirava-a e por eu admirar ia ler livros de psicologia para poder falar com ela... ela dizia de onde é que sabes esse termo e eu dizia ah sei lá devo ser muito inteligente.</p>		
<p><b>Tu lembras-te quando é que foste acolhida, quando te foram buscar?</b>  Eu se não me engano quem me levou para o colégio foi a minha mãe e a mãe da Ivanira também veio e a professora da Ivanira ... ah eu na escola primária era muito querida pela minha professora, pela professora Fernanda e a Ivanira era muito querida pela professora dela e a professora dela já há muito tempo que não lhe via e então foi connosco para ver a Ivanira e eu só lembro da dona Lurdes era o primeiro dia dela, era o meu primeiro dia e depois as miúdas todas a espreitar para me ver... eu não achei estranho tinha lá depois uma senhora que era Dona (Almida) ela tava a trabalhar nesse dia e era muito querida ela, eu lembro-me de ela ter dito que eu era muito bem educada, quando ela depois subiu, quando a miúda estava-me a bater lá em cima, lembro-me dela ter dito,” a miúda ainda mal chegou e já tão aí armadas em macacas ,suas macacas”.</p>	<p>P4 explica que quando foi acolhida, foi com a mãe e a professora e que foi muito acarinha pelas funcionárias da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de carinho face às funcionárias da Instituição, quando esta foi acolhida.</p>
<p><b>Sentias-te protegida?</b>  Não... o que eu sempre senti foi que pronto era uma nova fase, porque eu na escola primária era</p>	<p>P4 revela que viu a entrada para a Instituição como uma nova fase, onde iria estudar porque foi o que tinha prometido à mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos de consciência fase à Institucionalização e percepção de que estava ali</p>

<p>muito burra, então eu não sei porque mas eu na escola primária não conseguia ler e a minha professora tinha-me dito que como eu estava na quarta classe que me ia passar, mas que eu não tava pronta para passar, mas como eu já tinha 10 anos para não andar para trás para ir para uma nova escola para não ir para uma nova escola primária que ela me ia passar para eu ir para o ciclo, então eu estava lá com o objetivo que eu tinha prometido á minha mãe que ia estudar, tás a ver?</p>		<p>para estudar.</p>
<p>Eu sabia que era uma nova fase, e tinham falado comigo tás a perceber? Eu sabia que tinha que sair do sítio onde estava... não... não foi bem sentir-me protegida.. eu acho que é importante qualquer criança que vá para um sítio novo ela perceber porque é que está nesse sítio...</p>	<p>P4 explica que já ia preparada para onde ia, porque a mãe lhe explicou o porquê de ela ir para a Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de preparação por parte da mãe da P4 face à sua ida para a Instituição.</p>
<p>ya eu falo isso por experiência própria porque para além de eu ter ido para o colégio, de ter mudado de cidade eu trouxe os meus filhos para aqui portanto foi uma mudança bem grande, então o L., está assim meio bebezinho é outra coisa mas tento à maneira da idade dele fazer entender porque é que estamos aqui, depois o Â. já falo à medida que ele vai-me perguntando ou... digo-lhes porque é que estamos aqui.. estás a entender?</p>	<p>P4 revela a importância dos adultos explicarem às crianças as mudanças que vão ocorrer e o porquê disso ter acontecido.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à importância de se explicar às crianças o porquê das mudanças.</p>

Nós os adultos mudamos porque queremos e sabemos porquê mas as crianças não..		
e também eu acho que... eu não sei porquê mas parece que cada vez que entrava uma miúda nova parece que tinha que haver praxe tás a ver? Ya um espécie de praxe uma coisas assim..	P4 explica que quando entrava uma pessoa nova na Instituição tinha que haver uma praxe pelas mais velhas que lá estavam.	Unidade de significado psicológico face à rotina quando entrava uma nova criança para a Instituição.
mas não é aquele sentimento de lar.. tu não entras com aquela coisa do “ah isto aqui, vai ser uma família um lar novo” para já estás numa casa em que não podes estar com os teus pais	P4 revela que nunca foi com a mentalidade que a Instituição ia ser a sua casa.	Unidade de significado psicológico face a sentimentos de consciência face à Instituição não ser a sua casa.
<b>Mas ao longo do tempo, também achas que esse conceito de família não se criou, mesmo ao longo do tempo?</b> Não...não nem pode dar a entender a crianças que aquilo é o normal, porque não é. Aquilo não é o normal, aquilo é uma opção... uma outra opção... o que dá a sensação de família...	P4 explica que não se deve dar a entender que a Instituição vai ser uma casa, porque aquilo é uma opção, não é a etapa normal do desenvolvimento de uma criança.	Unidade de significado psicológica relativo a sentimentos de compreensão face à Instituição como uma opção e não como uma normalidade.
eu acho que também tive a sorte nisso é.. a Dona Lurdes foi uma pessoa que me deu muito carinho e também tinha a professora Lena que era aquele carinho, aquele miminho, aquela atenção, mas de certa forma.. o que me faltou ali foi...	P4 revela que teve sorte porque teve funcionárias com quem criou fortes ligações afetivas.	Unidade de significado psicológico relativamente a sentimentos afetivos face a funcionárias da Instituição.
sabes o que é que eu acho que falta nos colégios? Qualquer colégio que receba uma criança, para além de mostrar que aquilo é uma opção melhor à situação que estava.. e isso	P4 revela uma falha nos colégios que é preparar as crianças para o futuro e para o que vão fazer quando saírem da Instituição.	Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de falha da Instituição face à preparação da saída da P4.

<p>é o que eu tento fazer com os meus filhos desde já fazê-los pensar num projeto de vida porque aquilo é só uma fase, porque tu vais ter que saírs a perceber? E eu acho que a maior frustração é que depois chegas a adolescente e mesmo que estudes e assim tu não tens um projeto de vida.</p>		
<p><b>Achas que não te preparam ali, para a saída, para o futuro?</b>          Sim não preparam.. mas eu que sou mãe, passo o tempo todo, e uma das coisas que eu tento fazer com os meus filhos é fazê-los pensar no que é que querem fazer, quais são os sonhos o que é que querem fazer tás a perceber? E desde já nesse sentido tás a perceber? E se é para o desporto é para o desporto se é para ciências é para ciências, mas desde pequeno investir nisso. Porque se tu fores bem a ver todas as pessoas que chegam à minha idade e são bem sucedidas foram encaminhadas desde pequenas tás a perceber?</p>	<p>P4 explica que não a preparam na Instituição para a sua saída e que isso não facilitou o que ela é hoje em dia.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos não preparação da Instituição face a fazê-la pensar no que queria no seu futuro.</p>
<p>E eu acho que é um desperdício de dinheiro e de tempo a ver colégios que é só... ok damo-vos de comer, vão para a escola, damos o que vestir..são umas coitadas.. ali ninguém é coitado tás a perceber? Cada um vem com o seu drama, com a sua história, mas a história não é o presente tás a perceber? É preciso eu acho que ter um carácter</p>	<p>P4 explica que as crianças que são Institucionalizadas não são nenhuma coitadas e têm que se ser forte o suficiente para entender que aquilo não é a vida normal, e revela ainda que falta a preparação para o futuro.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativamente a sentimentos de ser tratada como uma coitada.</p>

<p>muito forte para tu cresceres e perceberes que a vida não é aquilo tás a perceber? Ou não é o que aconteceu na tua infância, ou que tens mais possibilidades que podes fazer outras coisas, podes conhecer outro mundo, outras pessoas, tás a perceber?.. Não.. são umas coitadas, nós estamos a fazer caridade... isso é bué.</p>		
<p>eu lembro-me de uma miúda que ela fazia questão de disfarçar ao máximo que vivia ali, tinha vergonha tás a perceber? Ya e ela continua a viver assim, essa parte do passado ela não conta a ninguém tás a perceber?</p>	<p>P4 revela a vergonha que uma das suas colegas tinha em admitir que vivia numa Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de vergonha que a P4 assistia das suas colegas face à sua história de vida.</p>
<p><b>Mas vocês na escola, vocês sentiam que havia alguma espécie de rótulo por parte dos vossos colegas, dos vossos professores?</b> Mas sabes que isso depende da personalidade de cada uma, por exemplo eu não sentia isso nem aceitava isso, mas havia miúdas que eu sei que sentiam isso tás a perceber? Porque eu costumo dizer que tive muita sorte no colégio onde eu estive, porque eu tive acesso a tudo, mas não via como caridade tás a ver? Ya então é isso.</p>	<p>P4 explica que a discriminação é sentida conforme a personalidade de cada pessoa, P4 explica que não admitia isso, mas que várias colegas suas sentiam a discriminação, revela ainda que tinha acesso a tudo na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P4 refere que a discriminação é sentida dependendo da personalidade da pessoa.</p>
<p><b>Como é que te sentias lá no dia-a-dia no colégio?</b> Houve fases, então é o seguinte, como aquilo, como nós tínhamos acesso a tudo, era uma casa em que os quartos tinham poucas meninas, não tinha</p>	<p>P4 explica que a Instituição tinha um aspeto normal, não era um aspeto de camarata.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de normalidade face à apresentação da Instituição.</p>

<p>aquele aspeto de camarata, os quartos tinham menos camas, dá-me um aspeto normal, ao colégio, aceitaram fazer isso,</p>		
<p>o que foi bom mas todas nós carregamos uma história, então na minha fase de que eu vou estudar, no meu primeiro verão, eu melhorei a minha escrita a minha leitura tás a perceber? A escola ia lindamente mas eu quando cheguei aos 13 anos, entrei com 10, fiz lá os 11 e quando tinha 13, eu tive imensa vontade de morrer, mas eu pensei que queria morrer porque eu tinha visto uma criança subnutrida na televisão, cheguei da escola eu vi aquilo e eu decidi que não queria viver neste mundo porque achava aquilo horrível e então, eu entrei para lá a levar tudo normal tás a perceber?</p>	<p>P4 explica que houve uma fase em que quis morrer, por achar que vivíamos num mundo terrível.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de tentativa de suicídio da P4.</p>
<p>As brigas, adaptar-me tipo à rotina, os horários, a escola à cidade tudo mais, porque éramos muitos pretos, então tipo era normal passarem e tipo “olha tão gira”. Na minha normalidade, essa coisa dos livros, houve um dia que cheguei, vi televisão e depois disse que queria morrer então armei um plano, então vi a empregada Dona Lisete que estava a tirar os comprimidos que estavam fora de validade, ya eu vi aquilo e esperei ela sair, peguei o máximo que pude, fiz um cocktail e tomei e achei que era a forma mais</p>	<p>Explica que depois de tentar o suicídio entrou em depressão.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos depressivos sentidos pela P4 durante a Institucionalização.</p>

<p>fácil de não sentir dor e então tudo bem e ya e deitei-me. Vesti-me toda bonita e fui-me deitar.. ya e acordar no paraíso, num sítio bué fixe e então olha fiquei bué frustrada quando acordei passado dois dias acho... fiquei tipo fogo ainda tou aqui não acredito tipo... fiquei bem frustrada, entrei em depressão num jogo emocional, e não tava aperceber porquê, mas tipo tinha uma mágoa bué grande tás a perceber?</p>		
<p>E a Anabelle começou-me a dar mais atenção e eu percorria a biblioteca...ya essa coisa da biblioteca, dos livros da psicologia, depois entendi porque era a depressão a vontade do suicídio e comecei a relembrar coisas que não me tinham afetado porque eu tinha que apoiar a minha mãe mas que tinham-me ferido só que eu antes da minha infância eu andava normal porque eu não sei se não tinha outra opção ou se... não sei, eu tinha arrumado aquilo num canto, as coisas que tinham acontecido, só que aos 13 anos as coisas vieram todas ao de cima. Eu fazia xixi na cama, só parei quando me veio o período, eu não percebi, foi uma fase que bué bué não sei, depois deu-me aquele choque da mudança.</p>	<p>Explica que a vontade de morrer e a depressão foram devido a coisas da sua infância que ela tinha posto de lado e aos 13 anos, tudo voltou à sua cabeça.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de compreensão face à depressão sentida pela P4.</p>
<p><b>Aí é que caiu tudo</b> Adiei muita coisa... ya... adiei muita coisa mas eu andava normal ia à escola, voltava na hora, fazia tipo</p>	<p>Explica que o método/rotina usado na Instituição era adequado e que resultava bem para a P4.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de satisfação face à rotina e método utilizado na Instituição.</p>

<p>tínhamos que acordar às 7, às 7 e 30 tínhamos que estar na mesa, às 8 tínhamos que estar a sair de casa, não podíamos faltar às aulas, entrávamos às 16.30 tínhamos que lanchar fazer os trabalhos de casa tomar banho antes de jantar e tínhamos as tarefas lembro-me que cumpríamos as tarefas as empregadas ficavam lá e registavam que cumpríamos as tarefas e no final de semana recebíamos a semanada de 350 escudos e tínhamos um mealheiro para pôr o dinheiro... se a semana toda corresse bem os pais de amigos nossos podiam-nos ir buscar, ou nós podíamos ir ao cinema, eramos compensadas por comportar bem, por isso acho que resultou muito bem</p>		
<p>até quando entrei nessa fase comecei a desafiar tudo, não não queria comer não ia para a mesa, não queria fazer as tarefas não fazia, tinha fazes de choro, ah depois na escola como era a única preta comecei a ser popular então dava-me com todos os grupos depois tipo os outros não tinham horas de ir para casa eu também não queria ir tás a perceber? E então foi uma fase... e aí eu comecei a desafiar-me, comecei a desafiar as regras e a Anabela tentava negociar connosco tás a perceber? Só que eu não gostei... ya eu não gostei do facto de ela ter dado (todo o mundo )para a</p>	<p>P4 explica que na altura da depressão começou a desafiar toda a gente e começou a negar a ajuda da psicóloga.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de provocação e negação.</p>

<p>psicologia tás a perceber? E ela ao tentar fazer isso eu chateei-me, para já porque eu dizia “ah eu não sou nenhuma maluca”, ela tentou levar as coisas muito para psicologia e eu acho que aquilo que me fazia falta naquele momento.. eu lembro que eu gostava de ténis... eu acho que isso teria compensado tás a perceber? Tipo agarrar-me a alguma coisa, que me educasse alguma coisas tás a perceber?... ya e não aquele discurso de “ah e vocês tão traumatizadas e são tão necessitadas... opah não sei”... acho que não levar tudo..</p>		
<p><b>Para o extremo</b> Não, tudo para o lado da caridade, das coitadas, o lado da psicologia tás a perceber? E como se... eu hoje em dia acho muito engraçado... como se qualquer pessoa, qualquer estado social... as pessoas têm as suas dores tás a perceber? E o que a dor... quando os teus filhos caem ou acontece alguma coisa na escola faz parte.. é as tuas coisas tu vais levar isso a sério ou não tas perceber? A culpa é tua porque tu tinha o poder dizer “ ok vou dar um passo para trás eu não quero dar importância a isto.” Tás a perceber?</p>	<p>P4 explica que sentia que a psicologia estava a ser levada ao extremo e que sentia que tudo que era feito era como se fosse caridade.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos negativos face à psicologia o que fazia com que se sentisse uma coitada.</p>
<p>Ya mas eu acho que foi mais por aí, olha lembro-me que passei a fumar, experimentei o meu primeiro cigarro, lembro-me que queria fazer</p>	<p>P4 explica que começou a fase da rebeldia nessa altura.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de provocação por parte da P4.</p>

<p>tatuagem, queria fazer piercing.. ya eu não fiz tatuagem nem piercing mas mãe.. né mãe.. tinha amigos na escola com ganzas então comecei a fumar, nunca fui de comprar mas.. tipo “ah tenho, Ok então passa aí” mas ao mesmo tempo eu acho que não fui das piores tás a perceber?</p>		
<p>Porque eu sabia porque é que tava ali e porque é que eu... eu se fosse por mim eu tinha estudado, se eu tivesse confiado mais tás a perceber? Porque em vez de ir para o pé da minha mãe, se eu não tivesse gasto muito da minha mãe também, eu tinha ficado em Abrantes e tinha ido direto para a universidade tás a perceber? Em vez de eu tentar até hoje ir para a universidade e ter um monte de coisas para equilibrar e para pensar tás a ver? Já tinha acabado de estudar,</p>	<p>P4 explica que estava na Instituição com o objetivo de estudar e não aproveitou isso.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de arrependimento face a não ter estudado.</p>
<p>mas de certa forma eu penso se as coisas não tivessem sido assim também eu acho que não sabia o que eu sabia hoje, tinha-me tornado uma pessoa se calhar arrogante, porque elas tentaram mostrar tudo. Tínhamos ginásio, dentista, ballet, aulas de pintura, música, mas era aquele sentido de forçado, não era tipo “olha tu gostas disto tu vais fazer...”</p>	<p>P4 explica que se não tivesse sido institucionalizada era uma pessoa diferente hoje, porque na Instituição tentaram-lhe mostrar tudo, contudo a P4 explica que sentia isso como sendo uma coisa forçada.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de gratificação face à Instituição.</p>
<p><b>Não era uma coisa natural..</b> Não, não era uma coisa natural tás a perceber?</p>	<p>P4 explica que sentia todo o investimento feito em si na Instituição como sendo falso.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de falsidade da Instituição face ao</p>

<p>Nem era porque elas estavam a investir na nossa educação, não estavam a investir no nosso conteúdo, tás a perceber? Era mais para dizer: “ nós como instituição, temos um grande projeto” e nós como internas não sabíamos isso, sabíamos que aquilo era tudo falso tás a perceber? Então eu percebo, porque é que nós por um outro lado desafiava-mos tás a perceber?</p>		<p>investimento que faziam na P4.</p>
<p><b>E quando estavas lá quais eram as tuas expectativas para o futuro, para quando saíesses do colégio?</b>  Haa.. primeiro foi por causa de ser psicóloga, mas depois, olha eu adorava desenhar, mas eu perdi o gosto todo pelo desenho quando me forçaram a ir para umas aulas de pintura e eu era obrigada a desenhar um jarro e então eu dizia sempre “ai que seca” então tipo ya houve uma fase que eu queria ser designer, fazer desenhos, fazia tipo pilhas e não sei quê mas com o tempo epah na verdade eu sempre quis ser advogada tás a ver? Desde pequena, porque eu achava se fosse advogada eu ia mudar o mundo e depois um dia ia ganhar dinheiro e ajudar a minha mãe tás a ver? Ya mas eu sempre quis estudar, eu sempre soube que queria ir para a frente com os estudos porque a minha mãe era analfabeta, uma das maiores frustrações dela, ela acha que a vida</p>	<p>P4 conta os sonhos que tinha para o futuro sempre com o intuito de ajudar a mãe e ter um futuro como esta não teve condições de ter.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de ajuda da P4 para com a sua mãe, como os seus sonhos quando estava na Instituição.</p>

<p>toda dela, acha que teve a vida que teve por não ter estudado, nunca teve oportunidade para estudar, então mesmo quando eu saí do colégio eu continuei a estudar, mas eu tinha que ajudar a minha mãe e a minha mãe era tipo, eu fui...</p>		
<p>eu saí do colégio porque, não me tinham deixado sair, tinham-me posto no colégio porque a minha mãe... eu soube que o meu padrasto bateu na minha mãe e que a minha mãe saltou pela janela e que ela tinha partido o pé, disse logo: “o que é que eu tou aqui a fazer? Então vou-me embora” então saltei pela janela, se eu tivesse voltado eles tinham-me aberto a porta, mas tipo a regra era: “ ah quem fizer isso já não entra mais”... Não, não, não eu não saí pela janela eu queria saltar pela janela, a Anabela não me deixou, ela disse que se eu quisesse sair para sair pela porta, eu saí pela porta.</p>	<p>P4 revela que fugiu da Instituição quando soube que a mãe estava a sofrer de maus tratos da parte do padrasto.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de proteção da P4 face à figura materna.</p>
<p>Porque quando chegamos a uma certa idade, queriam despachar as mais velhas tás a perceber? Quando lhes começávamos a dar trabalho, se quisesse sair elas ok diziam vai-te embora tás a perceber? Então ya saí aos 16.</p>	<p>P4 revela que na Instituição quando elas crescem as funcionárias as tentam colocar fora da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de despacho da Instituição face à P4 quando esta já tinha atingido uma certa idade.</p>
<p>Quando eu voltei, quando voltei para o pé da minha mãe, não gostei da situação como ela estava, então eu tinha que tar a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, para já a transferência</p>	<p>P4 explica que percebeu que a mãe estava num estado muito fragilizado e começou a trabalhar e a estudar para a conseguir ajudar e está hoje a tentar entrar para a Universidade.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de proteção da P4 face à figura materna.</p>

<p>demorou muito, eu perdi o ano porque a transferência tinha demorado muito. Então eu decidi que ia trabalhar à noite e estudar durante o dia, então a partir daí era tentar equilibrar essas duas coisas, não tava a conseguir, mas eu consegui acabar o 12º ano depois do meu 2º filho, lá para os 23, ya e entretanto, ya e agora, e ya tou aqui, tou a estudar espero ir para a uni e ya e vamos lá ver.</p>		
<p><b>Sentias-te autónoma lá no colégio?</b> Não... eu tinha que cumprir as regras.</p>	<p>P4 refere que não se sentia autónoma dentro do colégio que tinha que seguir as regras que lhe eram impostas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de falta de liberdade na Instituição.</p>
<p><b>Sentias que eles te defendiam muito lá dentro?</b> Não, também... é assim eu acho que aquilo era uma boa regra, que era, tu cumpres com a tua parte, tu ganhas nós damos-te... mas quando chegas à adolescência tu às vezes não queres ter que cumprir com as regras, tu não queres dar coisa nenhuma, tu queres é que te entendam e pronto tás a perceber? E eles lá, aquilo é uma instituição, logo, porque se fosse em casa a minha mãe se calhar ia pôr-me de castigo e aquela fase da rebeldia ia-me passar, porque tinha que passar, mas eles ali...ou cumpres ou não cumpres... tipo, logo eu não posso-me sentir autónoma porque eu não tou livre de me sentir em casa, aquilo é a minha casa, tás a perceber?</p>	<p>P4 refere que na Instituição eles tinham que cumprir todas as regras que lhe eram impostas, o que impediam que a P4 se sentisse em casa, apesar de aquela ser a sua casa.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de falta de liberdade na Instituição e conformação face a cumprir as regras que eram impostas.</p>
<p><b>E como é que tu vias o</b></p>	<p>P4 refere que tentava</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p><b>exterior, estavas na instituição não tinhas a liberdade total, como é que vocês lá dentro no colégio percecionavam?</b></p> <p>É assim eu tive a sorte de ter muitos amigos, bons amigos né, então combinava com amigas minhas, os pais delas, os pais, a mãe ou o pai irem pedir lá no colégio para ir passar o fim-de-semana e então eu ia passar fins-de-semana fora e aí tipo ia passear, ia fazer coisas normais tás a perceber? E em número pequeno porque quando tu fazes em número grande ganha a instituição tás a perceber?</p>	<p>passar dias em casa das suas amigas para percecionarmos um pouco da normalidade e estar num núcleo familiar.</p>	<p>psicológico relativo a sentimentos de contentamento por ter um suporte fora da Instituição a qual se apoiava para perceber o que era um núcleo familiar.</p>
<p>Normalmente o núcleo familiar é um núcleo pequenino e eu acho que nas instituições não têm que tentar fingir ou tentar ser a família ou o lar tás a perceber? Eu se abrisse uma instituição, a primeira coisa... vocês tão aqui para fazer as vossas escolhas, toma o tempo que precisares para pensar no que queres fazer, fala, porque há muitas miúdas ali... ali havia muita coisa que eu sabia que tinha acontecido ou que estava a acontecer, as miúdas não falavam tás a perceber?</p>	<p>P4 explica que as Instituições não são lar e que não têm que fingir que o são.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de consciência que as Instituições não são lar de família.</p>
<p>E eu acho que.... Eu gostava de ler e acho que descobri uma maneira de resolver-me mas há miúdas ali com a cabeça... não são adultos psicologicamente bem e se alguém é psicologicamente bem tás a perceber? Há muita gente com coisas por resolver e</p>	<p>P4 explica que têm colegas que não se conseguiram resolver, porque quando saíram da instituição não se adaptaram a uma estrutura completamente diferente.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de não preparação da Instituição face à saída das crianças.</p>

<p>isso limita-te porque tu tás no colégio e quem dizes coisas garantidas, depois estás cá fora... a estrutura é outra tás a perceber?</p>		
<p><b>Essa estrutura vocês só percebem quando vêm cá para fora não é?</b> Olha mais uma vez eu tive sorte, porque quando eu ia passar os fins-de-semana eu tive oportunidade de ver como é que era tipo a casa dos meus amigos e eu não tive bem essa estrutura... eu lembro dos meus pais juntos tás a perceber? Eu tive a sorte de lembrar como é que eram os meus pais juntos, mas eu sei que entravam muitas ali bebés, eu sei que os amigos não lhes iam buscar para assar o fim de semana fora. A Dona Lurdes levava-me muitas vezes para a casa dela, mas havia muitas que não saiam dali, ou tavam ali sem ninguém lhes ver.</p>	<p>P4 explica que não sentiu muito o impacto quando saiu da Instituição, porque estava habituada a passar fins-de-semana fora e também se lembrava do seu passado e dos seus pais juntos.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de consciência do que era um núcleo familiar por ter contacto com a família dos amigos e por se lembrar dos pais juntos.</p>
<p><b>E isso de ir passar também fins-de-semana fora, era sempre bom ou às vezes também era como se fosse um entra e sai, eram os fins-de-semana e depois voltavam tás a perceber o que estou a dizer?</b> No meu caso como eu ia ter... eu ia fazer coisas, eu ia a passeios na praia, eu ia para museus, eu ia para eventos, eu tava sempre ansiosa para sair, então eu cumpria as tarefas para conseguir isso tás a perceber? Quando eu comecei a querer sair com os meus amigos da escola, sair à tarde ou uma coisa</p>	<p>P4 explica que tinha uma vida social muito forte fora da Instituição e que entrou mais tarde para a Instituição o que lhe forneceu ferramentas para entender melhor as situações do dentro e fora da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos positivos face à vida social que a P4 tinha fora da Instituição e por ter entrado já com alguma idade.</p>

<p>assim, sair com eles tipo para ir para o cinema, lembro porque na altura eu tinha as quartas feiras livres, eu queria ir na altura acho que tinha para aí 14/15 comecei a beber imperial, então todos os meus colegas iam e depois das aulas iam para a messe ou iam para...eu comecei a andar de skate então eu queria ir para o parque radical, mas tinha horas para chegar a casa e eu acho que isso não foi mau de todo, mas eu tinha uma vida social fora mas havia miúdas que não tinham isso... mas eu tinha isso porque eu entrei com mais idade entendes? Eu entrei ali com muito mais idade mas há muitas que entram ali bebés e tinham passado por coisas tipo... sei de miúdas que levavam muita porrada ou houve uma altura em que comiam comida estragada coisas... sei miúdas que abusavam sexualmente tás a perceber? Mas eu já entrei tipo com mais idade.</p>		
<p><b>Achas que poderias ser diferente hoje se não tivesses ido para o colégio?</b> Olha às vezes eu paro para pensar e digo-te uma coisa, eu acho que podia ser diferente mas eu não acho que seja melhor tás a perceber? Porque a minha mãe não tinha mesmo condições... eu olho para as minhas amigas de infância com quem eu cresci e tinha-as deixado entendes? Eu aos 20 anos</p>	<p>P4 refere que ter ido para a Instituição foi positivo, porque a mãe não tinha condições e na Instituição teve melhores cuidados, proteção e educação.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de gratificação face à sua ida para a Instituição, por ter acesso a melhores condições.</p>

<p>eu já tinha a minha casa tás a perceber? Eu saí de casa aos 19 e já tinha a minha casa cedo e conseguia ajudar a minha mãe e a minha casa tas a perceber? E eu vi os meus amigos a demorarem a fazer isso, outras que graças a Deus os pais souberam-lhes encaminhar e tiveram um trajeto normal, foram para a universidade e fizeram a vida normal, mas eu na estrutura que eu tava, a minha mãe, a situação em que ela tava não sei se ela ia conseguir fazer muita coisa de mim tás a perceber? Porque eu ia chegar à consciência e se me desse ao pé da minha mãe aquilo que me deu aos 13 anos eu se calhar nem estava aí não sei, tás a perceber?</p>		
<p><b>Agora que saíste e que não tás no colégio, como é que tu vês os colégios por fora? Como é que tu vês uma instituição? Também já me disseste as partes que achas que se devia mudar, mas como é que tu vês agora?</b>          Olha eu não tive contacto com colégios, por acaso já há muitos anos que eu não voltei, já não voltava ao colégio onde eu estava mas por exemplo eu vi o colégio da S. e da N. e eu achei aquilo horrível eu tive bué da pena das minhas irmãs...porque...aquela coisa, isto é da caridade tás a perceber? Uma coisa é tu ajudares outra coisa é tares a fazer caridade tás a perceber?</p>	<p>P4 explica que quando foi visitar as irmãs à Instituição delas, sentiu pena das mesmas, porque sentiu que eram tratadas como coitadas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos negativos face às Instituições que fazem caridade e tratam as crianças como coitadas.</p>

<p>Quando tu ajudas uma pessoa tu tás a dar esperança, quando tás a fazer caridade a pessoa é coitada, tás a inferiorizar a pessoa tás a perceber? E então com essa ideia de caridade não existe coisa nenhuma entendes? Porque mesmo quando tu tás a ajudar outra pessoa acredita que tu tás a ajudar mais a ti do que á pessoa a quem tu tás a estender a mão entendes?</p>		
<p>Por isso olha eu se pudesse ter a possibilidade de ter uma casa de crianças eu ia ter, mas eu acho que é importante ser em número pequeno, ou se for em número grande eu acho que cada grupo pequeno deve ter um mentor tás a perceber? Porque toda a criança precisa de uma referência entendes? Tu os teus pais são a tua referência e tu quando tu vais para um colégio quem é a tua referência? Eu tive sorte tinha a Dona Lurdes, admirava a Anabela, depois tinha a professora Lena tás a perceber? Mas não é a mesma coisa entendes?</p>	<p>P4 refere a importância de cada criança institucionalizada ter uma referência só dela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à importância que cada criança Institucionalizada ter direito a ter uma referência.</p>
<p><b>Vocês eram muitos lá no colégio?</b> Até era um colégio com um número para aquilo que era normal, eramos 26, por isso se fosse possível dividir em números pequenos e ter uma referência <b>Para as crianças terem uma referência, para haver uma individualização?</b></p>	<p>P4 reforça a importância de cada criança ter uma referência na Instituição que não substitua o pai nem a mãe, mas que sirva de suporte.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de valorização de relações individuais de suporte nas Instituições.</p>

<p>É isso, é isso, tás a perceber? Acho que era isso que eu queria de diferente e é isso que falta nos colégios</p> <p><b>Cada pessoa ter uma referência, sim isso é muito importante</b></p> <p>Sim até porque quando entras na adolescência há algumas coisas que tu comesças a fazer, eu só consegui perceber que há alguma coisa de errado com os meus filhos porque os conheço bem. Eu sou a referência deles agora as empregadas tão ali a trabalho, a diretora e a psicóloga por mais boa que seja, ela vai dar, vai sempre escapar-lhe. Tas a perceber? Mesmo que não seja, até pode não ser um laço afetivo entendes por isso é que eu chamei meio mentor, para já ninguém tem que ser nem pai nem mãe de ninguém e são coisas que não se substitui, a partir do momento em que tu dizes olha eu estou aqui, crias um laço de por exemplo, eu tenho noção que há muito... leva-se algum tempo para muitas miúdas, por exemplo eu tenho uma miúda lá do nosso colégio, que ela não sai de Abrantes, ela tem um pavor enorme de apanhar comboio e ir a Lisboa entendes? Elas não sabem o que é o mundo ela entrou lá bebé, entrou lá depois saiu depois foi para uma casinha e teve ali ao ponto do colégio..</p>		
<p><b>Não sabem sair da zona de conforto</b></p>	<p>P4 refere de novo a importância das referências</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a</p>

<p>Ya exatamente entendes? Porque ela não lhe criámos estrutura para ela crescer enquanto pessoa, mesmo que o mentor não esteja sempre presente, porque eu como mãe aprendi que não é a quantidade de tempo que tu passas ao lado das crianças, mas a qualidade de tempo, então mesmo que não esteja lá sempre presente é aquela referência entendes? E acho que é por aí, acho que é isso que eu faria de diferente e ya acho que era isso.</p>	<p>para as criança que criam uma estrutura para que as crianças possam ser preparadas para sair da Instituição.</p>	<p>sentimentos de importância da preparação para a saída e de relações individuais de suporte.</p>
--	---	--

## Anexo E - Entrevista P5

Feminino

25 Anos

Foi institucionalizada aos 6 anos

<b>Transcrição da Entrevista</b>	<b>Comentário</b>	<b>Unidades de Carácter Psicológico</b>
<p><b>Lembras-te do momento em que te mudaste para a instituição?</b> Lembro. A assistente social tinha chegado a casa da minha mãe, tinha falado com a minha mãe, a minha mãe tinha começado a chorar porque sabia para onde é que eu vinha, só que eu não tinha noção para onde é que ia... Estava contente porque ia andar de carro, obviamente, e foi uma viagem muito longa.</p>	<p>P5 explica que não que a assistente social foi buscá-la a casa, mas que ela não percebeu para onde ia, apesar de ter visto a mãe a chorar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de não percepção inicial face ao facto de que ia ficar na Instituição.</p>
<p>Depois entretanto quando cheguei, uma casa nova, muitas amigas, pronto, comecei a brincar com elas, já não queria mais saber da assistente social, nem de voltar pra casa e eu disse que não ia, comecei a brincar com elas lá na salinha onde nós costumamos brincar, e depois entretanto chegou a hora de jantar, fomos jantar, a hora de dormir, e aí é que me ocorreu ‘‘Cadê a minha mãe? Mas eu vou dormir aqui porquê?’’ e depois, pronto. O início custou um bocado...</p>	<p>P5 explica que quando chegou à Instituição não se apercebeu logo que ia ficar lá, mas que depois quando chegou a hora de dormir, começou a perceber que a mãe não estava o que a deixou um pouco aflita.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de aflição quando a P5 percebeu que a mãe não estava e ia ficar na Instituição.</p>
<p><b>Lembras-te do que sentiste nesse momento?</b> Oh, deu me vontade de chorar, chorei a noite toda, mais umas quantas noites, só que depois olha, acostumei-me. Acostumei-</p>	<p>P5 revela que lhe custou bastante quando percebeu que a mãe não estava, mas que depois se adaptou.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de tristeza face à percepção de que ia ficar longe da mãe.</p>

me e depois...		
<p><b>Compreendias os motivos que te faziam estar ali aos 6 anos, ou eras muito pequenina?</b></p> <p>Não, naquela altura não tinha noção e depois fui crescendo e já começava a perguntar, curiosidade, “Mas porquê? Porquê?”, tanto que uma vez, deram-me um processo para a mão, quando eu já tinha mais ou menos noção das coisas, e eu li... E eu “ok, já percebi.”</p>	<p>P5 explica que inicialmente não se apercebeu dos motivos que levaram a ser Institucionalizada, mas que lhe depois lhe mostraram o processo com a sua história.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de compreensão dos motivos da institucionalização quando lhe mostraram o seu processo.</p>
<p>Depois entretanto tive muito tempo, depois de entrar no colégio, tive muito tempo sem qualquer contacto com a minha mãe, porque elas confundiram o facto de a minha irmã ter voltado para a Guiné com a minha mãe. Pensavam que tinha sido a minha mãe. E a minha mãe ligava a dizer que queria falar comigo e elas achavam que era impossível porque ela estava na Guiné, e estive para aí uns três anos sem falar com a minha mãe. Dois, três...</p>	<p>P5 revela que perdeu contacto com a mãe durante 3 anos, por causa de um erro da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de afastamento com a figura materna devido a erros técnicos da Instituição.</p>
<p><b>Como é que foi isso?</b></p> <p>Depois entretanto, quando a M. foi para o colégio, é que, como sabiam que ia para o mesmo colégio que eu, a minha mãe pediu se podia vir com elas, para me ver.</p> <p><b>Ah, porque vocês já se conheciam antes?</b></p> <p>Sim, nós eramos vizinhas. E então ela... De repente, aparece, porque eu não sei, o tempo não foi assim tanto, mas deve-se ter esquecido a minha mãe.</p>	<p>P5 explica que voltou a ver a mãe quando a sua vizinha foi Institucionalizada e a sua mãe veio com ela à Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P5 explica que passado 4 anos voltou a ver a mãe.</p>

<p><b>Dois anos ainda é um bocadinho...</b> Eu não reconheci a minha mãe, naquele dia eu estava a ver uma pessoa a chorar e a olhar para mim, e eu pensei mas...</p> <p><b>Não reconheceste?</b> Não, eu, eu sabia que era a cara dela por um lado, mas está a chorar porquê? Mas houve uma altura em que eu dizia "Acho que é a minha mãe", e depois é que me disseram "Olha sabes quem é?" e eu "Acho que sim", "É a tua mãe". E pronto mas, na altura, já me, não senti aquela saudade da mãe, eu vi ela ali a chorar e já estava habituada. Eu estava na fase de habituação ao colégio.</p> <p><b>Dois anos é muito tempo...</b> Sim, mas, já não, não sei. Nesse dia não senti nada! Na altura que eu a vi... Sentia falta dela quando fui com ela, mas não senti, pronto...</p>	<p>P5 explica que quando viu a mãe não sentiu nada, não a reconheceu realmente, já estava na fase de habituação à Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de indiferença e não reconhecimento da figura materna quando a voltou a ver.</p>
<p><b>Lembras-te da tua trajetória até à instituição?</b> Trajetória de casa da minha mãe para a instituição?</p> <p><b>Antes de ires para a instituição.</b> Há, há cenas que me lembro, <i>né?</i> Mas a maior parte das cenas que me lembro, é tudo coisas que, não me deixam contente. Lembro-me minha mãe chegar alcoolizada a casa, lembro-me dela de me bater a mim e à minha irmã, tinhas vezes, tinha uma vez que ela</p>	<p>P4 revela os maus tratos que sentia por parte da sua mãe enquanto vivia com ela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desproteção da P5 face aos maus tratos que sofria por parte da figura paterna.</p>

<p>normalmente deixava em cima da cama do quarto uma, uma moeda de cem escudos na altura, para depois tirar a senha na escola, a senha do almoço. E eu vi lá a ‘senha’, e eu tinha a mania que tudo o que era moedinhas eu apanhava porque havia um quiosque lá perto da escola e pronto... De maneira que eu apanhei a moeda e fui lá comprar um pacote de chicletes, e a minha mãe da janela disse-me onde é que eu fui buscar moedas, e eu disse-lhe que tinha ido tirar, e ela disse me ‘Então, quando chegares a casa já sabes, vamos ajustar contas.’ Ela dizia me sempre esta frase ‘Vamos ajustar contas’, e quando ela dizia isso Ui.. Demorava até ir para casa. Ela tinha de ir à rua à minha procura... eu, pronto, depois lá tinha que ir, e depois chegava a casa e levava, pronto, a minha dose.</p>		
<p><b>E lembras-te o que é que fizeste durante a vida na instituição, o que é que sentiste lá dentro?</b> É assim, de início, como eu já tinha dito, custou. E depois da fase de adaptação, depois já estava habituada mas tinha alturas que custava um bocado estar lá porque pronto, era das mais novas, e as mais velhas é que lideravam aquilo ali um bocado. E se não tivéssemos o que elas ‘coiso’, pronto. eu...</p>	<p>P5 enfatiza que durante a sua fase de Institucionalização era difícil por ser das mais novas e as mais velhas liderarem a Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimento de submissão face às suas colegas mais velhas na Instituição.</p>
<p>Na escola custava muito, principalmente na primária,</p>	<p>P5 revela a sua fase mais rebelde na escola.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a</p>

<p>quando, eu fugia sempre da escola, estava sempre a fugir da escola, não me apetecia estar na escola tanto que as únicas vezes que chumbei foram no quarto ano, as duas vezes no quarto. Porquê? Porque fugia das aulas. Íamos almoçar a casa, e depois a ida para a escola, todas elas iam mas eu ia dar uma volta. Fingia que ia à escola mas não ia. No terceiro ano tive um professor que, pronto, tentava que isso não acontecesse tanto. Não, no primeiro quarto ano.</p>		<p>sentimentos de provocação e rebeldia da P5 na escola.</p>
<p><b>Mas eras gozada por estares na instituição?</b>  Por estar na instituição e porque pronto, tinha, eu usava o cabelo curtinho, era maria-rapaz, e pronto achavam que eu era, por saberem que eu era de origens africanas, lá com aqueles comentários... Tudo bem que era crianças, mas também eu era criança e tinha noção dessas coisas. Agora olho para trás e acho um bocado ridículo e...  <b>E as crianças são más?</b>  Penso que sim, mas não, mas pronto na altura custou-me, bastante.</p>	<p>P5 revela que sofreu de discriminação por ser institucionalizada.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de discriminação sentido pela P5.</p>
<p>Depois entretanto no ciclo, quando fomos para o ciclo, era uma escola nova mas também custou-me um bocado porque aquilo era, uma escola daquele tipo de pessoal que também tínhamos que os respeitar se não... Também só estive lá dois anos: o quinto e o sexto. Correram super bem, tive boas notas. Também</p>	<p>P5 refere que a mudança de escola foi positiva, porque as pessoas já tinham outra mentalidade.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos positivos face à mudança de escola.</p>

<p>dois anos no quarto e depois tenho boas notas no quinto e no sexto (risos). Depois fiquei contente com a ia para o liceu, no liceu, tanto os alunos, os colegas, é outra mentalidade.</p>		
<p>Só que entretanto, depois passei por uma fase de depressão no nono ano, fui internada, e pronto as minhas notas não foram as melhores. Depois no colégio, quando acabou o nono ano e saber que passei <i>né</i>, com algumas ajudas dos professores, eu tive que me esforçar bastante no terceiro ano, eu decidi que queria voltar a estudar, que queria continuar a estudar,</p>	<p>P5 explica que teve uma fase de depressão e que teve notas mais baixas na escola nesta fase, mas que sempre quis continuara a estudar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos depressivos que afetaram a P5 no seu desempenho escolar.</p>
<p>só que a opção que me deram foi, e isso é umas das coisas que sinceramente me revolta no colégio, a opção que me deram foi: entre continuar a estudar, se eu quiser continuar a estudar, tinha que ir para a casa da minha mãe, e eu não estava preparada para ir para a casa da minha mãe, e ainda hoje nós não temos a melhor relação; ou ir tirar um curso, daqueles de centro de desemprego.</p>	<p>P5 revela que queria continuar a estudar e a Instituição disse que se ela quisesse tinha que voltar para casa da mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de revolta por não terem dado oportunidade à P5 para continuar a estudar.</p>
<p><b>E eles explicaram-te porque é que era assim, essas...</b>          Oh, porque, explicaram-me que as minhas notas não foram as melhores e que fui passada para ver se pelo menos tinha o nono ano e que, pronto, não tinha condições de ir estudar.  <b>Então deram-te essas opções.</b></p>	<p>P5 revela que teve que optar pelo que eles queriam, porque não queria voltar para casa da mãe e então, tirou um curso que não era o sonho dela e não é o que ela quer fazer para a vida.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de falta de liberdade de escolha face ao seu futuro para não ter que voltar a viver com a figura materna.</p>

<p>Exato, e eu tive que ir por aquela que eles queriam não é? Basicamente, era o que eles queriam. Foi o curso, sim. Até hoje tenho o curso de cabeleireira, tenho carteira profissional mas não é a profissão que eu... Realmente eu gosto de arranjar cabelos, às vezes as minhas colegas vão lá "Olha, faz me um penteado que eu vou sair", gosto... Mas não é uma coisa que eu diga que quero fazer para a vida toda. Quem sabe um dia, já que tenho o curso, aproveitar, mas não era o que eu queria.</p>		
<p><b>Sentiste que foste quase obrigada, que te fecharam ali mil portas.</b> Exato, exatamente. Depois entretanto tirei o curso, acabei de tirar o curso, eu realmente estava a estagiar no meu cabeleiro, mas ela não tinha gerido as condições para ficar comigo depois do estágio, e veio a pressão de "Tens de arranjar trabalho, tens de sair, estás a ocupar o lugar de uma rapariga na instituição", a pressão psicológica disso. Eu terminei o curso, acho que ainda tinha 17 anos, no décimo segundo ano, o que não é a mesma coisa, eu queria mesmo era continuar no liceu, aproveitar o facto de estar a gostar de estudar. Pronto terminei o curso, e estava a estagiar, estagiar não que eu não fiz o estágio profissional, e ia todos os dias para o cabeleireiro</p>	<p>P5 revela a pressão que sentiu quando fez 17 anos, para sair da Instituição e arranjar trabalho.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de pressão da Instituição face a apressar a saída da P5 da mesma.</p>

<p>ajudar, para não estar sem fazer nada, e ia-me inscrever nos vários sítios mas, não arranjava nada, nada, também eu tinha 17 anos. Depois fiz os 18, o mesmo com os 18 foi complicado, até que a meio, quando eu fiz os 18, já não aguentava a pressão,</p>		
<p>com muita pena minha, custou bastante, acho que custou mais a sair do que custou a entrar, custou bastante ter saído, mas foi a decisão que eu tomei, eu liguei várias vezes para a minha irmã a perguntar se era a melhor, se achava que eu fazia bem, e ela dizia-me, e tinha razão, “Tu mais tarde ou mais cedo vais ter de sair, e por isso mais sair e assim habituaste já”. Só que eu não queria, não queria, não queria por nada deste mundo, ir para a casa da minha mãe...</p>	<p>P5 revela que lhe custou muito a sair da Instituição, e que não queria por nada voltar para a casa da mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza face a ter que voltar para casa da mãe.</p>
<p><b>E quando saíste tiveste que...</b> Fui, fui direta para a casa da minha mãe. Só que na altura tinha nascido o meu sobrinho, e a minha irmã vivia com a minha mãe, porque partilhamos a infância juntas, e fomos direto para Aveiro. E eu gostei da ideia de morar em Aveiro, então fiquei em Aveiro. Fiquei lá com a minha irmã, e entretanto fui morar sozinha, arranjei um trabalhinho, só que depois a minha irmã veio para Lisboa e eu estava la sozinha...</p>	<p>P5 explica que quando saiu da Instituição teve que ir viver com a mãe, mas que depois mudou de cidade com a irmã.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P5 explica que depois da Instituição foi viver com a mãe e depois saiu da cidade com a irmã.</p>
<p>E eu não sei se é do facto de ter estado num colégio,</p>	<p>P5 explica que o facto de ter crescido na Instituição</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado</p>

<p>com muitas raparigas, e de estarmos sempre acompanhadas, mas eu não gosto de estar sozinha (risos). Não gosto mesmo! Agora estou a morar sozinha, tenho uma rapariga lá a morar comigo que também saiu da instituição mas não tem família, ficou trabalho e eu pronto, não sei, ‘Ficas aqui, até conseguires alguma coisa’. Ela já conseguiu um trabalho, já tem contrato, e nós tivemos a falar, ela vai sair de lá. E eu fico feliz por ela, por ela ter trabalho, ter a casa dela, é o que nós todas, basicamente quando sairmos de lá, queremos. Mas, por um lado fico triste porque ela fazia-me companhia, e eu não gosto de estar sozinha. Mas o que vale é que trabalho, os meus horários de trabalho apanham basicamente o dia todo, as minhas folgas tenho vindo para Algés, com o meu namorado, ou então para a praia, e pronto ando sempre ocupada. Não ando assim tanto sozinha. Evito estar as folgas em casa, se estiver nas folgas em casa, entro em crise, mas penso que tenho de ir ao parque ou passear, e pronto...</p>	<p>com muita gente, faz com que ela hoje não consiga estar sozinha.</p>	<p>com sentimentos de incapacidade de estar sozinha por ter crescido com muita gente em seu redor.</p>
<p>E, pronto, outra coisa que me deixa também chateada, é que as vezes, não mantenho tanto contacto com a instituição, mas esta moça que saiu à pouco tempo, tem mais contacto com elas porque a saída dela é mais recente</p>	<p>P5 explica que às vezes têm contacto com a Instituição e percebe que algumas das crianças foram para a Universidade e isso deixa a P5 triste porque a ela não lhe foi dado essas oportunidades.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de injustiça e desigualdade face às oportunidades que foram dadas à P5 e as que são dadas a outras crianças.</p>

<p>que a minha, e ela às vezes conta-me “Olha, sabes que já tirou o 12 ano”, e agora está numa universidade não sei onde, e eu “Quantos anos é que ela tem?” e ela tem mais ou menos a idade que eu tinha quando eu queria continuar a estudar. Deixa-me um bastante triste, e um bocado revoltada, mas não, não levo a mal...</p>		
<p>Acho que, é assim, elas lá tiveram as razões delas para achar que eu tinha de sair naquela altura, mas acho que se tivesse continuado, a maior parte do percurso da minha vida teria sido diferente, teria sido mais aproveitado...</p>	<p>P5 explica que hoje em dia seria diferente se lhe tivessem dado a oportunidade estudar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de tristeza por a Instituição não lhe ter dado oportunidade para estudar.</p>
<p>Mas pronto. Agora tenho um trabalho, ainda há pouco tempo tentei tirar um curso que me dava equivalência ao 12º ano mas, foi impossível porque a meio do curso, ia ficar sem fundo e moro sozinha, depois estava no quarto alugado e não dava mesmo. Então corri, as férias do curso foi o mês de agosto todo, e o mês de agosto todo estive à procura de emprego, e tive uns quantos mas era tudo temporário mas não era bem aquilo que eu queria, e enquanto tinha um temporário ia aproveitando mas sempre procurando algo melhor,</p>	<p>P5 explica que andou numa luta constante para conseguir arranjar emprego.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de luta constante para conseguir arranjar emprego.</p>
<p>até que me surgiu o Pingo Doce. Até agora estou a gostar, não é a profissão que eu queria mas dá-me a estabilidade que eu queria. Já vou no segundo</p>	<p>P5 relava que agora está estável num emprego em que pode evoluir mas não é o emprego de sonho da P5.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativamente a sentimentos de estabilidade atual face ao seu emprego, contudo não é o seu sonho.</p>

<p>contracto, pelo que vejo gostam do meu empenho... Inicialmente, estava na charcutaria só que há muito pouco tempo, há dois dias, chamaram-me à gerência, disseram que ia mudar para a fruta, porque acharam que eu devia ir para um sítio onde puxassem mais por mim e que eu pudesse evoluir. Agradou-me bastante, olha, já que não evoluímos numa maneira evoluímos doutra, e pronto... É porque gostam de mim.</p>		
<p><b>É porque gostam de ti... E criaste relações de afeto na instituição?</b> Criei, algumas. É assim, basicamente aquilo era uma família, eu sou uma pessoa muito sensível, e tenho os sentimentos à flor da pele,</p>	<p>P5 refere que a Instituição era a sua família.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de família face à Instituição.</p>
<p>e quando saí, ainda tentei manter o contacto com algumas delas mas, parece que queriam mesmo cortar o mal pela raiz, outra das coisas que foi muito doloroso, porque é a mesma coisa que saíres de casa da tua mãe e ela te dizer “Vá, agora estás por tua conta, faz o que tu quiseres...” mas custou, mas já me fui habituando,</p>	<p>P5 revela que das situações que mais lhe custou foi quando saiu da Instituição, as funcionárias terem cortado total contacto com ela, funcionárias que para a P5 eram a sua família.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a sentimentos de mágoa relativamente ao corte radical que a Instituição fez com a P5 quando esta saiu.</p>
<p>são coisas que eu tenho para mim para a vida, por exemplo, já tive trabalhos que eu gostava bastante mas que entretanto como queriam cortar comigo, fui despedida; os colegas eu gostava mas olha pronto “Já sei o que é que vai acontecer a partir daqui”. Cada um vai à sua vida,</p>	<p>P5 refere que devido ao seu processo de saída da Instituição, não se liga atualmente muito às pessoas quando gosta delas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desapego da P5 face às pessoas que gosta, para não acontecer o que lhe aconteceu na Instituição.</p>

<p>para o seu lado, mas olha quando der para combinar alguma coisa combinamos, quando não der não combinamos, olha...</p>		
<p><b>Como é que te sentias lá no dia-a-dia?</b>  No colégio? Sentia-me bem, às vezes tinha as minhas más disposições, não me apetecia falar com ninguém, saía da escola e ia direta para o meu quarto para ninguém me chatear. Pronto era um bocado preguiçosa a fazer as tarefas, estava sempre de castigo, sempre de castigo. Quando eu pensava que tinha uma semana livre e ia passar um fim-de-semana fora, lembrava-me que não tinha feito a tarefa e pronto “Fogo, estou sempre de castigo” (risos). Mas, pronto eu... uma das melhores fases que eu tive lá foi já tinha passado aquela fase da depressão, tinha entrado para uma escola de dança contemporânea, gostava muito daquilo, dos espetáculos que nós fazíamos, depois era um grupo bem engraçado, era... não sei explicar, gostava daquilo. No dia em que eu soube que tinha de ir obrigatoriamente que ir para o curso, pronto, significava deixar as aulas, porque o curso eras das duas as oito da noite e tinha que ir para Tomar. Então saía de Abrantes, apanhava o autocarro das onze e qualquer coisa para depois chegar lá, meio-dia, e depois almoçar,</p>	<p>P5 fala da rotina na Instituição com os castigos e as atividades que a preenchiem.</p>	<p>Unidade de significado psicológico onde a P5 revela a rotina e as atividades que tinha na Instituição.</p>

<p>almoçávamos na escola, depois ia para as aulas, e as aulas normalmente de dança eram às sete, às seis e as aulas era das duas às oito da noite.</p>		
<p>Também é outra lição que levo para a vida, que não posso ter tudo o que quero, tenho que abdicar de muitas coisas para ter outras</p>	<p>P5 revela que agora sabe não pode ter tudo e por vezes têm que abdicar de algumas coisas.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo à sua personalidade atual que advém do que passou na Instituição.</p>
<p><b>E as tuas expectativas quando estavas lá dentro para o futuro, para quando saíesses?</b>          Pensava em viver sozinha, arranjar a minha casa, um trabalho mas nunca pensando, lá está, aquela mentalidade que nós temos, que seria assim tão difícil. Mas eu falava muita vez, mas o pessoal dizia “Sabes que ver isso, tens que estudar e acabar primeiro a escola, e ter uma casa tens de fazer também as tarefas...” e eu “Ok, está bem...” e hoje realmente vejo que isso é verdade. E agora olho para trás e vejo que era mais feliz no colégio, quer dizer não é mais mas é de maneira diferente, não tinha responsabilidades e agora, pronto, o que muda é as responsabilidades. E agora vivo sozinha e tenho as minha responsabilidades, despesas e etc., trabalho e não tenho ninguém, alguém ali a cuidar de mim entre aspas, a dizer “Tens de fazer isto, tens de fazer aquilo”</p>	<p>P5 explica que era mais feliz na Instituição do que agora que tem que ser autónoma e fazer as coisas por ela.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de contentamento face à sua vida Institucional em comparação com a sua vida quando saiu.</p>
<p><b>Agora é por tua conta...</b>          Exato. É completamente</p>	<p>P5 revela a mágoa no facto de não a terem deixado</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a</p>

<p>diferente. Só gostava mesmo é de ter continuado a estudar...</p> <p><b>E foi isso que não te deixaram ...</b></p> <p>Exatamente.</p>	<p>continuar a estudar na Instituição.</p>	<p>sentimentos de mágoa por não ter conseguido continuar a estudar.</p>
<p><b>Sentias-te em casa?</b></p> <p>Sentia, no colégio. E aliás eu às vezes quando estou em família, acho que, para já família que nós estivemos juntos antes de eu ir para o colégio, mas eu era pequenina, uns três, quatro anos... Quando estou com eles, <i>epá</i> eu sei que é a minha família, mas eu não me sinto assim muito à vontade...</p>	<p>P5 explica que não se sente muito à vontade com a sua família biológica.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de constrangimento e inibição face à sua família biológica.</p>
<p>Eles mesmo agora dizem, os meus primos, que agora já falo mais, mas quando ia de férias do colégio para lá era muito calada, mas isso é em qualquer sítio que eu vou, fico assim um bocado tímida mas depois vou ganhando um à vontade. Mas também as minhas férias, quando eu ia de férias para casa da minha mãe, por exemplo, eu tinha 15 dias de férias e a parte melhor das férias era o início porque, pronto, íamos para casa do meu tio, estava com os meus primos e eu gostava, independentemente de ser muito calada, eles diziam “Olha queres vir connosco?” e eu “Ok, vamos...”</p>	<p>P5 revela que depois começou a ter mais à vontade com os primos biológicos e que nas semanas que ia passar com eles era mais independente que na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de independência face aos fins-de-semana que a P5 passava com os tios.</p>
<p>e eu ia com eles, fazer coisas diferentes que não faço no colégio, porque no colégio tínhamos horas para entrar, horas para sair, horas para ir fazer os trabalhos de casa, horas</p>	<p>P5 revela a rotina rígida que a Instituição tinha.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de rigidez face à rotina institucional.</p>

<p>para ir buscar a roupa, e passar a roupa a ferro, fazer tudo e mais alguma coisa, e ali não, ali podia ir às horas que eu quisesse, às horas que voltava.</p>		
<p>Só que depois a segunda semana de férias em casa da minha mãe, já era só mesmo em casa da minha mãe, e já não dava para estramos mais dois dias sozinhas as duas...</p> <p><b>Chocavam?</b></p> <p>Acho que temos mesmo o mesmo feitio, e não dá mesmo, não dá... Mas mesmo assim, outra coisa que acho que não ajuda na minha relação com a minha mãe, é o facto de, e eu sinto-me triste a pensar nisto e a dizer isto, mas eu não a vejo como minha mãe, eu sei que ela é a minha mãe, mas eu não a vejo como minha mãe.</p>	<p>P5 revela que nunca teve uma relação boa com a mãe e que o que a deixa triste é não ver a sua mãe como mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de tristeza por não ver a sua biológica como a sua mãe e não conseguir estabelecer uma relação saudável com a mesma.</p>
<p>Não sei... Se calhar sou capaz de ir ao colégio, e de ver lá uma funcionária e se calhar sou capaz de ter mais carinho pela funcionária...</p>	<p>P5 revela que vê mais algumas funcionárias da Instituição como mãe do que a sua mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de ligação familiar com algumas funcionárias da Instituição.</p>
<p><b>São as pessoas que te viram crescer...</b></p> <p>Exatamente, do que propriamente com a minha mãe. Eu acho que ela basicamente sente isso, e eu fico triste por ela sentir isto <i>né</i>, mas...</p> <p><b>É uma coisa que não consegues controlar não é?</b></p> <p>Exato, mas mesmo assim quando estou com ela, ela também não consegue ter atitudes para mudar isso, continua sempre a mesma (risos), não consegue...</p>	<p>P5 revela que a mãe também se sente triste com a relação que têm com a P5, mas que não faz nada para mudar isso.</p>	<p>Unidade de significado psicológica relacionado com sentimentos de tristeza face à má relação que P5 estabelece com a mãe.</p>

<p><b>O que é que achas que ganhaste e perdeste com a instituição?</b> Olha, quando saí da instituição perdi: ter vida boa (risos), perdi a vida boa que tinha lá, basicamente tínhamos uma vida totalmente diferente,</p>	<p>P5 revela que quando saiu da Instituição, perdeu a vida boa que tinha quando estava lá.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de perda quando a P5 saiu da Instituição.</p>
<p>mas quando saí ganhei mais responsabilidade, mais maturidade, eu acho que se continuasse muito mais tempo lá, até podia ir ganhando lá com o tempo, mas não com tanta rapidez como ganhei cá fora...</p>	<p>P5 revela que ganhou maturidade quando saiu da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de maturação por parte da P5 quando esta saiu da Instituição.</p>
<p><b>Porque foste mesmo obrigada a...</b> Exatamente. Mas não me arrependo. Tem dias que penso nas coisas boas, que foram muitas mesmo, na altura das brincadeiras que a gente fazia, subir às árvores, comer laranjas. Muito sinceramente ir para o colégio não me roubou a infância, tive infância na mesma. Acho que se calhar teria tido menos infância se tivesse ficado em casa da minha mãe, porque eu vejo pela minha irmã. A minha irmã com dez/onze anos tinha as facilidades de tomar conta de mim, na altura com quatro/cinco anos e da minha outra irmã mais nova... E se isso não fosse, pronto, já sabia que quando a minha mãe chegasse...</p>	<p>P5 revela que ter ido para a Instituição não lhe roubou a infância e que teve mais condições do que se tivesse ficado na casa com a mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de gratificação para com o facto de ter sido institucionalizada, porque conseguiu melhores condições do que as que tinha em casa.</p>
<p>De resto mais para o fim é que tive aquelas... de início também, quando entrei, tínhamos uma diretora assim mais rígida, não nos tratava da melhor maneira. Mas depois</p>	<p>P5 revela a pressão que sentiu por parte da Instituição para sair de lá e as dificuldades que encontrou quando saiu.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de difícil adaptação quando a P5 saiu da Instituição.</p>

<p>entretanto mudámos de direção e aí sim, começou a melhor fase. E depois o final, tive que sair, contra a minha vontade, mas tinha que ser. Eu preferia ser eu a sair, do que andar com aquela pressão do “tens que arranjar trabalho” e já não me sentia lá bem, já não sentia que aquilo era a minha casa, que era o meu... Sentia-me a mais, se calhar, não dava mesmo para continuar lá. Pronto... Depois quando fui para Aveiro ainda consegui esquecer isso de início, mas depois quando vieram as dificuldades é que voltei a lembrar “Fogo, não devia ter saído, devia ter ficado mais um tempo” mas olha, tive que me desenrascar, dar a volta por cima, e depois pensei “Não, se calhar devia ter mesmo saído!”</p>		
<p><b>Eras autónoma lá? Independente?</b>          Não, às vezes até para ir, por exemplo, a uma consulta, porque eu depois de ter tido o internamento, eu acabei o nono ano, e no curso de cabeleireira, eu tinha as consultas de psiquiatria, como era menor tinha de fazer, e eram lá em Tomar. Os professores já estavam informados da minha situação e eu tinha a liberdade de ir, pelo menos aquelas horas da consulta, até ao... Mas, lá está, se não fosse eu estar no curso e ter que ir até lá que era perto, eu acho que ia exigir que alguém fosse comigo,</p>	<p>P5 revela que não se sentia autónoma na Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de dependência na Instituição.</p>

para não ir sozinha e...		
<p><b>Mas era de ti ou achas que eram lá as funcionárias da instituição que faziam com que não fosses autónoma e prendiam-te muito? Ou era mais o teu feitio?</b></p> <p>Eu acho que sim, que é um pouco mais o meu feitio... Era um bocado de mim, falta de carinho... Pelo menos toda a criança que vai para uma instituição tem um pouco carinho, de algum modo ou de outro, carência de ter uns pais ou carência de ter... qualquer coisa. E pronto, e eu queria ter atenção, e se não tivesse pronto, ficava triste, amuava, que era a maneira que eu encontrava para ter atenção. Ou não fazia os trabalhos, pelo menos só o facto de elas virem ralar comigo.</p>	<p>P5 revela que gostava de obter a atenção das funcionárias, para poder ter carinho.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de carência afetiva e chamadas de atenção para obter atenção das funcionárias da Instituição.</p>
<p>Também foi uma coisa que eu mudei bastante, não gosto de estar sozinha mas já não gosto de ser o centro das atenções. E é uma coisa que me está a acontecer muito de facto, porque no trabalho eu sou uma pessoa muito calada, estou a fazer o meu trabalho <i>né</i>, não sou muito calada com os clientes, porque tenho de atender, mas assim de falar com colegas, sou um bocado reservada, mais calada... Eu acho que isso, puxa a atenção deles (risos), então mas, falar com eles, mas não me apetece falar, o que é que eu tenho para falar, não conheço... Já vou fazer</p>	<p>P5 revela que agora é uma pessoa mais reservada devido à desilusão que sofreu quando saiu da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desilusão face à sua saída da Instituição o que a tornaram numa pessoa mais reservada.</p>

<p>7 meses que estou lá, mas não tenho aquela confiança assim... Não sei se também é o receio de, porque já tive aquele desgosto de estar no colégio, e agora sou uma estranha para quem trabalhou lá, para quem viveu tudo lá, e se calhar é mais uma barreira protetora para...</p>		
<p><b>E quando estavas lá dentro, como é que vias o exterior, como era a tua relação com o exterior?</b>  Eu, devido a ter, eu gostava de sair às vezes quando elas queriam sair, para sair mais tarde, gostávamos de sair, de fazer as nossas asneiras, de chegar mais tarde e ficávamos de castigo. Mas a minha relação com o exterior mesmo cá fora, era muito certinha, muito tímida, muito com medo que apontassem o dedo porque eramos de um colégio, porque acontecia muito isto no, ou então havia aquilo do "Oh, coitadinha, anda num colégio"... E depois também pelo facto de, e não foi só na primária, no ciclo tivemos muito pouco, no geral, aquela discriminação de que somos de um colégio.</p>	<p>P5 revela que era muito tímida quando saía da Instituição, com medo de sofrer discriminação.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de medo de discriminação, o que fazia com que a P5 se tornasse tímida.</p>
<p>Tanto que quando eu entrei para a dança, eu era muito calada, eu não falava mesmo, porque as que nós dizíamos, entre aspas, "as vaquinhas", eram classe social mais elevada, eu estou cá em baixo por isso é melhor ficar no meu canto. Mas elas mesmo</p>	<p>P5 revela a sua personalidade que era e ainda hoje é marcada pela insegurança.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de insegurança por parte da P5.</p>

<p>puxavam por mim, tanto que depois uma delas convidou-me para ir passar um fim-de-semana a casa dela e comecei a dar-me mais com elas, e assim a estar mais à vontade na dança... Mas era sempre assim, sempre que via alguém novo, na turma e na escola também era assim muito calada, e até poderia ser a resposta da pergunta que o professor estava a fazer, só que não dizia com vergonha. Por mais que eu soubesse que estava certo, eu ia sempre errar.</p> <p><b>Não tinhas confiança.</b> Exato. Ainda hoje estou um pouco insegura... E pronto, e era assim, com o exterior.</p>		
<p>E depois às vezes é que a minha madrinha me ligava para me dar um recado e saía um pouco do colégio. E depois quando comecei a ultrapassar os receios e a passar fins-de-semana em casa da T., já começava a ir sair à noite, já começava a ficar mais à vontade. E comecei a ver as coisas de outra maneira, não como idealizo ou como...</p>	<p>P5 refere que quando começou a sair da Instituição começou a perceber que as coisas não eram como ela idealizava.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desilusão da P5 face à sua descoberta do mundo.</p>
<p><b>Estavas à espera... E achas que eles vos preparam para quando vocês saem?</b> Não... Não digo que seja em todos os colégios, mas estou a falar para este e não, de todo, não...</p> <p><b>Onde é que achas que eles falham aí?</b> Acho que se deviam preocupar mais em... Temos 17 anos, e sentar a</p>	<p>P5 refere como não preparam a saída da Instituição e como a despacharam quando começou a entrar na fase da adolescência.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de não preparação da saída da Instituição e de “despacho” da P5 da Instituição.</p>

<p>perguntar o que é que tencionamos fazer, o que não intencionamos fazer, “Se queres continuar a estudar ok tens garantido, mas tens de continuar a estudar porque sabes que isso é o ideal para o teu futuro, se não quiseres então a gente vai-te orientar, a procurar um trabalho, ou então vais tu mesmo, com a nossa orientação”... Eu vejo que ali, pelo menos na minha altura, eles querem despachar-nos porque estão com muito trabalho, e pronto lidar com adolescentes não é fácil, é a fase da rebeldia e compreendo perfeitamente... Mas o meu ponto de vista, e é uma das coisas que eu falo bastante com a M., a maneira que elas achavam para facilmente se livrarem desse problema, era aquela tal questão de “Tens que ir, porque estás a ocupar o lugar de uma criança que precisa mais do que tu...”</p>		
<p><b>Para te sentires mesmo a mais...</b> Exato. Tanto que na altura em que a direção mudou, tinha lá quatro meninas muito rebeldes, que saíam, chegavam às horas que queriam, sem dar satisfações e obvio que não podiam meter de castigo porque elas não obedeciam ao castigo e pronto, que tiveram um bocado a pressão psicológica, tiveram que falar com o vereador, e o vereador disse que pronto elas</p>	<p>P5 refere uma situação de duas das suas colegas que se comportavam mal e a Instituição fez pressão psicológica para elas saírem da Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relacionado com sentimentos de pressão que a Instituição fazia para as crianças quando atingissem uma idade saísse da Instituição.</p>

<p>tinham que sair, se não se sentissem bem, pronto tiveram que lá a conversa à maneira delas, tanto que elas acabaram mesmo por “Ok, então eu vou sair, não conseguimos estar mesmo disciplinadas, então vamos sair”. Mas saíram pela porta, ou seja, isso depois ficou da responsabilidade de quem lhes abriu a porta. Se elas tivessem fugido era outra coisa, mas ainda por cima saíram à noite, acho que não foi uma coisa assim muito correta, para uma psicóloga <i>né</i>, mesmo que fosse para elas saírem dizer que “Então olhem não vão sair a esta hora porque não têm onde dormir, onde ficar”... E só por ver que as deixaram sair àquela hora da noite dá mesmo para ver que era vontade de as ver saírem dali, não se preocuparam se iam para...Sem nada, sem malas, sem nada. E depois com o tempo é que era para ir buscar as malas... E foi assim, cada vez que vinha um obstáculo, uma mais velha era assim que funcionava...</p>		
<p>E não acho correto, e acho que qualquer pessoa também não achava correto, porque por mais que tempo, ali basicamente eram os nossos pais, por mais que nos desprezem, deviam fazer a conversa ao filho “Mas tens que por a tua vida para a frente, ver o que é que queres, o que não queres, não podes continuar assim”, mas</p>	<p>P5 compara a Instituição a uma família e refere que deviam preparar o futuro das crianças como os pais fazem com os pais.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de não preparação do futuro das crianças institucionalizadas por parte das Instituições.</p>

nunca lhes metendo assim desse jeito...		
E depois de eu sair do colégio a minha mãe já me fez isso duas vezes, por isso é que eu desisti de ficar lá, porque ela ainda hoje tem os problemas dela com álcool, e não dá mesmo... Cada um para o seu canto e está bom assim...	P5 refere que depois de sair da Instituição a mãe já a colocou fora de casa duas vezes por isso é que a sua relação é tão difícil.	Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de conflito com a sua figura materna.
<p><b>Deixa-te triste isso?</b>  É assim, deixa por saber que é a minha mãe, e que basicamente, que as minhas irmãs estão todas fora, vivem em Aveiro. É a única família que eu tenho, e eu não a culpo por ter ido para o colégio, porque ela teve lá as dificuldades delas, mas ela mesmo tendo as dificuldades dela, e eu sendo filha, ela também não se esforçou minimamente para que eu não disse, ou para que não estivesse lá tanto anos. Porque eu vejo montes de miúdos a irem para lá, mas os pais esforçam-se mesmo para mostrar que têm trabalho, que têm estabilidade e que podem ficar com eles... A minha mãe nunca, eu tive desde os 6 aos 18 anos, e a minha mãe se me foi visitar três vezes foi muito e cada vez que eu lhe pedia "Fogo, mãe vem-me visitar..." o problema dela era sempre o dinheiro, não se preocupava se eu estava bem, se me queria ver... Era tudo "Ah, eu não tenho dinheiro, eu não tenho..." e eu até percebo <i>né</i>, e o colégio até se</p>	P5 explica que o que mais a magoa é que a mãe nunca mostrou nenhum interesse em lutar por ela, enquanto a P5 estava na Instituição.	Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de mágoa face à mãe não ter lutado por ela.

<p>disponibilizava pagar a viagem de ida, e ela pagava a de volta, mas nada, ela não mostrava mesmo interesse em ter essa irresponsabilidade, para mim que sou filha dela.</p>		
<p><b>E achas que és uma pessoa diferente? Que serias uma pessoa diferente se não tivesse ido para o colégio?</b>  Acho que sim, que seria. Mas sinceramente não sei se para melhor... Tive no colégio, e pronto, era rebelde, tinhas as minha manias, mas acho que desde que saí, depois destes anos todos, estou melhor, sinto que estou melhor. E nunca pensei em estar assim...  <b>Mas conseguiste.</b>  Mas consegui. Por isso a partir de agora não acho que nada seja impossível.</p>	<p>Explica que hoje em dia é uma pessoa diferente e que acha que nada é impossível de realizar.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de crescimento face ao facto de ter sido Institucionalizada.</p>
<p><b>Assististe a maus tratos, lá dentro?</b>  No colégio?  <b>Sim.</b>  Das funcionárias para com as meninas, era só de início, na nova direção... Até eu sofri.  <b>Mas batiam-vos?</b>  Houve uma vez, que lembro-me que estava cheia de febre, e quando era mais nova fazia mesmo aquelas febres de 40 graus, e tinha imensas infeções urinárias, e pronto, normalmente as crianças com febre não comem, não têm vontade. E eu estava sentada na mesa do refeitório, e tinha a sopa, e estava cheia de febre, não tinha apetite nenhum, e eu</p>	<p>P5 revela que assistiu a maus tratos dentro da Instituição, mas que houve uma queixa e a direção mudou.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desproteção da P5 face aos maus tratos assistidos e sentidos na Instituição.</p>

<p>só senti por trás a mão da diretora a mandar-me um calduso na cabeça (risos), não sei se a febre baixou se a febre subiu, mas doeu-me tanto... Eu comi a sopa mesmo para não levar outro, e pronto. E assisti também a outra com uma moça que teve lá na altura em que eu tive, ela fazia xixi na cama, e uma das noites em que ela fez xixi na cama, e acharam que se lhe tivessem feito um castigo que ela ia aprender a não fazer xixi na cama. E o castigo que lhe fizeram foi embrulharam-na nos lençóis manchados, eram 5/6 da manhã e meteram-na na varanda a dormir...A sorte disso, e foi esse o motivo da mudança de direção, um jornalista passou e viu a situação, e fez uma matéria. Investigaram e ela foi convidada a despedir-se, para bem dela, e a direção mudou. Essa mesma rapariga a quem aconteceu a situação dos lençóis, houve uma altura na hora de almoço, que ela não queria comer mais, e a diretora disse ‘Vais comer isso tudo, não vais sair enquanto não comeres isso tudo’ e o que é que ela fez: nós tínhamos na altura galinhas e porcos, mas entretanto matou-se isso tudo, e tínhamos um baldinho na copa, e ela acabou e foi lá meter as coisas, a encobri-las não é, nessa altura nós eramos mais amigas do que depois mais para o final, e então</p>		
---	--	--

<p>nós estávamos a encobri-la e ela foi lá deitar o almoço, e depois disse que acabou. Entretanto a diretora deu conta que ela foi despejar aquilo para o balde das galinhas, apanhou assim um bocadinho de esparguete no balde das galinhas, e fê-la comer aquilo tudo. Outra situação, que era a V., a V. não gostava de canja de massa, e toda a gente sabia, cada uma comia qualquer coisa que gostava, a V. a comer e a vomitar com a C., e ela a insistir e mesmo do prato onde ela estava a vomitar, ela continuava a dar. E eram situações assim destas...</p>		
<p><b>Sentias-te protegida?</b> Depois dessa fase, dessa direção, sim. Sentia-me protegida, sim.</p>	<p>P5 explica que quando a direção mudou começou a sentir-se protegida.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de proteção na Instituição.</p>
<p><b>Mas a ver isso tudo...</b> Não de início, não... De início, chorava muito pela minha mãe, por mais que a minha mãe me batesse, chorava muito pela minha mãe.</p>	<p>P5 explica que no início do acolhimento sentia muita falta da mãe.</p>	<p>Unidade de significado psicológico face a tristeza no início do acolhimento por estar longe da mãe.</p>
<p>E pronto, mas depois passou essa fase, e veio a melhor fase, melhores funcionários, melhor direção... Melhor direção no sentido de nos tratar bem, mas depois tinha aquele pormenor de que quando atingíamos a maioridade e começávamos a atingir aquela fase da rebeldia, tanto que também soube, tempo depois de sair, que também havia tipo, entrada de meninas muito piores que nós, e que continuam</p>	<p>P5 refere que há muita desigualdade face às oportunidades que a Instituição dá atualmente às novas crianças do que na sua altura.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de desigualdade de oportunidade que foram dadas à P5 e as que são dadas a outras crianças atualmente na Instituição em que a P5 cresceu.</p>

<p>lá e não fazem nada. Elas é que são as diretoras da casa, e na altura faziam um drama de nós. Às vezes vou lá visitar o colégio, a monitora que nos ajudava nos TPCs ainda hoje diz “Pois, nós estamos aqui numa fase em que se uma I. voltasse, se uma P. voltasse, uma S. voltasse, era bem melhor.”</p>		
<p><b>E agora que estás de fora, que saíste, qual é a tua opinião sobre os colégios de hoje em dia? Como é que tu vês os colégios?</b> Os colégios como é que eu vejo... Eu sinceramente, quando ouço falar em colégios e em crianças que estão em colégios, fico com um bocado de pena, de pensar que possam ir para uma situação como a minha, ou melhor, ou pior.</p>	<p>P5 refere que sente pena quando ouve alguém a falar de crianças que estão numa Instituição.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos de pena face à P5 pensar que há crianças em Instituições.</p>
<p>Não é de todo mau um colégio, porque se for para melhor e se for para um colégio que realmente se preocupe com a criança e o bem-estar da criança, e por exemplo os mais novos ou arranjam um sítio onde ficarem, ou adoção ou mesmo tentar ajudar os pais a criarem melhores condições para ficar, porque nem todas as crianças que vão para lá é maus tratos, é mesmo a falta de condições dos pais...</p>	<p>P5 refere que as Instituições são a melhor opção quando não há condições na família, mas há um trabalho a ser feito com as família e com a criança.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a sentimentos positivos face à Institucionalização quando não há opções na casa “biológica”.</p>
<p>Acho que que dá um bocado de trabalho, mas acho que basicamente é esse o trabalho que têm que fazer, para tantas crianças não ficarem assim... Porque a maior parte delas</p>	<p>P5 refere que têm que haver um trabalho a ser feito nas Instituições de modo a pensar sobre o futuro das crianças.</p>	<p>Unidade de significado psicológico relativo a falha nas Instituições por não haver um trabalho efetuado com as crianças e com a família biológica.</p>

<p>vão sair de lá, e se calhar não vão ter capacidade de eu ou de uma Márcia, sei lá, de serem autônomas, se calhar vão pelo caminho mais fácil, e eu não digo que, depois de ter saído do colégio, não tive aqueles caminhos que seriam mais fáceis, mas eu recuei, “Não faz sentido, vou-me estar a meter se calhar pior do que a vida que eu tive anteriormente, não, não é isto que eu quero. Eu sei que custa trabalhar, custa ser independente, mas se calhar é isto é mais fácil do que ir por aquele caminho.”</p> <p><b>Claro.</b></p> <p>Toda a gente se calhar pensa que é mais fácil, mas é mais difícil. E vejo que nos colégios, há de haver muita gente com esse rumo, como pode não haver. Mas se for um colégio que se preze em proteger as crianças e ajudar a mostrar o rumo certo, tudo bem. Agora se for aqueles colégios que, pronto, é só para ter ali as crianças porque não têm onde ficar ou porque os pais não têm as condições...</p> <p><b>E que não lhes ligam nenhuma...</b></p> <p>Isso também, acho que não vale a pena porque para isso, duma maneira ou doutra, quando saírem dali vão se calhar ter a vida que tinham nos pais. Não digo que todos sejam assim, <i>né?</i> Mas há uns piores que outros...</p>		
<p><b>E achas que é isso que</b></p>	<p>P5 refere que as crianças</p>	<p>Unidade de significado</p>

<p><b>também deve mudar.</b> Acho, acho. E também, essas crianças dependem do futuro do nosso país, certo?</p> <p><b>Claro, é o futuro.</b> Exatamente. E se esse futuro não for muito bom, olha...</p>	<p>que estão Institucionalizadas são o futuro do país, e que deste modo também deve haver uma preocupação na orientação dos seus futuros.</p>	<p>psicológico relativo a sentimentos de preocupação face à preparação que não existe nas Instituições face ao futuro das crianças.</p>
<p><b>Obrigada.</b> De nada.</p>		